

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

JOSÉ ROBERTO DA SILVA ARAÚJO

**APOCALIPSE 13 E SUA NATUREZA PROFÉTICA: TESTEMUNHO CONTRA AS
BESTAS DE ONTEM E DE HOJE**

São Leopoldo

2021

JOSÉ ROBERTO DA SILVA ARAÚJO

**APOCALIPSE 13 E SUA NATUREZA PROFÉTICA: TESTEMUNHO CONTRA AS
BESTAS DE ONTEM E DE HOJE**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Atuação: Leitura e Ensino da
Bíblia

Pessoa Orientadora: Me. Verner Hoefelmann

São Leopoldo

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A663a Araújo, José Roberto da Silva
Apocalipse 13 e sua natureza profética : testemunho
contra as bestas de ontem e de hoje / José Roberto da Silva
Araújo ; orientador Verner Hoefelmann. – São Leopoldo :
EST/PPG, 2021.
112 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2021.

1. Bíblia - Profecias. 2. Literatura apocalíptica.
3. Economia – Aspectos religiosos - Cristianismo.
I. Hoefelmann, Verner, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

FOLHA DE APROVAÇÃO
JOSÉ ROBERTO DA SILVA ARAÚJO

**APOCALIPSE 13 E SUA NATUREZA PROFÉTICA: TESTEMUNHO CONTRA AS
BESTAS DE ONTEM E DE HOJE**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Atuação: Leitura e Ensino da
Bíblia

Data de Aprovação: 10 de setembro de 2021.

Prof. Me. Verner Hoefelmann (Presidente)
Participação por webconferência

Prof. Dr. Flávio Schmitt (EST)
Participação por webconferência

Prof. Me. José Edmilson Schinelo (UCDB)
Participação por webconferência.

*Àqueles que me deram a vida: meu pai
Mariano e minha mãe Odaíza, também ao
meu irmão Jaime e minha irmã Júlia, que
agora estão na casa do autor da Vida.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por ter me dado a capacidade de seguir realizando os meus sonhos e projetos. À minha família que o bom Deus me proporcionou, por me incentivar a dar os meus primeiros passos na caminhada acadêmica. À Congregação dos Missionários Oblatos de Maria Imaculada, por ter proporcionado esse estudo, em especial aos padres Pedro e Geraldo pela paciência e compreensão nos momentos diários. Aos e às docentes, que me acompanharam nesse processo de aprendizado, aqui destaco o professor Verner Hoefelmann, por ter me orientado nesse trabalho. A todas as pessoas que contribuíram direta e indiretamente, me auxiliando nessa caminhada,

Meu muito obrigado!

Se deva ou não haver vítimas, não é objeto nenhum de argumentação. Que haja vítimas é critério, e não argumento. O argumento revela onde há vítimas e como não pode havê-las. Que não haja vítimas tampouco é a verdade, mas o seu critério. Que não haja vítimas, é a vida humana; é quando os homens e as mulheres se fazem livres.

Franz J. Hinkelammert

RESUMO

O estudo da Bíblia é uma prática de muitas pessoas que professam a religião cristã. Porém, a leitura desse importante livro não se dá de forma unívoca, mas ganha diferentes interpretações. Nesse contexto, o problema que se coloca é que as interpretações podem não refletir a mensagem que o autor sagrado propôs ou até dizer o que ele não quis com seu escrito. Isso se aplica em grande parte ao livro do Apocalipse, com sua mensagem codificada através de símbolos, imagens, números, cores, elementos da natureza, animais. Ao ler o livro do Apocalipse, as pessoas acabam por fazer uma leitura literal do texto, não descobrindo a sua mensagem para as comunidades destinatárias e para o momento presente. Este trabalho procura oferecer algumas ferramentas que possibilitem um acesso contextualizado ao livro do Apocalipse, compreendendo que ele faz parte de uma literatura definida como apocalíptica, inserida no contexto do Império Romano. O livro foi escrito para comunidades cristãs da Província da Ásia no final da século I, quando Domiciano (81-96 d.C.) governava o Império. Com a intenção de manter a fé e o testemunho de Jesus, o Cordeiro imolado e ressuscitado, João, o irmão e companheiro buscou identificar o Império com um sistema que favorecia a morte de quem não seguia as suas regras. Essa denúncia é descrita pelo autor no capítulo 13, ao comparar o sistema de morte do Império com as bestas, uma que sai do mar e outra da terra. Enfrentar o sistema de morte de ontem e de hoje, denunciando o sistema que sacrifica vidas, é uma das mensagens que o livro do Apocalipse nos possibilita, oferecendo uma mensagem de testemunho e esperança.

Palavras-chave: Apocalipse; Bestas; Economia; Sacrifícios.

ABSTRACT

Bible study is a practice of many people who profess the Christian religion. However, the reading of this important book is not unambiguous, but gains different interpretations. In this context, the problem that arises is that the interpretations may not reflect the message that the sacred author proposed or even say what he did not want with his writing. This applies in large part to the book of Revelation, with its message encoded through symbols, images, numbers, colors, elements of nature, animals. When reading the book of Revelation, people end up reading the text literally, not discovering its message for the target communities and for the present moment. This work seeks to offer some tools that allow a contextualized access to the book of Revelation, understanding that it is part of the literature defined as apocalyptic, inserted in the context of the Roman Empire. The book was written for Christian communities in the Province of Asia at the end of the 1st century, when Domitian (AD 81-96) ruled the Empire. With the intention of maintaining the faith and testimony of Jesus, the immolated and risen Lamb, John, his brother and companion, sought to identify the Empire with a system that favored the death of those who did not follow its rules. This denunciation is described by the author in chapter 13, when comparing the Empire's death system with the beasts, one coming out of the sea and the other from the land. Facing the system of death of yesterday and today, denouncing the system that sacrifices lives, is one of the messages that the book of Revelation makes possible for us, offering a message of witness and hope.

Keywords: Apocalypse (Revelation); Beasts; Economy; Sacrifices.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO DA LITERATURA APOCALÍPTICA	23
2.1 A APOCALÍPTICA E SEU CONTEXTO HISTÓRICO	23
2.2 O CONTEXTO LITERÁRIO DA APOCALÍPTICA	28
2.3 O APOCALIPSE DE JOÃO E SEU CONTEXTO	30
2.3.1 Império Romano	31
2.4 BASES DE SUSTENTAÇÃO DO IMPÉRIO ROMANO.....	34
2.4.1 As províncias e a circulação da mercadoria.....	34
2.4.2 A base econômica do Império.....	35
2.4.3 Cidadania romana	37
2.4.4 Aspecto ideológico: a Pax Romana.....	39
2.5 GOVERNO DE DOMICIANO – 81 D.C. – 96 D.C.	42
2.6 PROVÍNCIA DA ÁSIA	43
2.6.1 Organização social.....	45
2.6.2 A base econômica na Província da Ásia	46
2.7 CULTO IMPERIAL	48
2.8 QUESTÕES LITERÁRIAS DO APOCALIPSE.....	51
2.8.1 Livro do Apocalipse: gênero literário.....	52
2.8.2 Autoria do escrito.....	53
2.8.3 Lugar do escrito	55
2.8.4 Data	55
2.8.5 Destinatários	56
3 APOCALIPSE 13.....	59
3.1 O TEXTO	59
3.2 CRÍTICA TEXTUAL.....	61
3.3 ANÁLISE LITERÁRIA.....	61
3.3.1 Delimitação do texto	61
3.3.2 Uma estrutura do livro	62
3.3.3 Uma estrutura de Apocalipse 13.....	65
3.3.4 Comentário ao texto: A besta que emerge do mar (v.1-10).....	66
3.3.5 A besta que sai da terra (v. 11-18)	79
4 AS FACES DAS BESTAS IMPERIAIS DE HOJE	89
4.1 A ECONOMIA, SEM CORAÇÃO, SE TORNA BESTIAL.....	91
4.2 RELIGIÃO E FÉ COMO INSTRUMENTOS DA BESTA.....	97
5 CONCLUSÃO	101

REFERÊNCIAS 105

1 INTRODUÇÃO

O conhecimento é uma ferramenta que nos possibilita novas buscas e uma dessas buscas é mediada pela pesquisa. Essa pesquisa possibilitou encontrar na leitura do livro do Apocalipse alguns questionamentos que são feitos em nossa realidade em relação a situações de destruição que provocam medo. Essas situações estão presentes na vida das pessoas, levando a uma ligação quase que direta com o livro do Apocalipse. Tem-se a ideia de que o livro do Apocalipse seria um livro de receitas para questões atuais, pois tais situações já aconteceram milênios atrás.

Nesse sentido, o livro tem sido lido e interpretado na atualidade sem critérios críticos, provocando interpretações que nem sempre são condizentes com o objetivo do livro, qual seja, ser esperança e resistência para as comunidades do primeiro século.

O Apocalipse foi uma semente lançada na história pelas comunidades do final do século I, quando o Império Romano dominava o mundo de então. Sementes de fé, esperança, teimosia e perseverança vão surgindo no enfrentamento das bestas que aparecem ao longo da história, que sempre se arrogam a querer ser como Deus. Trata-se de um deus da morte que quer sacrifício, para mostrar que ninguém será capaz de enfrentá-lo. Mas ao olhar com os olhos da fé, iluminados pelo Cordeiro, se percebe que a besta não é Deus, pois o Deus verdadeiro quer a vida de todos e todas, sendo, pois possível enfrentá-la e vencê-la.

Com a fé iluminada pelo Cordeiro, as suas testemunhas vão desmascarando o poder da besta que quer destruir a vida em nome de sacrifícios humanos. Assim, a mensagem do livro do Apocalipse chegou até os dias de hoje. Na tentativa de iluminar a realidade em que vivemos, o presente trabalho apresenta algumas chaves de leitura que podem nos ajudar em nossa caminhada de pessoas cristãs, seguidores e seguidoras do Jesus Cristo, a testemunha fiel.

A pesquisa realizada teve como objeto de estudo o capítulo 13 do livro do Apocalipse. Investigá-lo no conjunto do livro e a partir da realidade em que foi escrito possibilitou uma proposta de atualização e associação com o sistema socioeconômico atual. Possibilitou também perceber que sistemas de morte se atualizam ao longo da história e vão exigindo, a seu modo, sacrifícios humanos para

se manterem ativos. Isso se percebe na imagem das duas bestas que se consolidam em estruturas e sistemas econômicos e até em comportamentos de pessoas que querem usar as estruturas sociais para se manterem no poder.

O livro do Apocalipse, em seu conjunto, apresenta dificuldades de interpretação. Seu caráter simbólico, com a presença de imagens, números, cores etc., dificulta sua compreensão. Nem sempre se descobre nele uma mensagem de esperança. Dentro desse conjunto está o capítulo 13, que apresenta duas bestas monstruosas que representam respectivamente o imperador e seu sistema opressor imperial, uma que sobe do mar e outra que sai da terra. Diante disso se pergunta: é possível compreender esse livro bíblico sem fazer uma contextualização dele? Se isso se aplica a outros livros do Novo Testamento, tanto mais é necessário quando se trata do livro do Apocalipse. É preciso situá-lo no contexto dos escritos judaicos e cristãos anteriores que pertencem ao mesmo gênero literário, ou seja, à chamada literatura apocalíptica. Como podemos caracterizar esse tipo de literatura? Que elementos dessa literatura o livro do Apocalipse apresenta?

O capítulo 13 do livro do Apocalipse descreve duas bestas que surgem de locais diferentes. Entendemos que o autor buscou identificá-las a partir da realidade social, econômica e religiosa da época. Entendemos, igualmente, poder fazer essa relação diante da realidade de exclusão e geração de pobreza de tantas pessoas hoje. O atual sistema econômico, baseado no lucro, que dita normas e comportamentos de forma agressiva e até sacrifica vidas humanas em seu nome, como a um ídolo, não é uma blasfêmia? Conforme Apocalipse 13, a besta que surge do mar busca adoração e a que vem da terra está a seu serviço. Nesse sentido, podemos fazer uma relação a partir da compreensão de que o sistema econômico também tem aparência bestial. Foram perguntas que nos nortearam ao longo da pesquisa, para as quais se buscou oferecer algumas respostas.

A pergunta central que norteou a pesquisa partiu da seguinte questão: ao descrever as duas bestas, Apocalipse 13 apresenta uma denúncia do sistema social, político e religioso que predominava sobre as comunidades da província romana da Ásia. Ao apresentar-se com caráter sagrado, o Império reivindicava adoração e sacrifícios. Será que a realidade socioeconômica atual não se transformou em um desses deuses idolátricos, pervertendo o projeto de vida e dignidade que Deus quer para seus filhos e filhas?

Tendo em vista esse questionamento, buscou-se investigar o texto de Apocalipse 13 em seu contexto social e literário, buscando seu alcance atual, identificando-as com o sistema capitalista que se baseia no lucro, acima da vida. Nessa investigação, foi considerado o contexto da literatura apocalíptica que ganhou espaço após o exílio da Babilônia e se consolidou nos dois séculos a.C. e nos dois séculos d.C. O livro foi escrito no período do Império Romano, quando o imperador era Domiciano (81-96 d.C.), e endereçado às comunidades da região da Ásia Menor, na Província da Ásia.

O livro do Apocalipse nem sempre foi bem entendido dentro do conjunto dos livros das Sagradas Escrituras, gerando uma mensagem distorcida do que ele originalmente pretendia. O livro é cheio de imagens e visões, que para o leitor de hoje não são comuns, e sua linguagem também provoca curiosidades. Nos tempos atuais, é necessário fazer uma leitura que não seja fundamentalista¹, como se o texto fosse diretamente ditado por Deus ao escritor humano, fugindo de uma relação baseada no divino e no humano no relacionamento com Deus² ou fatalista do Apocalipse, percebendo os sinais de morte que cercam a humanidade e mantendo os olhos abertos para não nos alienar.

Percebe-se hoje que a alienação em busca de lucros e padrões sociais é comum. Enfrentar essa realidade que cega a muitas pessoas é um desafio diário, pois existem também as bestas de hoje a serviço de um sistema que persegue e mata quem quer que atravesse seu caminho, para impedir o lucro a qualquer preço.

Com ferramentas corretas será possível aproximar-nos mais da literatura apocalíptica e, de maneira especial, do livro do Apocalipse, proporcionando um maior entendimento do mesmo, buscando luzes para desmistificar os poderes bestiais, que estão presentes nas estruturas de morte e nas estruturas sociais de hoje.

Em se tratando do livro do Apocalipse, essa realidade de instrumentalização do livro sagrado é grande. Por isso é necessário aproximar-se dele com ferramentas

¹ “A leitura fundamentalista parte do princípio de que a Bíblia, sendo Palavra de Deus inspirada e isenta de erro, deve ser lida e interpretada literalmente em todos os seus detalhes. Mas por ‘interpretação literal’ ela entende uma interpretação primária, literalista, isto é, excluindo todo esforço de compreensão da Bíblia que leve em conta seu crescimento histórico e seu desenvolvimento. [...]” Pontifícia Comissão Bíblica. *Interpretação da Bíblia na Igreja*. 9 ed. São Paulo: Paulinas. 2010. p. 82.

² Pontifícia Comissão Bíblica, p. 82.

adequadas e métodos bem refletidos, que permitam interpretar seus textos com mais fidelidade e respeito à sua mensagem aos ouvintes de ontem e de hoje.

Através de uma bibliografia selecionada, buscou-se realizar a pesquisa tendo em vista as questões suscitadas durante essa caminhada. O trabalho final é composto por três capítulos, que oferecem, juntos, uma compreensão acerca do objetivo proposto: investigar o texto de Apocalipse 13 em seu contexto social e literário, descrevendo as duas bestas e buscando seu alcance atual, identificando-as com o sistema capitalista que busca o lucro acima da vida.

O primeiro capítulo apresenta o contexto histórico e literário da literatura apocalíptica, tendo em vista algumas informações sobre o Império Romano, sua estrutura de organização econômica, social, política e religiosa. Nele está descrito o papel da *Pax Romana* como a ideologia de uma força militar, que procurava legitimar a expansão e o domínio do Império sobre os povos conquistados. O viés econômico da *Pax Romana*, que gerava desigualdade entre as pessoas, também recebe atenção. Isso, se mostra na divisão de classes, tendo a família imperial no topo da pirâmide, a classe pobre na outra ponta, e mais abaixo, os escravos.

O aspecto religioso da *Pax Romana* também mereceu destaque no primeiro capítulo, visto que ele procurava legitimar e oferecer sustentação à estrutura do Império, ao propagar que os deuses e deusas é que favoreciam e abençoavam a dominação romana e que o imperador era filho de deus. Essa estrutura de dominação estava presente nas regiões que estavam sob o domínio do Império Romano. Isso se via nas províncias, com destaque para a Província da Ásia. Esses aspectos religioso, social, econômico e político foram destacados nas informações sobre a Província da Ásia, lugar de destinação do livro do Apocalipse. Algumas informações literárias foram destacadas acerca do livro.

No segundo capítulo reúnem-se algumas informações de crítica textual e literária sobre o capítulo 13, como a delimitação do texto, a estrutura do livro, a estrutura de Apocalipse 13, bem como um comentário ao texto sobre a besta que emerge do mar (v.1-10) e sobre a besta que emerge da terra (v. 11-18).

Com a intenção de oferecer luzes para o presente, o terceiro capítulo oferece uma atualização do texto objeto de estudo. O intuito desse capítulo foi identificar na atualidade imagens bestiais presentes nas estruturas sociais e econômicas que se baseiam no lucro acima da vida. Por exemplo, pessoas que, mesmo percebendo que o sistema vigente é um sistema de morte, por serem

beneficiadas por ele, propagam que alguns devem dominar, enquanto a grande maioria deve continuar sendo a base de sustentação dessa desigualdade. Essa estrutura bestial obviamente não condiz com a mensagem de vida e dignidade das pessoas que o livro do Apocalipse apresenta, a mensagem de vitória que o Cordeiro imolado vencedor trouxe ao povo.

2 CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO DA LITERATURA APOCALÍPTICA

A proposta deste capítulo é apresentar alguns elementos que nos possibilitem perceber o percurso da literatura apocalíptica no período bíblico. Os apontamentos feitos aqui mostrarão que não se pode compreender o livro do Apocalipse sem considerar esses elementos, evitando o risco de desconsiderar a mensagem que o autor procurou transmitir. No caso do Apocalipse neotestamentário, é preciso inseri-lo no chão da história e em seu nascedouro, que foi a Província da Ásia na segunda metade do primeiro século d.C. Foi nesta província, que fazia parte do grandioso Império Romano, que floresceu o livro do Apocalipse, com o objetivo de fortalecer a vida das testemunhas de Jesus Cristo, o Cordeiro que foi morto, mas ressuscitou.

2.1 A APOCALÍPTICA E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

O autor que escolhe um gênero literário para transmitir uma mensagem não o faz de modo arbitrário ou fortuito, mas, sim, com um sentido bem preciso. No caso do Apocalipse, o gênero literário que ele representa era bem conhecido na época do autor. Ele tinha uma finalidade, um sentido muito preciso:

Este gênero literário era comum quando o autor o empregou e teria por finalidade animar os perseguidos por sua fé a permanecer fiéis a Deus até o final, porque, embora pareça que Deus os abandonou, no final os premiará; não triunfarão as forças do mal, mas Deus e os seus.³

Iniciamos este capítulo com uma tentativa de definir o conceito de *apocalipse*. Isso nos ajudará de antemão a perceber a necessidade de inseri-lo em seu contexto, para sermos fiéis à mensagem que essa literatura traz.

[...] “Apocalipse” é um gênero de literatura revelatória com estrutura narrativa, em que uma revelação é mediada por um ser sobrenatural a um receptor humano, revelando uma realidade transcendente que é tanto temporal, na medida que prevê salvação escatológica, como espacial, na medida em que envolve outro mundo sobrenatural.⁴ (tradução nossa).

³ ARENS, Eduardo. **A Bíblia sem mitos**: Uma introdução crítica. São Paulo: Paulus, 2007. p. 100.

⁴ COLLINS, John J., editor. SEMEIA 14. **Apocalypse**: The Morphology of Genre. The Society of Biblical Literature, 1979. p. 9. (“Apocalypse” is a genre of revelatory literature with a narrative

Para compreender a resposta que o ser humano dá às suas interrogações, é preciso conhecer a realidade com a qual ele está se debatendo. Por isso, precisamos perguntar pelo contexto em relação ao qual o gênero apocalíptico quer ser uma resposta. A apocalíptica⁵ foi um gênero literário através do qual o povo de Israel procurou dar uma resposta a um contexto bem determinado, nomeadamente a partir do período do pós-exílico.⁶

A apocalíptica é “uma forma de protesto, e às vezes de resistência, contra um sistema opressor, centralizador de poder, ideologicamente discriminador, religiosamente monopólico, etc., que de fato os marginaliza”.⁷

A apocalíptica possui características bem precisas e, a seu modo, faz uma leitura da realidade em que o grupo está vivendo, buscando dar uma resposta a ela. Ela constitui um *gênero apocalíptico* do qual um bom número de trechos bíblicos faz parte, não apenas o livro de Daniel⁸ no Antigo e o livro de Apocalipse no Novo Testamento. Como informa Seresko,

Pertencem também ao gênero apocalíptico algumas seções dos profetas do exílio e posteriores ao exílio como Ez 38-39 e Zc 9-14, algumas passagens dos evangelhos (por exemplo, Mc 13) e certo número de obras judaicas e judeu-cristãs (como o livro de Henoc, o 2º de Baruc, o 4º de Esdras, a Assunção de Moisés). Embora esses últimos não tenham sido aceitos no cânon cristão, eram muito populares nas comunidades cristãs primitivas, e devemos sua preservação a essa popularidade no meio desses grupos.⁹

Trata-se de um movimento de resistência que criou uma forma de escrever, tendo como base a profecia e a sabedoria, embora a maior força tivesse sido a profecia. Como afirma Seresko, “o movimento apocalíptico surgiu como mentalidade

framework, in which a revelation is mediated by an otherworldly being to a human recipient, disclosing a transcendent reality which is both temporal, insofar as it envisages eschatological salvation, and spatial insofar as it involves another, supernatural world.)

⁵ “Corrente judaica desenvolvida no decorrer de dois primeiros a.C., que esperava e se preparava de maneira intensa para o fim do mundo. Esta estava ligada à chegada do Reino de Deus, que seria precedida por um juízo com uma clara separação entre os justos, que seriam salvos, e os ímpios que seriam condenados”. SKA, Jean-Luis. Antigo Testamento. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 215. 1 v.

⁶ KÜMMEL, Werner Georg. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulus. 4. ed., 2009. p. 595.

⁷ CROATTO, J. Severino. Apocalíptica e esperança dos oprimidos: Contexto sociopolítico e cultural do gênero apocalíptico. In: **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**. Petrópolis: Vozes, nº 7, 1990. p. 11.

⁸ RICHARD, Pablo. O povo de Deus contra o Império: Daniel 7 e seu contexto literário e histórico. In: **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**. Petrópolis: Vozes, nº 7, 1990. p. 37-38.

⁹ CERESKO, Anthony R. **Introdução ao Antigo Testamento numa perspectiva libertadora**. 2. ed, São Paulo: Paulus, 2011. p. 305.

e como literatura no meio do séc. II a.C., e durou até o séc. III d.C., combinando elementos dos movimentos proféticos e sapiencial, embora prevaleça o primeiro”.¹⁰

Esse movimento de releitura da história não nasceu pronto, ao contrário, foi ganhando força e espaço na medida em que o ambiente da profecia aos poucos enfraqueceu ou foi cooptado pela elite pós-exílica. Essa experiência que ganhava força ajudou o povo a manter-se fiel à aliança com o Deus da vida. Como dizem Mesters e Orofino, “o movimento apocalíptico é a nova forma da profecia em época de impérios”.¹¹

A profecia e a apocalíptica possuem formas diferentes de pensar, mas os objetivos são os mesmos: manter-se fiel a Deus. Pablo Richard nos diz a esse respeito que,

[...] A profética se desenvolve normalmente num mundo organizado, dentro do qual o profeta proclama a Palavra de Deus. A apocalíptica, por outro lado, nasce quando esse mundo organizado foi destruído ou quando o crente é excluído do mundo organizado e arremessado ao caos da marginalidade; o apocalíptico busca reconstruir a consciência, para tornar possível a reconstrução de um mundo diferente [...].¹²

O movimento profético existiu em um momento bem definido da história do povo judeu: quando o povo e as lideranças se desviavam do caminho de fidelidade a Deus, os profetas se tornavam os porta-vozes de Deus. Mas, no contexto pós-exílico, a situação era outra, estava tudo diferente, mudado. As lideranças estavam a serviço de um poder superior e dominador, que vinha de outra nação. As vozes proféticas de denúncia não faziam mais sentido, não podiam ser ouvidas. Quem deveria proteger e orientar o povo e indicar o caminho da fidelidade a Deus fazia o contrário, machucando-o mais ainda.

As lideranças judaicas, aliadas ao poder dominador, mantinham o povo sob controle e buscavam responder à realidade a partir de um projeto de exclusão. Era o projeto liderado por Esdras e Neemias.¹³ Mesters e Orofino afirmam a esse respeito que

¹⁰ SERESKO. 2011, p. 305.

¹¹ MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. **Apocalipse de João: A teimosia da fé dos pequenos**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 20.

¹² RICHARD, Pablo. **Apocalipse: reconstrução da esperança**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 23.

¹³ PIXLEY, Jorge. **A história de Israel a partir dos pobres**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 119; MANNUCI, Valério. **Bíblia Palavra de Deus**. Curso de introdução à Sagrada Escritura. São Paulo: Paulus, 4. ed., 2008. p. 82.

A partir de Neemias (445) e, sobretudo a partir de Esdras (398), o pouco poder que ainda restava ao povo ficou na mão da classe dirigente dos escribas e dos sacerdotes que, como funcionários do rei da Pérsia, passaram a conduzir os destinos do povo.¹⁴

Essa era uma reforma liderada pela elite social e religiosa, que, em substituição ao rei, trazia a lei, identificando-a com a lei de Deus (Esd 7,26). Nela, a pureza de raça vai tornar-se um dos focos importantes.

[...] Uma das principais tarefas de Esdras foi impor à população as proibições de matrimônios mistos (Ex 36,16; Dt 7,3), e isto com tal rigor que obrigava a divorciar-se aqueles cujas mulheres não podiam demonstrar sua genealogia israelita (Esd 9 – 10). Esta é uma tática repressiva da Golá contra os que viviam no campo e nunca sofreram o exílio. É um projeto de dominação da casta sacerdotal sobre a base camponesa da sociedade¹⁵.

A realidade que se apresentava, como se vê, exigia novas respostas. As respostas antigas já não satisfaziam. Com isso, o povo parecia estar abandonado e sem direção. Faltava quem indicasse o caminho certo (1Mc 9,27). Os profetas pareciam coisa do passado (Zc 1,4; 7,7) ou não existiam mais (Sl 74,9). Deus não falava mais ao povo, parecia não ser mais o mesmo (Sl 77,9.11). Foi como se uma nuvem escura pairasse sobre o caminho do povo de Israel.

O contexto de insegurança e a realidade sociopolítica que causava sofrimento e desintegração na vida do povo eram agravados ainda mais pela não realização das promessas dos antepassados. A situação vivenciada começava a questionar “o valor das promessas e bênçãos tão marcados nos textos sagrados [...]”.¹⁶ Tudo isso provocava junto ao povo um ambiente carregado de expectativas sobre a chegada do Reino de Deus, pois o mundo parecia estar sob domínio do mal. Essa situação, que gerava inseguranças e expectativa pela intervenção de Deus, pode ser assim descrita:

As tribulações messiânicas: pestes, fomes, tremores de terra, diversos flagelos; a volta de Elias; a manifestação do Messias (cada um esperava o Messias que corresponde à posição de seu grupo; o Messias atualmente escondido pode desempenhar o papel essencial ou um papel secundário, no conjunto); a luta e a vitória contra as potências maléficas; o Reino de Deus: restauração da teocracia de Israel, volta do exílio, purificação de Jerusalém, transfiguração do templo, renovação no espírito, reino político do Messias, participação das nações; restauração dos mortos; o juízo, a idade de ouro: felicidade messiânica para os justos, o castigo dos ímpios.¹⁷

¹⁴ MESTERS; OROFINO, 2003, p. 18.

¹⁵ PIXLEY, 1999, p. 97.

¹⁶ CROATTO, 1990, p. 11.

¹⁷ MORIN, Émile. **Jesus e as estruturas de seu tempo**. São Paulo: Paulus. 2016. p. 11-12.

Do fundo desse caos surge a apocalíptica como uma nova forma de reler a história e denunciar a situação de exploração e dominação. Como dissemos, ela foi ganhando força e espaço na medida que o ambiente da profecia aos poucos se enfraquecia ou era cooptada pela elite pós-exílica. Só que agora a denúncia passou a ser feita na forma de escrita. Ela era destinada ao povo e entendida somente pelo povo que estava sofrendo a situação desesperadora.

[...] o exílio do povo da Babilônia e a vitória de Ciro sobre o império babilônico mudaram a conjuntura, provocaram um aprofundamento na maneira de se exercer a profecia e lançaram a semente da qual nasceu o movimento apocalíptico.¹⁸

Isso possibilitou ver a caminhada com outra visão, e perceber a necessidade de novas mudanças.

[...] O que motivou esta mudança foi a situação de medo em que vivia o povo. [...] Os pobres não tinham defesa e continuavam a se agarrar em Deus. Não havia mais profetas para os sustentar. Foi aí que surgiu o movimento apocalíptico, como tentativa de manter a fé no Deus dos profetas.¹⁹

Por meio de visões, imagens do além-mundo, seres celestiais, símbolos e imagens, pensamento dualista, determinista, pessimista e otimista ao mesmo tempo, messiânicos em sua natureza,²⁰ se anunciava que este mundo de dor e de sofrimento iria passar. Um mundo novo, celestial, surgiria como prêmio aos escolhidos e fiéis a Deus do qual acreditavam. Assim, os apocalipses mantinham a esperança daquelas pessoas que sofriam as consequências do mundo governado pelas forças do mal, forças maléficas identificadas com pessoas, como os governantes, ou com localidades, como Babilônia ou Roma. Por isso,

O apocalipse geralmente termina com uma exortação aos fiéis para permanecerem firmes, para observarem atentamente os sinais do fim iminente e para guardarem com confiança e esperança a salvação que eles alcançaram na nova era que está para surgir.²¹

¹⁸ CRB. **O sonho do povo de Deus** – as comunidades e os movimentos apocalípticos. Coleção Tua Palavra é Vida. São Paulo: Loyola, 1996. p. 35. 7 v.

¹⁹ SCARDELAI, Donizete; VILLAC, Sílvia. **Introdução ao Primeiro Testamento: Deus e Israel** constroem a história. São Paulo: Paulus, 2007. p. 211.

²⁰ CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Milenium Distribuidora Cultural Ltda., 1980. p. 351-353.

²¹ SERESKO, 2011, p. 307.

2.2 O CONTEXTO LITERÁRIO DA APOCALÍPTICA

As fontes de pesquisa convergem em boa parte quando se trata de apresentar algumas características da literatura e do pensamento apocalíptico.²² Uma das características da apocalíptica é o caráter universal de seu pensamento. A revelação do conteúdo ao receptor da mensagem não diz mais respeito apenas ao povo de Israel, como se verifica na profecia clássica (os profetas Amós, Oséias, Miquéias, etc.), “mas, sim à história dos povos e dos reinos do mundo em geral”.²³ Nesse sentido, se amplia a realização das promessas feitas aos antepassados. Nesse sentido, Croatto assim expressa:

[...] Os apocalípticos aparecem, de fato, quando Israel não é mais um povo à parte, mas está totalmente dentro do torvelinho dos acontecimentos mundiais, o que sucede com o advento dos grande “impérios” como o dos gregos (selêucidas) e o dos romanos. Mas como as promessas históricas a Israel não se vêem realizadas no presente, e o tremendo poder opressor dos impérios, ou a prosperidade e prepotência dos ímpios e perseguidores não condizem com a justiça de Deus, os grupos apocalípticos põem todo o peso de sua esperança no futuro salvífico, um futuro já projetado por Deus e que se cumprirá segundo ele determinou.²⁴

Os apocalípticos proclamam que os acontecimentos que ocorrem ou que se desenvolvem estão nas mãos de Deus.

Como segunda característica da apocalíptica, que está em estreita relação com a anterior, podemos destacar o seu forte interesse pela história. Brakemeier assinala: “[a história] é dividida em períodos, cujo número, aliás, varia. Mas essa periodização da história reflete alto grau de raciocínio histórico”.²⁵ A história passa a ser relatada para calcular o tempo do fim.

Como o tempo do leitor se caracteriza por dor e sofrimento, a imagem de Deus poderoso que conduz a história ao seu final de vitória recebe na apocalíptica uma significativa amplificação: “Deus está só com seus decretos eternos”.²⁶ Seus planos já estão determinados desde os tempos remotos da história. Por isso, o apocalíptico “[...] informa quantas são as etapas do plano de Deus e em que etapa a

²² CROATTO, 1990, p. 16; ARENS; Eduardo; MATEOS, Manuel Díaz. **O Apocalipse: A força da esperança: estudo, leitura e comentário.** São Paulo: Loyola, 2004. p. 125-126; CHAMPLIN, 1989, p. 351-353; SCARDELAI; VILLAC, 2007, p. 207-208.

²³ BRAKEMEIER, Gottfried. **O mundo do Novo Testamento.** São Leopoldo: Comissão de Publicações Faculdade de Teologia, 1984. p. 102.

²⁴ CROATTO, 1990, p. 12-13.

²⁵ BRAKEMEIER, 1984, p. 102.

²⁶ Dicionário Enciclopédico da Bíblia. São Paulo: Loyola; Paulinas; Paulus; Academia Cristã, 2013. p.116.

comunidade se encontra. Ele faz isso voltando ao passado. Do passado, ele olha para o futuro e descreve as etapas da caminhada”²⁷. Do começo ao fim, as linhas da história convergem. “[...] A partir do final da história, o presente recebe seu significado”.²⁸ Para Richard, “[...] há uma só história, que se realiza simultaneamente no céu e na terra. Deus e o Messias ressuscitado atuam em nossa história, libertando-nos da opressão e da morte e construindo um mundo alternativo”.²⁹ As esperanças e tudo que pode realizar o ser humano já se iniciam aqui.

Como terceira característica da apocalíptica se destaca um dualismo ético. O mundo está organizado em forças duplas e antagônicas, tendo como objetivo o domínio do mundo, não outro ou um segundo mundo, mas esse mundo em que vivemos. Esse pensamento dualista provém de culturas ao redor de Israel e está bem representado na literatura apocalíptica: seres angelicais, diabo, serpente, Satanás como o acusador e adversário de Deus de onde procede o mal. Ele “personifica as forças do mal”.³⁰ Em relação às fontes de onde procedem essas imagens, Brakemeier diz que “devem ser procuradas no Irã por não ter analogia na literatura do AT”.³¹

Devido a esse dualismo, que marca profundamente o pensamento apocalíptico, destacam-se duas eras distintas: uma dominada pelas forças do mal (presente), outra pela força do bem (a futura). A era presente é marcada pela degradação do ser humano, que se torna perverso em seu comportamento na história. Porém, a força do bem tem Deus e seu Messias no comando³². Deus é o Senhor da história que vai conduzi-la a seu fim para a restauração total. Portanto, “[...] apocalipse não significava destruição, mas sim transformação, não fim do mundo material de espaço e tempo, mas sim o fim do mundo social do mal, da impureza, da injustiça e da violência”.³³

Uma quarta característica da apocalíptica é que a esperança se torna transcendente. Aqui existe uma diferença quando se compara a realização das promessas no Antigo Testamento, expressa nos textos proféticos, com a apocalíptica. Isso porque no pensamento apocalíptico a realização das promessas

²⁷ CRB. 1996, p. 51. 7 v.

²⁸ BRAKEMEIER, 1984, p. 102.

²⁹ RICHARD, 1999, p. 19.

³⁰ Dicionário Enciclopédico da Bíblia, 2013, p. 1222.

³¹ BRAKEMEIER, 1984, p. 102.

³² CHAMPLIN, 1980, p. 352.

³³ CROSSAN, John Dominica; REED, Jonathan L. **Em busca de Jesus: Debaixo das pedras, atrás dos textos.** São Paulo: Paulinas, 1ª reimpressão, 2012. p. 176.

no presente ou a restauração do povo de Israel já não são mais possíveis, em vista do grau de degradação desse mundo e suas estruturas. Para que Deus possa realizar o novo mundo, a realidade presente precisa desaparecer. Então a nova realidade oferecida por Deus surgirá. É por isso que a apocalíptica “revela o destino do mundo, ou seja, a escatologia, com frequência retornando ao passado, dando-lhe a aparência de presságios [...]”.³⁴

Essa dimensão da transcendência terá grande importância para a interpretação do Apocalipse neotestamentários, pois ele é justamente “[...] revelação (desocultamento) da presença transcendental e libertadora de Cristo ressuscitado na história”.³⁵

Essa mensagem apocalíptica que aponta para uma nova realidade é expressa por meio de uma nova linguagem. Essa é mais uma característica da apocalíptica. As revelações se dão por meio de imagens, visões, sonhos codificados em símbolos, dados a um grupo que é capaz de decodificá-los. O transmissor da mensagem pode ser um anjo ou alguém que a recebe e envia a seus ouvintes ou a sua comunidade.

Após destacarmos algumas características da literatura apocalíptica, apresentaremos a seguir algumas informações sobre o contexto do Apocalipse neotestamentário, que deve ser situado no Império Romano em fins do primeiro século da era cristã.

2.3 O APOCALIPSE DE JOÃO E SEU CONTEXTO

O Apocalipse de João denota marcas da literatura apocalíptica de seu entorno e é o único exemplar que vai ser acolhido como parte do cânon do Novo Testamento.³⁶ A aceitação desse livro pelas igrejas não foi unânime e nem todos os centros de evangelização aceitavam esse livro como escrito por uma autoridade apostólica.³⁷

Para entender o Apocalipse de João, é necessário igualmente inseri-lo no contexto em que ele foi escrito. Por isso, apresentamos uma breve descrição do

³⁴ ARENS; MATEOS, 2004, p. 126.

³⁵ RICHARD, 1999, p. 20.

³⁶ RUSSEL, D. S. **Desvelamento do divino**: Uma introdução à apocalíptica judaica. São Paulo: Paulus, 1997. p. 59.

³⁷ VASCONCELLOS, Pedro L.; da SILVA, Valmor. **Caminhos da Bíblia**: Uma história do povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 367; SCARDELAI; VILLAC, p. 209.

Império Romano, que constitui o ambiente desse livro. Este era o contexto em que as testemunhas do Jesus morto e ressuscitado precisavam manter a fé e a esperança de forma ativa.

2.3.1 Império Romano

A história mostra que aqueles que detêm o poder buscam uma forma de consolidá-lo, criando mecanismos de controle que favoreçam sua permanência no poder. Ao tratar do Império Romano, impõe-se a necessidade de descrever esse poder que foi se consolidando por séculos ao longo da história. Por volta do século II a.C., ao “[...] conquistar em 148 a Macedônia ao norte da Grécia”,³⁸ o processo de expansão começa a ganhar força, com a anexação de novos territórios por meio das conquistas.

Vemos assim que o Império Romano não entrou no cenário mundial de uma hora para outra. Desde o século II a.C.,³⁹ essa força vinha despontando no cenário mundial através de conquistas e consolidação do poder. O Império, em verdade,

[...] era um grande mosaico de reinos, povos, cidade e tribos. Cada pedrinha do mosaico mantinha sua própria religião, suas próprias leis e, até certo ponto, sua própria autonomia de governo. Mas todos juntos deviam estar integrados dentro dos interesses comuns do Império: pagar os tributos, os impostos, as taxas, não fazer guerras entre si, fornecer soldados para o exército romano, reconhecer a autoridade divina do imperador e cultuar as divindades.⁴⁰

Assim, absorvendo a influência dessa nova cultura, o Império Romano “[...] detinha poder absoluto e utilizava a *polis* grega para alcançar os seus objetivos de expansão e dominação. A cultura era helenista, o governo era romano”.⁴¹ O que importava era assegurar a vida do império através do domínio por meio das guerras. O que menos importava era o preço que se tinha que pagar. Eduard Lohse faz o seguinte comentário sobre uma dessas guerras:

[...] Após sua vitória no encarniçado conflito com Cartago, os romanos deram, a partir do século II a.C., crescente atenção à Grécia e ao Oriente. Em seu encontro com o helenismo, assimilaram a arte e a ciência dos

³⁸ BOHN GASS, Ildo. **Uma introdução à Bíblia**: Período grego e vida de Jesus. CEBI/Paulus, 2005. p. 109. 6 v.

³⁹ LOHSE, Eduard. **Contexto e ambiente do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2. ed. 2004. p. 187.

⁴⁰ CRB. **Viver e Anunciar a Palavra de Deus** – as primeiras Comunidades. Coleção Tua Palavra é Vida. São Paulo: Loyola, 1995. p. 37. 6 v.

⁴¹ CRB. v. 6, 1995, p. 39.

gregos, estendendo, ao mesmo tempo, cada vez mais seu poder, através de sucessos políticos.⁴²

Alastrando-se do oeste para o leste, o Império Romano alargou seu domínio sobre os povos conquistados através da assimilação e controle da cultura local da vida das pessoas, impondo assim seus interesses de dominação. Observa-se que o Império Romano se formou a partir das estradas que já haviam sido construídas anteriormente. Podemos descrever alguns momentos dessa formação da seguinte forma:

Em 148 a.C., conquistou a Macedônia ao norte da Grécia. Em 129 a.C., tomou conta da Ásia Menor (centro-oeste da atual Turquia). Em 67 a.C., meteu a mão em Creta, no Mediterrâneo, e em Cirene, no norte da África. Também transformou em províncias romanas o Ponto e a Bitínia, no norte da atual Turquia (65 a.C.), bem como a Síria (64 a.C.), chegando à Palestina em 63 a.C.⁴³

Tratando-se de um vasto Império constituído como um grande mosaico de territórios conquistados, o controle eficiente sobre eles só fora possível com um forte e organizado poder administrativo. Quem desenvolveu esta reorganização foi Otaviano, que passou a chamar-se César Augusto.⁴⁴ “Em 27 a.C., Otaviano entregou todos os seus poderes ao Senado. Este confiou-os de novo a Otaviano, concedendo-lhe ainda o título de Augusto, com o qual ele foi designado daí por diante”.⁴⁵ Isso modificou as relações dentro dessa nova forma de organização social que se desenhava.⁴⁶ César Augusto, herdeiro do que foi deixado das conquistas do período republicano, ao custo de muito derramamento de sangue e mortes por conta das sucessivas guerras,⁴⁷ saiu vitorioso do triunvirato formado com Lépido e Marco Antônio. Lépido foi forçado por Otaviano a abdicar do triunvirato em 36 a.C., [...] “desde então, a sorte do mundo romano vai decidir-se entre M. Antônio, no Oriente e Otávio, no Ocidente”.⁴⁸ Em 31 d.C. Otávio/Otaviano passou a ser o “único

⁴² LOHSE, 2004, p. 187.

⁴³ BOHN GASS, 2005, p. 109. 6 v.

⁴⁴ GIORDANI, Mário Curtis. **Antiguidade Clássica II: História de Roma**. Petrópolis: Vozes, 6. ed., 1981. p. 61.

⁴⁵ COMBY, Jean e LEMENON, Jean Pierre. **Roma em face a Jerusalém** – Visão de autores gregos e latinos. São Paulo: Paulinas, 1987. (Documentos do Mundo da Bíblia, nº 4). p 58.

⁴⁶ ENGEL, Jean-Marie; PALANQUE, Jean-Rémy. **O Império Romano**. São Paulo: Editora Atlas S. A., 1978. p. 11.

⁴⁷ GIORDANI, 1981, p. 55-60.

⁴⁸ GIORDANI, 1981, p. 60.

governante do extenso Império Romano”.⁴⁹ O Império designa ao mesmo tempo [...] “um tipo de autoridade política e a extensão geográfica que lhe está sujeita”.⁵⁰

César Augusto, que governou de 31 a.C. até 14 d.C., acumulou diversos títulos e assumiu todos os poderes no papel de [...] “cônsul, de príncipe, de imperador, de pontífice, de tribuno e de pretor”.⁵¹ Isso marcou o futuro da história do Império Romano. Ele tinha todos os poderes e pôde tomar todas as decisões que lhe aprouve.⁵²

Toda essa concentração de poder foi preparada de forma hábil. Otaviano provocou uma guerra entre as forças do Oriente e do Ocidente, da qual saiu vitorioso. O final desse período pode ser assim descrito,

Considerando-se perdidos, M. Antônio e Cleópatra suicidaram-se. O Oriente cai, então, sob o poder de Otávio, único senhor do mundo romano. Em 29 a.C., o vencedor volta a Roma e celebra festas triunfais. O templo de Janus é fechado para significar o término das sangrentas guerras que haviam abalado a República. Com o término dessas guerras, a República sucumbirá definitivamente.⁵³

Mondoni descreve desta forma a escalada de Otaviano na concentração de poder:

Com a vitória de Otaviano sobre Antônio em 31 a.C., surgiu a nova forma de governo, exercida pelo comandante do exército. Começou a Pax Romana (27 a.C.-180 d.C). Em 27 a.C. o senado concedeu ao imperador o título de Augusto (abençoado), até então atribuído aos deuses; tal título inaugurou o principado e o culto ao imperador. Augusto era o príncipe (primeiro) dos romanos e do senado e tinha o *imperium*, isto é, todos os poderes civis e militares; o poder tribunício conferia a inviolabilidade ou o caráter sacrossanto e permitia-lhe legisferar; como sumo pontífice era o chefe da religião. Descendente de Júlio César por adoção, Augusto e seus sucessores fizeram de “césar” seu nome de família, e por isso foi mais usado para designar a função imperial.⁵⁴

Roma, na pessoa do imperador e da estrutura organizada, se tornou o centro de todo o poder por séculos. “Roma, somente Roma, havia construído o reino e apenas ela poderia aprovar a existência de reinos menores e governos a ela subordinados”.⁵⁵

⁴⁹ LOHSE, 2004, p. 188.

⁵⁰ ENGEL; PALANQUE, 1978, p. 16.

⁵¹ BOHN GASS, 2005, p. 110.

⁵² ENGEL; PALANQUE, 1978, p. 13.

⁵³ GIORDANI, 1981, p. 61.

⁵⁴ MONDONI, SJ, Danilo. **O Cristianismo na Antiguidade**. São Paulo: Loyola, 2014. p. 33.

⁵⁵ CROSSAN; REED, 2012, p. 172.

2.4 BASES DE SUSTENTAÇÃO DO IMPÉRIO ROMANO

Passamos a partir de agora a descrever algumas bases que serviram de sustentação a esse grande Império. Como dizem Engel & Palanque: “[...] Quanto ao regime, não se iludam: a igualdade havia desaparecido e a liberdade estava comprometida. Mas a igualdade em Roma sempre só dizia respeito a um punhado de nobres, e a liberdade era tão difícil em um império tão vasto”.⁵⁶

Roma era uma cidade improdutiva, parasita, que vivia às custas das províncias. Procurava “garantir sua sobrevivência através de saques, tributos, taxas, impostos, escravos.”⁵⁷ Em contrapartida, [...] “os povos dominados por Roma passavam por sofrimentos indizíveis, porque Roma resolvia seus problemas à custa deles”.⁵⁸

2.4.1 As províncias e a circulação da mercadoria

“As conquistas romanas transformaram a capital do Lácio em centro de extenso império colonial. Incluía, além da península itálica, diversas províncias na Europa, na Ásia e na África”.⁵⁹ A organização do Império em províncias tinha um objetivo bem preciso: “a divisão dos povos vencidos, para melhor facilitar seu domínio, obedecia a um cuidadoso plano que visava fomentar rivalidades e invejas mútuas como maior ou menor favorecimento de certas cidades”.⁶⁰

Após a consolidação de seu poder imperial em 27 a.C., Augusto passou a repartir as províncias entre senatorias e imperiais.

[...] doravante só as províncias pacíficas permaneceram sob a alçada da velha assembleia e são governadas por procônsules; ao contrário, aquelas onde se aquartelam legiões ficam submetidas à autoridade direta do imperador que para elas nomeia legados [...].⁶¹

Ou seja, Augusto entregou ao Senado as províncias pacificadas, permanecendo a seu encargo aquelas que demandavam o comando da força militar.

⁵⁶ ENGEL; PALANQUE, 1978, p. 15.

⁵⁷ CRB, 1993, p. 238. 7 v.

⁵⁸ KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**. História e Literatura do Cristianismo Primitivo. São Paulo: Paulus, 2005. p. 298. 1 v.

⁵⁹ GIORDANI, 1981, p. 106.

⁶⁰ GIORDANI, 1981, p. 106.

⁶¹ SAULNIER, Cristiane; ROLLAND, Bernard. **A Palestina no tempo de Jesus**. Coleção Cadernos Bíblicos. São Paulo: Paulus 10ª reimpressão, 2014. p. 9.

“A constituição de províncias implicava a exploração de terras conquistadas [...]”,⁶² umas comandadas por Cesar, as outras, pelo Senado. Para as subordinadas a César, ele enviava governadores e procuradores, dividindo as regiões de acordo com as circunstâncias e necessidades do momento. Para as províncias senatoriais, ele enviava pretores ou procônsules, sendo também redivididas quando a necessidade se fazia sentir.⁶³ Entre províncias senatoriais administradas por consulares se encontrava a da Líbia e a da Ásia. As províncias garantiam o sustento de Roma através dos tributos, que era um “prêmio pela vitória e castigo pela guerra”.⁶⁴

Mesmo que a língua oficial do Império fosse o latim, a aproximação entre as províncias, pessoas e o comércio se dava pelo grego *koiné*.⁶⁵ uma herança do período de dominação grega sobre a região. Um sistema de transporte bem montado facilitava a “mobilidade pessoal, tanto física, quanto social”.⁶⁶ Isso favorecia a concentração de riqueza, de mercadorias e escravos em Roma e nos grandes centros provinciais. Ao mesmo tempo essa mobilidade facilitava o controle das províncias por parte das autoridades que estavam a serviço do poder imperial, por meio dos aliados locais e do exército.

A mobilidade de pessoas e mercadorias acontecia por via terrestre ou marítima.⁶⁷ Como informa Meeks,

O poder romano possibilitou essas viagens florescentes empregando dois meios muito práticos: a presença militar romana para combater os salteadores em terra firme e os piratas nos mares no mínimo, e a responsabilidade pelo governo imperial sobre os sistemas de estradas ao longo de suas regiões.⁶⁸

2.4.2 A base econômica do Império

Algumas realidades marcaram a economia no Império Romano.

A conquista militar do vasto Império e a exploração sistemática dos países conquistados dão um tom especial à atividade econômica. A diversidade de

⁶² KOESTER, 2005, p. 293.

⁶³ COMBY; LEMONON, 1987, p. 56.

⁶⁴ KIPPENBERG, Hans G. **Religião e formação de classes na antiga Judéia**. Coleção Bíblia e Sociologia. 4 v. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 104.

⁶⁵ LOHSE. 2004, p. 198.

⁶⁶ MEEKES, Wayne A. **Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo**. Coleção Bíblia e Sociologia. 8 v. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 32.

⁶⁷ GIORDANI, 1981, p. 139.

⁶⁸ MEEKS, 1992, p. 33-34.

regiões e de raças integradas no domínio de Roma emprestou às transações comerciais uma policromia que transparece na infinidade de produtos que cruzam as estradas do Império e as rotas marítimas desde as mais longínquas plagas, transportados pelos mais diferentes tipos humanos em demanda da *Urb* soberana.⁶⁹

Devido às vias vigiadas e ao patrimônio protegido, o seu destino estava garantido e a economia estava assegurada. Assim, a capital do Império podia expressar seu esplendor.

[...] a economia e o comércio floresciam, estendendo-se para além das fronteiras do império até o Atlântico, o Mar Báltico e a África. A cidadania romana também era conferida a habitantes merecedores nas províncias fora da Itália. Todo o cidadão do império podia viajar livremente, e só nas fronteiras das províncias é que se cobrava uma pequena taxa de alfândega. A população de todo o império se sentia segura e, finalmente, livre de ameaças contra o patrimônio e contra a vida.⁷⁰

A economia no Império⁷¹ é marcada pela realidade rural, quer seja pela agricultura, quer seja pela pecuária, pela realidade industrial e pelo comércio. A agricultura se estendeu em grandes fazendas que formavam verdadeiros latifúndios com a criação de gado, produção do azeite e do vinho. As terras eram cultivadas em geral por escravos ou por arrendatários.

A indústria e o comércio alcançaram notável crescimento na capital do império, lugar para onde acorriam as riquezas das nações e escravos de todas as raças. Tudo que Roma produzia vinha dos escravos ou dos artesãos livres. No entanto, a produção que chegava em Roma só dava para o abastecimento local.

O comércio de Roma alcançou o auge com a *Pax Romana*, a paz que os poetas dos tempos de imperador Augusto declamavam em homenagem a ele por seus feitos de pós-guerra, era a "*Pax Augusta*"⁷², a "idade de ouro".⁷³

A pax romana não era qualidade estática ou simplesmente ausência de guerra, mas a busca dinâmica exigindo vigilância constante e desejo permanente de batalhar contra o inimigo. Pax não era algo que se exigia por si, mas algo que se devia construir.⁷⁴

⁶⁹ GIORDANI, 1981, p. 124-125.

⁷⁰ LOHSE, 2004, p. 191.

⁷¹ GIORDANI, 1981, p. 132-146.

⁷² WENGST, Klaus. **Pax Romana**: pretensão e realidade. Coleção Bíblia e Sociologia, vol. 7. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 18.

⁷³ ARENS; MATEOS, 2004, p. 337.

⁷⁴ CROSSAN, John Dominic; REED, Joathan L. **Em busca de Paulo**. Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano. São Paulo: Paulinas, 3. ed., 2015. p. 100.

Este foi o período no qual o fluxo de pessoas e mercadorias puderam circular livremente.⁷⁵ Isso facilitava a importação, que era muito maior que a exportação.

A questão era de onde vinha e qual era o destino das mercadorias. Devemos fazer aqui uma distinção: os que possuíam e detinham o controle da economia e os que quem somente as produzia⁷⁶, os que pagavam os impostos e taxas e quem deles se beneficiavam.

Os escravos e escravas, eles próprios considerados como mercadorias, tinham os mesmos sentimentos dos que os estavam transportando para o comércio? Eles serviam para aumentar mais ainda a economia. Isso era fato, pois,

A economia antiga tinha seu fundamento na escravidão. O escravo era considerado um bem e não desfrutava de direitos. As guerras de conquistas multiplicavam o número de escravos; em algumas cidades formavam mais de dois terços da população, dado este que inculca temor nos homens livres.⁷⁷

2.4.3 Cidadania romana

Dentro do espaço geográfico do Império, ser um cidadão romano era uma condição muito importante, pois era garantia de que a pessoa estaria protegida pelas leis romanas. Por isso, a cidadania romana fora um aspecto muito apreciado, cobiçado e prestigiado dentro de suas fronteiras, pelo fato de fazer ascender uma pessoa a ter parte na elite do império como cidadão romano.⁷⁸ Essa honra era concedida a quem não tinha a cidadania romana de nascimento. Ela possibilitava a pessoa de participar plenamente da vida pública da cidade, como eleger autoridades e ocupar cargos, motivos de orgulho para a classe rica e livre tanto em Roma, como nas cidades importantes das regiões provinciais.⁷⁹

Foi a cidadania romana que garantiu o direito de exercer cargos públicos ou administrar uma cidade, que o imperador pode conceder como forma de lealdade, na certeza de retorno através de impostos e taxas.

⁷⁵ MEEKS, 1992, p. 35.

⁷⁶ VASCONCELOS, 2003, p. 230.

⁷⁷ MONDONI, 2014, p. 34.

⁷⁸ SAOÛT, Yves. **Atos dos Apóstolos**: Ação libertadora. Nova Coleção Bíblica. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 96.

⁷⁹ COMBY; LEMENON, 1987, p. 62.

As instituições da cidade de Roma se tinham estendido a todo o Império. Com isso a cidadania romana passou a ter lugar privilegiado, ultrapassando largamente a cidade de Roma. Ao sabor das necessidades políticas, o direito da cidadania romana alargou-se, tornando-se necessária para as carreiras administrativas e militar e dando garantias na justiça (cf. At 22, 25-29).⁸⁰

Dentro de uma cidade, por exemplo, a cidadania romana concedia o direito da pessoa que a tivesse, escolher seu magistrado através do voto.

Podia-se adquirir a cidadania de diferentes formas, como por exemplo, por ter exercido magistraturas, pelo serviço militar e como favor individual concedido pelo imperador.⁸¹ Esta era a forma como comandantes militares recebiam a cidadania, como recompensa e reconhecimento pelos serviços prestados ao exército no enfrentamento de guerra. Nesse sentido, eram os generais quem recebiam as benesses e, junto com elas, também ganhavam terra nas províncias dominadas como forma de recompensa.

Isso diversificava a formação do estrato social, ou seja, a divisão de classes existentes na capital ou nas cidades das regiões provinciais. Nem todos tinham a mesma sorte nas terras do Império, pois as classes ditavam a organização da sociedade. Só o fato de ser um cidadão romano, já diferenciava alguém dos demais. A esse fato é descrito que,

[...] em princípio, os homens nascidos livres, os 'ingênuos', quer sejam cidadãos de Roma ou de outro lugar, estão radicalmente separados, pela superioridade de sua origem, da multidão de escravos, gado de face humana, sem direitos, sem personalidades, entregue como um rebanho à discricção do senhor, e, como um rebanho encarado antes como uma coleção de coisas que como um grupo de seres vivos [...].⁸²

Entre os próprios cidadãos, a riqueza também influenciava os níveis sociais, que estavam assim classificados:⁸³

- A classe formada pelos ricos, que se chamavam 'os honoráveis': somente eles podiam ocupar cargos de senadores, magistrados ou funcionários do império. Esta classe recebia muitos outros privilégios, levavam também uma vida de luxo;

- A ordem equestre formava uma classe abaixo da primeira classe. Fazia parte da nobreza, mas não era hereditária;

⁸⁰ COMBY; LEMENON, 1987, p. 63.

⁸¹ COMBY; LEMENON, 1987, p. 63-64.

⁸² GIORDANI, 1981, p. 190.

⁸³ GIORDANI, 1981, p. 158-159; ALBA, André. **História Universal**, Roma. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1964. p. 98.

- Os pobres eram quem formavam a grande maioria na cidade de Roma. Nessa classe, se destacavam os que tinham pequeno comércio ou podiam ser empregados, amanuenses dos magistrados. Outros ainda viviam das doações que o governo ou os ricos faziam.

- Por último os escravos, que eram tidos como mercadoria.

2.4.4 Aspecto ideológico: a *Pax Romana*

Com o tema da paz romana apresentaremos alguns aspectos que influenciaram a vida dos povos dominados e os sofrimentos a ela causados. Fica nítida a diferente visão ou o ponto de vista dos que dominavam e dos que eram dominados em relação aos benefícios que ela trouxe. É possível dizer que nem todos tinham as mesmas opiniões.

No aspecto histórico em relação a *Pax Romana*, nos é informado que o termo teve como primeira referência o uso feito por Sêneca “para expressar todas as conquistas obtidas pelo Império Romano. Mas, foi o historiador romano Élio Aristides, nascido na região da Ásia e filho de sacerdote de Zeus, que cantou, com mais entusiasmo, a grandeza de Roma em seu clássico ‘Elogio a Roma’.⁸⁴

A ideologia da *Pax Romana* foi uma das principais bases de sustentação do Império Romano. Perguntemos pela sua importância.

A importância da Pax Romana, ou idade de ouro, consiste na ideia de que as conquistas gloriosas do Império eram vistas como fruto de uma ação praticada pelos deuses e o condutor de tudo, isto é, o Imperador romano, era considerado filho destes deuses.⁸⁵

Embora a *Pax Romana* tivesse a ideia de levar a paz onde chegasse, o objetivo dela era [...] “legitimar e expandir o domínio romano no mundo, favorecer o comércio internacional, garantir a cobrança tranquila de impostos e tributos e, por conseguinte, intensificar a concentração da riqueza e do poder em Roma.”⁸⁶ Este foi o pensamento veiculado pelos dominadores como propaganda dos benefícios que o império proporcionava aos dominados.

⁸⁴ RIBEIRO, Gilvaldo Mendes. **Culto imperial e Apocalipse de João**: Uma análise exegética de Ap 13,1-18. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo, 2008. p. 100.

⁸⁵ RIBEIRO, 2008, p 102.

⁸⁶ CRB, 1995, p 38.

A *Pax Romana*, naturalmente, estava muito próxima da guerra, pois era mantida por ela. A harmonia que se destacava no Império era por força da obediência e reconhecimento da soberania do Império.

O Império Romano, pela capacidade de organização e estratégia de seus comandantes, conseguia alargar fronteiras e administrar seus territórios graças à “ânsia de poder, e supremacia militar”.⁸⁷ Esses frutos foram descritos com grandes louvores pelos poetas que viviam em Roma. Era o brilho de Roma que iluminava a todos:

[...] Numa região enorme – ‘desde a foz do Reno até a Dobruja, desde a Bretanha até as margens do Saara, desde o estreito de Gibraltar até Constantinopla e até o Eufrates, - reinava a paz romana. Nenhuma guerra devastava os campos e destruía as cidades: a arte e os ofícios podiam desenvolver-se, a agricultura podia aperfeiçoar-se [...].⁸⁸

Foi a idade do ouro desde os tempos de Augusto⁸⁹ que fez Roma florescer e seus admiradores se encantarem. [...] “A paz que reinava entre os deuses da terra, graças ao imperador! Assim os poetas pensavam”.⁹⁰ Mas a que preço o poder do Império Romano que emanava da capital foi construído? [...] “O Império era ... guardado por um exército novo, constituído de 25 legiões” [...] ⁹¹, acrescentados outras categorias que o compunham.

Do ponto de vista de Augusto, que motivos haveria para alguém se opor à Pax Romana, à nova ordem de reformas políticas e de rearmamento moral, unidas pela mesma cultura e pela explosão econômica, e às legiões protetoras das periferias além das quais somente ressoavam os gritos dos bárbaros ocidentais e as ameaças dos partos orientais?⁹²

Nesse sentido, podemos mudar o olhar, não mais na direção de Roma ou do imperador, mas do ponto de vista das regiões às quais esse poder dominava, ou seja, do ponto de vista dos vencidos.

Olhando dessa perspectiva, poderemos ter uma outra visão e diferente opinião, porque “[...] o olhar ‘a partir de cima’ sobre o brilho de Roma não faz perceber a realidade, apresenta contexto de sentido contradito pelas vítimas”.⁹³

⁸⁷ KOESTER, 2005, p. 292.

⁸⁸ WENGST, 1991, p. 16-17.

⁸⁹ CROSSAN; REED, 2012, p. 172.

⁹⁰ CRB, 1995, p. 38.

⁹¹ ENGEL; PALANQUE, 2005, p. 18.

⁹² CROSSAN; REED, 2012, p. 172.

⁹³ WENGST, 1991, p. 19.

Assim, a paz de Augusto apresentará um gosto amargo que as vítimas tiveram que sorver.

Essa paz que emanava de Roma vinha pela força do exército e deixava rastros de sangue. O povo sabia que [...] “a mentalidade do soldado romano era rude; ele era o tipo simplório e supersticioso, pronto à cólera ou à piedade até às lágrimas; seu único sonho era saquear cidades, sem respeitar a lei divina nem humana”.⁹⁴ Por isso se pode dizer que

[...] A Pax Romana foi resultado produzido a ferro e fogo e mediante o uso, sem escrúpulos, de todos os meios de luta do Estado, de uma disputa inimiga com o mundo inteiro, que se apoiava em uma arte de Estado coercitiva e através da qual, em cada caso concreto, houvera a vontade ilimitada de defesa do próprio proveito. [...].⁹⁵

É uma paz, pode-se dizer, não querida por quem era dominado. A *Pax Romana* “é a paz almejada politicamente pelo imperador e seus funcionários mais altos, estabelecida e garantida militarmente pela intervenção das legiões”⁹⁶. É uma paz que vem pelas mãos dos vencedores, “[...] esta paz que Roma traz é paz-de-vitória para os romanos; para os vencidos, paz de submissão”.⁹⁷ O resultado vai ser o aumento da escravização, aumento de poder econômico para a classe dominante.⁹⁸

Qualquer ideia de paz ou prática de paz que venha pela força da guerra, traz consigo dor, sofrimento e sangue, pois “[...] as legiões podiam demorar mais ou menos tempo, mais chegavam sempre”.⁹⁹ Essas situações não podem simplesmente se justificar.

Um dos conquistadores e beneficiados pela expansão do Império, Germânico, na campanha da Germânia, procedeu dessa forma: “[...] ele mandou devastar completamente a fogo e à espada um espaço de 50 milhas, nem sexo, nem idade inspiravam clemência, edifícios civis, assim como santuários foram totalmente arrasados”.¹⁰⁰

⁹⁴ ENGEL; PALANQUE, 2005, p. 19.

⁹⁵ WENGST, p. 23 (cf. nota 32).

⁹⁶ WENGST, 1991, p. 21-22.

⁹⁷ WENGST, 1991, p. 23.

⁹⁸ CRB, 1995, p. 38. 6 v.

⁹⁹ PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 32.

¹⁰⁰ WENGST, 1991, p. 25.

A oferta de paz que Roma fazia favoreceu o crescimento econômico¹⁰¹ e garantiu mais poder para Roma e sustentação do Império e sua expansão. Isso provinha do espólio de guerra, que era o direito de quem vencida.¹⁰²

Assim se deu a expansão do Império Romano, sob a bandeira da *Pax Romana*. Era a garantidora de todo poder e luxo em Roma.

2.5 GOVERNO DE DOMICIANO – 81 D.C. – 96 D.C.

Trazer algumas informações sobre o imperador Domiciano e sua prática de governo é necessário para compreender o Apocalipse, pois as comunidades às quais o Apocalipse foi endereçado sofreram a marca da administração desse governo.

Tito Flávio Domiciano, o filho mais novo de Vespasiano, junto com o irmão Tito, firmaram o que foi chamada de dinastia dos imperadores flavianos. No período dos flavianos, “[...] fortaleceu-se a autoridade imperial e o império romano, enquanto para os gregos, judeus e cristãos as relações com a autoridade não foram muito fáceis”.¹⁰³ Domiciano foi considerado como um imperador antijudaico e, por conseguinte, anticristão. Ele enrijeceu a cobrança do imposto que era destinado ao destruído templo de Jerusalém. Agora ele devia ser destinado ao templo romano de Júpiter, atitude iniciada por Vespasiano.¹⁰⁴

Atitudes como essa marcaram o governo de Domiciano. Seu temperamento absoluto, seu caráter fraco e orgulhoso “[...] afastaram-no das simpatias, especialmente da aristocracia senatorial que começou a conspirar”¹⁰⁵, e tornaram-no mais austero que seu antecessor, Tito, que tinha a fama de agir com mais liberdade.

Alguns fatores marcaram positivamente os primeiros anos de seu governo, como a preocupação “[...] com a segurança das fronteiras do império, com a melhora da administração e das comunicações, como também a romanização da piedade e da moral”.¹⁰⁶ Algumas das atitudes por ele tomadas foram contra pessoas consideradas perigosas ao poder do imperador ou que merecessem ser

¹⁰¹ CRB, 1995, p. 38.

¹⁰² WENGST, 1991, p. 46.

¹⁰³ REICK, Bo. **História do Novo Testamento**: o mundo bíblico de 500 a.C. até 100 d.C. São Paulo: Paulus, 1996. p. 296.

¹⁰⁴ VERMES, Geza. **Quem é quem na época de Jesus**. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 97.

¹⁰⁵ GIORDANI, 1981, p. 67.

¹⁰⁶ REICK, 1996, p. 299.

consideradas como ameaças. Tanto pessoas da família imperial como do senado ou ainda filósofos poderiam estar nessa classificação, ou seja, passaram a ser consideradas pessoas perigosas ao imperador e ao império. Por isso, "[...] a partir de 92, o imperador inicia uma era de terror em que a morte e o desterro ferem a aristocracia e até mesmo membros da família imperial".¹⁰⁷ Essas pessoas ou foram mortas ou sofreram o exílio.

Em sua obsessão pela questão religiosa, ou seja, a piedade, "[...] nos seus últimos anos, isto é 95-96, tornou-se inevitável o desencadeamento de perseguição religiosa contra eminentes figuras romanas".¹⁰⁸ Valorizando grandemente a religião do Estado, ele exigiu que fosse saudado como "senhor" e "deus". Valorizou também sua imagem como um deus, ostentando uma coroa de ouro com a imagem dos deuses romanos. O imperador era a figura privilegiada dos deuses, portanto, deveria ser venerado como um deus.

Essa atitude foi uma forma de dar confiabilidade à religião do Estado, trazendo segurança ao imperador. Por isso, "[...] a arrogância do imperador, que exigia ser chamado de 'Senhor e Deus', incitou a oposição do Senado".¹⁰⁹ Só o fato de negar a religião do Estado já era considerado um ato de ateísmo. Esta acusação foi feita a Clemente, Domitila e Acílio Glabrio, membros da família do imperador. "Bastava a mera falta de interesse pelas cerimônias para causar ruína de um nobre ou de um oficial da corte, principalmente se houvesse relacionamento com o judaísmo, cristianismo ou outras formas de crenças não romanas".¹¹⁰

Por atitudes como essas, a memória do último imperador flaviano não foi encerrada com honras. Ao contrário, os últimos anos de Domiciano foram marcados por terror, e sua morte foi considerada um alívio.

2.6 PROVÍNCIA DA ÁSIA

Após os acontecimentos em torno de Jesus Cristo, sua paixão e morte, seus discípulos e discípulas começaram a testemunhar que ele ressuscitou. Com isso, vieram os desafios com as perseguições, por exemplo, causando a dispersão por várias regiões do Império. Uma das regiões em que os cristãos e cristãs formaram

¹⁰⁷ GIORDANI, 1981, p. 67.

¹⁰⁸ REICK, 1996, p. 307.

¹⁰⁹ KOESTER, 2005, p. 320.

¹¹⁰ REICK, 1996, p. 308.

comunidades vai ser a região da Ásia Menor (atual Turquia), lugar onde se situava a Província da Ásia. Nesse sentido, vemos a necessidade de trazer algumas informações dessa província, que se tornou um lugar importante para os primeiros cristãos e cristãs.

Na administração, o Império Romano seguiu no caminho já iniciado pelo império helenista no que diz respeito à sua divisão em províncias. Isso foi um dos artifícios que facilitou o controle e domínio. Durante o reinado de Augusto e de seus sucessores, o Império Romano anexou novos reinos.

Apesar de um território tão vasto, com diferentes povos e culturas que, de certo modo, eram respeitados, aspectos comuns como a economia, cultura e religião compensavam nas diferenças. Assim acontece também na Província da Ásia, que abrangia, [...] “a Frígia, a Mísia, a Cária e a Lídia”.¹¹¹

Taremos em seguida alguns aspectos sobre a província da Ásia, pois foi para as comunidades dessa província que o autor do livro do Apocalipse endereçou seu livro: “João, às sete Igrejas que estão na Ásia. [...] Escreve, pois, o que vês, num livro e envia às sete Igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia, Laodiceia”. (Ap 1,4.11).

Após o ano 70, com a destruição de Jerusalém, cristãos e cristãs da Palestina se deslocaram para a diáspora judaica, na Ásia Menor. A Ásia era chamada pelos romanos de “[...] a província das quinhentas cidades. Foi aí que o cristianismo proliferou e encontrou seu segundo habitat”.¹¹²

A província da Ásia tinha como centro a cidade de Éfeso, que contava com um porto bem desenvolvido, além de grande produção industrial. Também ficou conhecida “[...] pela fruticultura e vinicultura, pela indústria e comércio era uma verdadeira mina de ouro para os romanos [...]”.¹¹³ Por isso, a província da Ásia foi uma das que mais sofreu com a exploração através dos impostos enviados para Roma.¹¹⁴

¹¹¹ GIORDANI, 1981, p. 48.

¹¹² HOORNAERT, Eduardo. **O movimento de Jesus**. Coleção Uma História do Cristianismo. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 112.

¹¹³ REICK, 1996, p. 256.

¹¹⁴ KIPENBERG, 1998, p. 103.

Nessa província, também a proliferação do culto aos deuses e aos soberanos era bem receptiva. Por isso, se conhece na região vários templos dedicados a Augusto e à deusa Roma.¹¹⁵

2.6.1 Organização social

Como parte do Império Romano, a província da Ásia espelhava a estrutura piramidal existente. Isso fazia com que as cidades se assemelhassem com a cidade de Roma, a capital do Império. Os ricos mantinham todo o controle e poder de influência sobre os demais.

Para começar, é preciso tomar consciência de que as cidades da Ásia Menor eram predominantemente helênicas, ou seja, culturalmente – e em boa proporção também etnicamente – resultado de simbiose da cultura popular grega que, a partir de seu grande apóstolo, Alexandre Magno, enraizou-se e adquiriu carta de cidadania em todo o império de Alexandre, ao lado das culturas ‘indígenas’, que em boa medida implicavam aspectos orientais, especialmente relativos à mística.¹¹⁶

Os romanos respeitavam esses costumes, estruturas sociais, culturas, porém, da boa ordem e dos impostos não abriam mão.

Dentro da realidade das cidades da província da Ásia, destaca-se uma questão fundamental, que era a pertença a uma determinada classe social.

[...] na antiguidade grego-romana o fato econômico *não* era o fator determinante da posição (estamento ou nível) social em que se situava uma pessoa. Na realidade, *nascia-se* numa categoria ou posição social: o nível da família em que se nascia determinava – pelo menos em princípio – a posição social da pessoa.¹¹⁷

A pertença se dava pelo nascimento, pois nascia-se em determinada classe socioeconômica, pois a aristocracia tinha que ter riqueza e assim ser influente, fazendo parte de um mesmo círculo social. Por ser uma sociedade piramidal, quem estava no topo era justamente a aristocracia. Seus membros detinham a maior riqueza e eram quem se movimentava na esfera de poder.

O proletariado era formado por todos que não pertenciam à aristocracia, ou seja, os que precisavam ter algum trabalho e meio de sobrevivência. Havia uma

¹¹⁵ LOHSE, 2004, p. 208.

¹¹⁶ ARENS, Eduardo. **Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João**: Aspectos sociais e econômicos para compreensão do Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 1998. p. 46.

¹¹⁷ ARENS, 1998, p. 45.

grande diferença e distinção entre os que tinham riqueza e poder e os que estavam no lado oposto, os pobres:

por serem 1) ricos; 2) livres; 3) honoráveis; e 4) por fornecerem parte das esferas de poder (exercendo ou sendo elegíveis para exercer funções administrativas). Os inferiores, ao invés, geralmente 1) não possuíam riquezas; 2) dependiam de outros ou trabalhavam para eles; 3) não ocupavam postos administrativos municipais e nem eram candidatos a eles.¹¹⁸

Além das diferenças de origem da pessoa, como a família, outros fatores podiam ser decisivos na classificação social, como “sua educação, sua ocupação, seus êxitos e sucessos, sua origem étnica, sua cidadania e, especialmente, seu grau (ou privação) de liberdade”.¹¹⁹ Por isso, o fator liberdade era um definidor de classe. Aqui a cidadania romana faz toda a diferença. “Os cidadãos do lugar onde residiam estavam sociopoliticamente acima dos estrangeiros, e os cidadãos romanos tinham cotação ainda muito maior”.¹²⁰

2.6.2 A base econômica na Província da Ásia

A economia estava baseada principalmente na agricultura, pois era um dos maiores meios de riqueza, obtendo, em consequência, um maior investimento. “A maior parte da força de trabalho do Império Romano estava empenhada na produção agrícola ou pecuária”.¹²¹ Por isso, “[...] o primado da agricultura faz com que a riqueza privilegiada seja a terra”.¹²² Assim sendo, toda a riqueza ficava concentrada nas mãos do imperador, que era o dono da maior parte de terras do Império. Somando-se a ele estava a classe alta do senado na capital e nas cidades.

Percebemos dessa forma, o valor que tinham as províncias para o imperador e, sobretudo, para a classe rica que estava em Roma.

O que mais interessava a Roma de suas províncias e colônias era o aspecto econômico, já que os gastos, inclusive os caprichos imperiais, eram possíveis graças aos tributos desses territórios. Roma (na verdade, quase

¹¹⁸ ARENS, 1998, p. 48.

¹¹⁹ ARENS, 1998, p. 45.

¹²⁰ ARENS, 1998, p. 47-48.

¹²¹ STAMBAUG, John; BALCH, David. **O Novo Testamento em seu ambiente social**. São Paulo: Paulus. 2 ed., 2008. p. 59.

¹²² ENGEL. 1978, p. 80.

que exclusivamente a família dos imperadores) alimentavam-se de suas províncias.¹²³

A província da Ásia, na região ocidental da Ásia Menor, antigo reino de Pérgamo, foi bastante privilegiada por sua riqueza. Ela podia se orgulhar “pela fruticultura e vinicultura, pela indústria e comércio, era uma verdadeira mina de ouro para os romanos”.¹²⁴ Facilitava todo esse florescimento produtivo a localização estratégica dessa parte da província, pois “trata-se de uma região formada por grandes planícies e montanhas acidentadas, vales férteis e regiões áridas”.¹²⁵

As cidades e povoados situavam-se, sobretudo, ao longo da costa mediterrânea e egeia. As terras férteis da Mísia eram propícias à agricultura e ao pastoreio. Assim como de Caico, próximo a Pérgamo, provinha uma grande produção de cereais, aveia e grãos. A Lídia era uma região rica no cultivo de vegetais e diversos pomares, dos quais se recolhiam diversos frutos.

Além disso, a região desenvolveu-se pelo cultivo de árvores frutíferas e vinhedos, por indústrias artesanais e, sobretudo, pelo comércio, vindo a ser uma mina de ouro. Graças à sua localização natural, os portos se tornaram locais de troca comercial entre Oriente e Ocidente.¹²⁶

Produtos da fauna marinha também eram apreciados. A criação de ovelhas e cabras para o fornecimento de carne, leite, couro e lã também eram comuns nessa parte ocidental da Ásia Menor. Outras partes podiam prover o boi para arar a terra e puxar carretas.¹²⁷

Outra forte fonte de riqueza da província era a indústria têxtil:

mais importante na Ásia Menor era a têxtil, sobretudo de tecidos de lã, que abrangia tudo o que compunha sua preparação, tinturaria e o tecido propriamente dito. Seguiam-na o cortume, a metalurgia e a cerâmica, assim como a indústria do vinho (os vinhos da Cária e da Lídia tinham alta cotação).¹²⁸

Todo o comércio se dava por estradas que estreitavam longas distâncias e ligavam grandes e pequenas cidades, como a estrada real:

Através da Ásia Menor, a ‘estrada comum’ (*koiné hodos*) saía de Éfeso, passa por Trales, subia o vale Meandro até Laodiceia, Apameia, Antioquia

¹²³ ARENS, 1998, p. 57.

¹²⁴ REICK, 1996, p. 256.

¹²⁵ ARENS, 1998, p. 96.

¹²⁶ POHL, Adolf. **Apocalipse de João**: Comentário e esperança. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001. p. 15-16.

¹²⁷ ARENS, 1998, p. 97.

¹²⁸ ARENS, 1998, p. 110.

da Psisídia, Filomélio, atravessava a Licaônia, descia por Laranda e transpunha as Portas Cilicianas para alcançar Tarso e, depois, chegar a Antioquia na Síria ou até Zeugma às margens do Eufrates.¹²⁹

Pela via marítima, Éfeso, cidade principal da Ásia, fornecia seu porto terminal, ligando com a estrada real, como condução, saindo da Pérsia, através da Babilônia, da Síria até Ásia.¹³⁰

Além dessa base econômica, a cidade de “Laodicéia tinha bancos de fama mundial, quase todas as cidades apresentavam indústrias rentáveis”.¹³¹

Como percebemos, “[...] a vida econômica apoiava-se nos produtos da natureza, sobretudo na agricultura e no pastoreio”.¹³² A mão de obra artesã e camponesa por um lado era primordial em todos os sentidos, por outro, era motivo de desprezo e discriminação por parte da elite da época. Hoje talvez essa realidade ainda não tenha mudado.

2.7 CULTO IMPERIAL

O culto aos deuses fortalecia o controle de Roma nas regiões e províncias dominadas, que se dava através da associação da figura dos imperadores aos deuses como seus representantes diretos. Dessa forma, o controle se tornava bastante eficaz. Por isso, “em Roma, mais do que na Grécia, religião era parte essencial da política. Os vários sacerdócios cívicos desenvolviam-se entre a classe senatorial e eram eles que celebravam todos os ritos e cerimônias públicas”.¹³³

A dimensão ideológica da religião do império como forma de difundir o culto ao imperador como sendo aquele que traz boas novas, permeava as estruturas do Império. Assim funcionava a religião e se dava a sua eficácia,

Em todas as cidades da próspera Ásia romana decretava-se tanto para o passado como para o presente e o futuro, esse único evangelho poderoso: as boas-novas do advento de Augusto, de sua epifania e presença, de ser ele o Senhor global, filho do divino e salvador cósmico.¹³⁴

¹²⁹ MEEKS, 1992, p. 34.

¹³⁰ REICK, 1996, p. 256; SAOÛT, 1991, p. 161.

¹³¹ POHIL, 2001, p.16.

¹³² ARENS, 1998, p. 110.

¹³³ CROSSAN; REED, 2015, p. 230.

¹³⁴ CROSSAN; REED, 2015, p. 223.

Por isso, o culto é a questão central no Apocalipse. “As duas bestas, que tanto se destacam no mundo simbólico de João, fornecem a chave para entender o Apocalipse como um todo. [...]”.¹³⁵

Informações como essa nos permitem perceber a preocupação de João ao descrever essa realidade e o cuidado com as comunidades para resistirem contra a influência bastante permissiva em seu meio. Não era sem pretensão que “A religião pertencia ao Estado, existia para ele e, portanto, era por ele controlada”.¹³⁶

O livro do Apocalipse, enraizado no chão da história do Império Romano, no final do século I d.C., na província da Ásia, traz as marcas dessa realidade ao apresentar sua mensagem de fé, esperança e fidelidade a Cristo. Ele

foi escrito como resposta a uma possível imposição do culto imperial, especificamente no reinado de Domiciano, de 81 a 96. [...] O Ap seria uma obra de protesto e de condenação por desmascarar a pretensão absurda da religião de divinizar o imperador, identificado em Ap 13 com a besta, com tudo o que isso implicava.¹³⁷

A presença das forças divinas através dos deuses sempre esteve ligada às culturas dos povos antigos, quer seja na vida pessoal, familiar, social ou econômica. No tempo da dominação persa, essa relação dos soberanos com os deuses foi marcada na narração do dilúvio, ao qual o texto do Antigo Testamento faz referência:

Enquanto o culto imperial funcionasse, o perigo do dilúvio estava afastado. A crise deste culto deixaria irritados os deuses, o que poderia trazer o dilúvio, as enchentes, as catástrofes. Quem, pois, contestasse o imperador, quem deixasse de participar do culto, quem ‘esquecesse’ de pagar o seus tributos, ameaçava a irrupção do caos, o aniquilamento da ordem da natureza. A ordem política imperial era, simultaneamente, a ordem cósmica. Rebelar-se contra o Império implicava em rebelião contra a natureza.¹³⁸

O culto imposto pelos que dominavam servia para assegurar a ordem social e política. Isso marcava o ritmo dos dias e continuou marcando a sucessão dos impérios.

O culto público dos deuses oficiais permeava a vida social das cidades gregas e romanas. Seus templos eram monumentos mais impressionantes,

¹³⁵ KRAYBILL, J. Nelson. **Culto e comércio imperiais no apocalipse de João**. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 34.

¹³⁶ CROSSAN; REED, 2015, p. 230.

¹³⁷ ARENS; MATEOS, 2004, p. 71.

¹³⁸ SCHWANTES, Milton. **Projetos de esperança**: Meditações sobre Gênesis 1-11. Petrópolis: Vozes; SEDI; Editora Sinodal, 1989. p. 45.

suas festas propiciavam os feriados mais importantes, e seus sacrifícios dominavam grande parte da economia.¹³⁹

Os deuses estavam associados à realidade agrícola, que estava na base da vida do povo pela dependência direta da terra, das plantações e colheitas. Assim, entre os gregos, Zeus está relacionado com a chuva, Deméter à produção de cereais, Dionísio fazia crescer a uva, Afrodite estava relacionada à reprodução e à fertilidade. Esta compreensão religiosa grega influenciou fortemente a vida dos romanos a ponto de identificarem os seus deuses com os deuses gregos: [...] “O Júpiter romano foi identificado com Zeus grego, Juno com Hera, Minerva com Atena, Vulcano com Hefesto”.¹⁴⁰

A grande influência do Oriente vinha desde os tempos mais antigos, quando se consideravam os soberanos como filhos de deuses. Essa realidade acabou sendo absorvida pelos gregos que, a princípio, tinham outra compreensão de adoração aos deuses. Foi Alexandre quem aceitou essa honraria quando chegou no Egito sendo saudado como filho de Amon, ou seja, filho de Zeus na cultura grega.¹⁴¹

De forma mais específica, segundo Ribeiro,

A origem do culto ao Imperador está na tradição das honras prestadas aos reis e heróis do período helenístico. As cidades que obtinham privilégios e benefícios e benfeitorias dos governantes estabeleciam cultos aos benfeitores, geralmente, seguindo o modelo de cultos dedicados às divindades locais.¹⁴²

Quando Augusto entrou em cena como imperador, ele foi considerado como deus¹⁴³, aquele que trouxe a paz para a cidade de Roma e ao império. “[...] Assim, em Éfeso, por decisão popular de 48 a.C., por exemplo, ele foi chamado de ‘deus na terra, descendente de Ares e Afrodite, e salvador universal da vida dos homens’”¹⁴⁴, tornando-se o culto imperial mais antigo conhecido na Ásia Menor.¹⁴⁵

Percebe-se que a província da Ásia acolheu bem o culto ao imperador e à cidade de Roma.¹⁴⁶ O culto ao imperador, desde a época de Augusto, floresceu muito nessa província. Mais tarde, “foi enriquecido com o culto a Domiciano na

¹³⁹ STAMBAUG, John; BALCH, David. **O Novo Testamento em seu ambiente social**. São Paulo: Paulus. 2ª edição, 2008. p. 116.

¹⁴⁰ STAMBAUG, 2008, p. 117.

¹⁴¹ LOHSE, 2004, p. 205.

¹⁴² RIBEIRO, 2008, p. 105.

¹⁴³ CROSSAN, John Dominic; REED, Joathan L. **Em busca de Jesus**: debaixo das pedras, atrás dos textos. Paulinas, São Paulo. 1ª reimpressão, 2012. p. 172.

¹⁴⁴ LOHSE, 2004, p. 207.

¹⁴⁵ ARENS; MATEOS, 2004, p. 73.

¹⁴⁶ SAOÛT, 1991, p. 163.

capital Éfeso”.¹⁴⁷ O culto ao imperador na verdade, tinha um caráter muito mais político, pois por meio dele expressava-se lealdade ao imperador.¹⁴⁸ Nesse sentido, há prestação do culto aos deuses, uma associação à figura do imperador, pois este representa a presença dos deuses na terra. Servia também como marca de lealdade ao imperador.¹⁴⁹

Assim percebemos que o culto nas regiões ganhava grande espaço e as cidades passavam a propagar mais ainda como forma de garantir as bênçãos de Roma em forma de investimentos. Isso se tornava uma prática nas cidades que competiam entre si nas honrarias a seus dominadores como forma de ganhar mais destaques ainda. Dessa forma,

Algumas cidades instituíram festivais regulares chamados *Romaia* em seus calendários e celebravam-no com jogos e sacrifícios; outras comunidades erigiam estátuas e altares aos cidadãos romanos que lhes patrocinavam ou governavam; outras ainda, estabeleciam cultos dedicados ao povo romano. Mas, talvez, o ato mais comum de reverência tenha sido o culto público à personificação de Roma, *Dea Roma*, a deus toma.¹⁵⁰

Essa realidade vai marcar o final da vida de Domiciano e influir nas comunidades cristãs da província da Ásia. “Durante o reinado de Domiciano, a presença cultural de Roma na Ásia Menor tornou-se especialmente manifesta com o estabelecimento em Éfeso de um novo culto provinciano ao imperador. [...]”.¹⁵¹

Inserindo o livro do Apocalipse dentro da realidade que marcou o chão dos anos finais na província da Ásia, apresentaremos algumas informações sobre o livro do Apocalipse.

2.8 QUESTÕES LITERÁRIAS DO APOCALIPSE

Nessa parte, apresentaremos alguns aspectos formais sobre o livro do Apocalipse que nos possibilitam uma identificação melhor dessa obra.

¹⁴⁷ REICK, 1996, p, 307.

¹⁴⁸ ARENS; MATEOS, 2004, p. 72.

¹⁴⁹ KRAYBILL, 2002, p. 37.

¹⁵⁰ CROSSAN; REED, 2015, p. 63.

¹⁵¹ KRAYBILL, 2002, p. 35-36.

2.8.1 Livro do Apocalipse: gênero literário

A palavra apocalipse tem sua origem no substantivo grego ἀποκάλυψις que quer dizer revelação. A palavra provém do verbo grego καλύπτω/cobrir ou do substantivo κάλυμμα/véu, antecedido pela preposição ἀπό, com o sentido de afastar, tirar. ἀποκαλύπτω ou ἀποκάλυψις quer dizer então desvelar, revelar, tirar o véu que encobre uma realidade.¹⁵²

O autor do Apocalipse faz uso de um gênero literário que ele conhece e que lhe serve de fonte, que é o gênero apocalíptico. O pano de fundo para a composição do livro do Apocalipse, sem dúvida, foi o Antigo Testamento, pois mais da metade de suas referências remetem aos escritos do Antigo Testamento.¹⁵³ Alguns são mais frequentes como Êxodo, Salmos, Isaías, Ezequiel e Daniel, textos apócrifos e de outras culturas. Isso nos indica que os destinatários do livro também estavam familiarizados com esses textos.¹⁵⁴

O Ap compartilha os mesmos traços que o caracterizam com muitos outros escritos, tanto bíblicos como extrabíblicos, podendo-se, dessa maneira, falar perfeitamente de um gênero literário apocalíptico, designado como tal a partir do século II d.C., baseado no modelo do Apocalipse de João.¹⁵⁵

Por isso é dito que “O gênero de literatura que denominamos apocalíptico recebe esse nome por causa do Apocalipse de João, um dos últimos livros do Novo Testamento, escrito próximo ao final do primeiro século d.C.”.¹⁵⁶ Com essa especificidade, foi o primeiro livro assim definido, quer seja na literatura judaica, quer seja na cristã e somente ele traz de forma explícita no início a palavra “Apocalipse”, revelação (Ap 1,1).

O livro traz consigo traços que o caracterizam com esse tipo de literatura: mediação por anjo, fala do futuro escatológico (fim deste mundo), julgamento dos mortos, imagens, são alguns dos aspectos. “É um apocalipse completo”, de acordo com a posição de Collins.¹⁵⁷ E ele faz parte da literatura que

¹⁵² ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de. **Eis que faço nova todas as coisas**: Teologia apocalíptica. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 14; RUSCONI, Carlo. **Dicionário do grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 66.

¹⁵³ BEALE, G. K.; CARSON, D. A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. Vida Nova, São Paulo, 2014. p. 1319.

¹⁵⁴ ARENS; MATEOS, 2004, p. 53-54.

¹⁵⁵ ARENS; MATEOS, 2004, p. 125.

¹⁵⁶ COLLINS, Jhon J. **A imaginação apocalíptica**: Uma introdução à literatura judaica. São Paulo: Paulus, 2010. p. 382.

¹⁵⁷ COLLINS, 2010, p. 382.

[...] tem, portanto, desde o seu nascimento, um grande poder querigmático: proclama uma esperança quando tudo parece perdido; sustenta a fidelidade a Deus quando o que foi recebido – geralmente codificado em normas e leis – não respondem adequadamente às crises do presente.¹⁵⁸

Foi com esse poder de anúncio, de denúncia e profecia que as comunidades do primeiro século buscaram se fortalecer e reler as Escrituras passadas, para manterem-se firmes na fé em Jesus Cristo, aquele que foi morto, mas ressuscitou e continua presente em seu meio.

2.8.2 Autoria do escrito

A definição da autoria do livro do Apocalipse não é decisiva para o nosso trabalho. Mas alguma coisa deve ser dita sobre isso. Na apocalíptica judaica era comum que o autor utilizasse o pseudônimo de uma pessoa famosa do passado (Moisés, Esdras, Baruque) para buscar a aceitação de sua mensagem. Não parece ser o caso aqui, pois o autor simplesmente se apresenta com o seu nome, sem associá-lo a uma pessoa com alguma função importante nas primeiras comunidades. De maneira simples a declaração de que seu nome é João “vosso irmão” (1.9) mostra que o autor fornece um nome. Parece nos evidente que o autor fosse conhecido nessas igrejas e que seu nome bastava para dar autoridade e credibilidade à sua mensagem.

Mas quem era esse João? Dentre os vários personagens com esse nome no NT, uma possibilidade seria identificá-lo com o filho de Zebedeu e irmão de Tiago. Este João não só era um dos doze, mas também membro do círculo íntimo de Jesus (Mc 1.9; 3.17; 5.37; 9.2; 14.33). A tradição cristã o coloca no final de sua vida como uma liderança na cidade de Éfeso, uma das comunidades destinatárias do Apocalipse. Até meados do século III a autoria deste livro foi atribuída a este discípulo e apóstolo João: Justino Mártir, em Roma (100-165); Ireneu, de Lião (130-202 d); Tertuliano, em Cartago (160- 240); Hipólito, de Roma (235), e Clemente, de Alexandria (220).

Mas desde muito cedo houve divergências quanto a essa identificação. Dionísio, bispo de Alexandria (ca. 250), foi o primeiro pai da igreja a colocar claramente em dúvida a origem apostólica do Apocalipse. Em sua obra “Tratado a respeito das promessas”, que combate alguns cristãos que destacavam a ideia de

¹⁵⁸ CROATTO; RIBLA, 1990, p. 13.

um milenarismo literal baseado em Ap 20, ele tentou mostrar, com argumentos eruditos, que o Apocalipse não foi escrito pelo apóstolo João, senão por outro escritor com o mesmo nome. Dionísio forneceu os argumentos básicos para aqueles que até hoje compartilham de seu ponto de vista.

A partir dos argumentos de Dionísio, a origem apostólica do Apocalipse foi amplamente contestada no Oriente. O livro falta em diversas listas canônicas da Ásia Menor e Palestina e em diversos manuscritos gregos até o século IX. Mas foi aceito por Atanásio e, por influência de Agostinho, pela igreja latina. Em fins do século IV não se discutiu mais oficialmente se ele pertencia ou não ao NT.

Boring sintetiza a questão ao dizer que o autor não é apóstolo, mas um profeta com alguma liderança no grupo de igrejas da Ásia:

Ele é originalmente um Palestino, um representante da única corrente pré-70 do cristianismo judaico palestino. Embora João escreva em grego para as igrejas que falam grego, seu grego é peculiar e cheio de irregularidades gramaticais. A natureza de seu grego idiossincrásico sugere que sua língua nativa era aquela da Síria-Palestina – ele pensa em aramaico e escreve em grego. Uma vez que João está também familiarizado com o material tradicional profético palestino, é provável que ele fosse originalmente um profeta cristão palestino que imigrou para a Ásia, provavelmente como refugiado durante ou logo após a revolta de 66-70.¹⁵⁹

O autor pode ter sido um judeu-cristão que vivia fora da Palestina, “[...] pois tais livros eram favorecidos entre os judeus da dispersão”.¹⁶⁰ Diante dessas informações, Champlin faz a seguinte afirmação: “A conclusão de que disso tudo se pode extrair é que esses cinco livros – o evangelho de João, as três cartas e o Apocalipse – foram produzidos pela mesma escola, a escola joanina de Éfeso”.¹⁶¹

Segundo Carlos Mesters¹⁶², João era um coordenador das comunidades da Ásia Menor. Kraybill diz que João “era, provavelmente, judeu de nascimento e tinha vivido um tempo considerável (se não desde a infância) na Palestina”.¹⁶³ Richard diz que não sabemos quem é João historicamente, mas ele se apresenta como um irmão e companheiro simplesmente, excluindo hierarquia dentro da Igreja.¹⁶⁴

¹⁵⁹ BORING, M. Eugene. **Introdução ao Novo Testamento**: história, literatura, teologia. Cartas Católicas, Sinóticos e Escritos Joaninos. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2015. p. 1126.

¹⁶⁰ CHAMPLIN, 1980, p. 355.

¹⁶¹ CHAMPLIN, 1980, p. 355.

¹⁶² MESTERS, Carlos. **Esperança de um povo que luta**. Apocalipse de João: uma chave de Leitura. São Paulo: Paulus. 20ª reimpressão, 2015. p. 12.

¹⁶³ KRAYBILL, 2002, p. 41.

¹⁶⁴ RICHARD, 1999, p. 91-92.

Os comentadores deram suas opiniões, e estas mostram que se tratava de alguém que tinha familiaridade com as comunidades para as quais o livro é destinado, pois ao mencioná-las, descreve os pontos positivos e negativos de todas elas (cf. Ap 2-3).

2.8.3 Lugar do escrito

Enquanto a autoria do escrito permanece controversa, a questão do local de redação e das comunidades destinatárias está resolvida, pois as indicações do próprio livro mostram que o autor se encontra na ilha de Patmos quando recebe as revelações (1.9) e que as comunidades a quem o livro se destina ficavam na região na província da Ásia (2-3). A esse respeito Arens e Mateos afirmam:

Não sabemos onde exatamente foi escrito o Ap, mas o mais provável é que tenha sido em algum lugar da costa do mar Egeu, na Ásia Menor, onde havia uma comunidade cristã, possivelmente próxima a Éfeso, a mais ou menos setenta quilômetros da ilha de Patmos.¹⁶⁵

Essa posição é seguida por outros comentaristas. Segundo Koester, “o profeta do Livro do Apocalipse possuía um bom conhecimento das igrejas localizadas ao oeste da Ásia Menor às quais endereçou sua obra”.¹⁶⁶ Outros autores assumem posição semelhante.¹⁶⁷

2.8.4 Data

A pesquisa sobre o livro tem levantado a pergunta pela data de sua composição. Alguns autores argumentam que o livro começou a ser escrito no tempo de Nero, na década de 60.¹⁶⁸ Embora parte do livro possa eventualmente ter sido redigido nessa época, há um relativo consenso em afirmar que a versão final do

¹⁶⁵ ARENS; MATEOS, 2004, p. 65.

¹⁶⁶ KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**. História e Literatura do Cristianismo Primitivo. São Paulo: Paulus, 2005. p. 268. 2 v.

¹⁶⁷ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **Revelation: Vision of a just world**. Augsburg Fortress, 1991, p. 39; GORGULHO, Frei Gilbert S.; ANDERSON, Ana Flora. *Não tenham medo!* Apocalipse. 6. ed., São Paulo: Paulus, 1977. p. 23; RICHARD, 1999, p. 92.

¹⁶⁸ VV. AA. **Uma leitura do Apocalipse**. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 14; CASTRO, CAVALCA, Pe. Flávio de, C.Ss.R. *Apocalipse hoje: Pequeno comentário ao livro do Apocalipse*. São Paulo: Santuário, 5ª reimpressão, 2018. p. 9; MESTERS; OROFINO, 2003, p. 36; ANDRADE, 2012, p. 83.

livro foi redigida no período do imperador Domiciano (81-96), mais exatamente ao final desse período.¹⁶⁹

Com toda probabilidade, portanto o Ap foi de fato escrito em fins do Reinado de Domiciano, isto é, mais ou menos em 90-95, na Ásia Menor, a fim de encorajar as comunidades cristãs ameaçadas por uma perseguição destruidora, de incentivá-las à paciência e de torná-las confiantes na iminente vitória de Cristo sobre as forças e o poder do Anticristo.¹⁷⁰

2.8.5 Destinatários

Os primeiros e diretos destinatários do livro do Apocalipse são as comunidades existentes na região da Ásia Menor no final do primeiro século,¹⁷¹ onde a Província da Ásia foi criada. Assim se refere Prigent: “Está claro que se trata da província da Ásia, isto é, grosso modo, da faixa costeira ocidental da Ásia Menor, aumentada pela Frígia mais continental”.¹⁷²

Ao referir-se ao local de onde o Apocalipse foi escrito, Kümmel nos informa sobre os possíveis destinatários e, assim, ele descreve: “O próprio testemunho do livro indica que ele surgiu na província da Ásia numa época de severa opressão dos cristãos, dado que mais prontamente se concebe sob o domínio de Domiciano”.¹⁷³ Arens e Mateos afirmam: “Quantos aos destinatários, como se explicita no próprio Ap, foi escrito para ‘as sete Igrejas da Ásia’ (1,4), província romana onde hoje é a Turquia, mais conhecida como Ásia Menor”.¹⁷⁴

Brown nos que informa que

Cartas às sete Igrejas (Ap 2,1 – 3,22). São muito importantes para a compreensão de todo o livro. Elas dão-nos mais informações sobre um grupo de Igrejas na Ásia Menor ocidental do que a maior parte dos outros livros do NT o faz em relação aos seus destinatários.¹⁷⁵

Adriano Filho nos diz que,

O Apocalipse de João pertence ao contexto da multiplicidade teológica do cristianismo da Ásia Menor no final do primeiro século, uma região onde

¹⁶⁹ VV. AA. 1986, p. 13; BORING, 2015, p. 1130; ARENS; MATEOS, 2004, p. 68.

¹⁷⁰ KÜMMEL, 2009, p. 617.

¹⁷¹ FÉRET, 1968, p. 125.

¹⁷² PRIGENT, 1993, p. 20.

¹⁷³ KÜMMEL, 2009, p. 613.

¹⁷⁴ ARENS; MATEOS, 2004, p. 70.

¹⁷⁵ BROWN. Raymond E. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas. 2014. p. 1015.

vários grupos cristãos conviveram lado a lado, sem necessariamente serem grupos rivais ou instituições separadas.¹⁷⁶

Essas informações nos indicam que, de certa forma, a questão dos destinatários do livro não apresenta tanto problema entre os comentadores. Isso nos faz apoiar a ideia de que é de comum acordo que os destinatários do livro do Apocalipse sejam as comunidades da Província da Ásia no final do século primeiro d. C. Essas informações nos possibilitam inserir o texto em seu contexto, possibilitando igualmente compreendê-lo melhor. No capítulo seguinte vamos ocupar-nos com Apocalipse 13, o texto que reflete sobre o conflito central que está na origem do confronto entre o Império Romano e as comunidades cristãs da província romana da Ásia.

¹⁷⁶ FILHO, José Adriano. Apocalipse de João como relato de uma experiência visionária. Anotações em torno da estrutura do livro. In: **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. 1999. p. 7. 34 v.

3 APOCALIPSE 13

Apresentaremos a seguir o texto grego de Apocalipse 13 e a tradução em português da Bíblia de Jerusalém. A tabela que segue possibilitará ver o texto em seu conjunto, servindo como guia para a nossa análise exegético-literária.

3.1 O TEXTO

Nestle Aland 28 ¹⁷⁷	Bíblia de Jerusalém ¹⁷⁸
<p>13 ¹Καὶ εἶδον ἐκ τῆς θαλάσσης θηρίον ἀναβαῖνον, ἔχον κέρατα δέκα καὶ κεφαλὰς ἑπτὰ καὶ ἐπὶ τῶν κεράτων αὐτοῦ δέκα διαδήματα καὶ ἐπὶ τὰς κεφαλὰς αὐτοῦ ὄνομα[τα] βλασφημίας. ² καὶ τὸ θηρίον ὃ εἶδον ἦν ὅμοιον παρδάλει καὶ οἱ πόδες αὐτοῦ ὡς ἄρκου καὶ τὸ στόμα αὐτοῦ ὡς στόμα λέοντος. καὶ ἔδωκεν αὐτῷ ὁ δράκων τὴν δύναμιν αὐτοῦ καὶ τὸν θρόνον αὐτοῦ καὶ ἐξουσίαν μεγάλην. ³ καὶ μίαν ἐκ τῶν κεφαλῶν αὐτοῦ ὡς ἐσφαγμένην εἰς θάνατον, καὶ ἡ πληγὴ τοῦ θανάτου αὐτοῦ ἔθεραπεύθη. Καὶ ἐθαυμάσθη ὅλη ἡ γῆ ὀπίσω τοῦ θηρίου ⁴ καὶ προσεκύνησαν τῷ δράκοντι, ὅτι ἔδωκεν τὴν ἐξουσίαν τῷ θηρίῳ, καὶ προσεκύνησαν τῷ θηρίῳ λέγοντες· τίς ὅμοιος τῷ θηρίῳ καὶ τίς δύναται πολεμῆσαι μετ’ αὐτοῦ; ⁵ Καὶ ἐδόθη αὐτῷ στόμα λαλοῦν μεγάλα καὶ βλασφημίας καὶ ἐδόθη αὐτῷ ἐξουσία ποιῆσαι μῆνας τεσσαράκοντα [καὶ] δύο. ⁶ καὶ ἤνοιξεν τὸ στόμα αὐτοῦ εἰς βλασφημίας πρὸς τὸν θεὸν βλασφημῆσαι τὸ ὄνομα αὐτοῦ καὶ τὴν σκηνὴν αὐτοῦ, τοὺς ἐν τῷ οὐρανῷ σκηνοῦντας. ⁷ καὶ ἐδόθη αὐτῷ ποιῆσαι πόλεμον μετὰ τῶν ἁγίων καὶ νικῆσαι αὐτούς, καὶ ἐδόθη αὐτῷ ἐξουσία</p>	<p>13 ¹Vi então uma Besta que subia do mar. Tinha dez chifres e sete cabeças; sobre os chifres havia dez diademas, e sobre as cabeças um nome blasfemo. ² A Besta que eu vi parecia uma pantera: seus pés, contudo, eram como os de um urso e sua boca como a mandíbula de um leão. E o Dragão lhe entregou seu poder, seu trono, e uma grande autoridade. ³Uma de suas cabeças parecia mortalmente ferida, mas a ferida mortal foi curada. Cheia de admiração, a terra inteira seguiu a Besta ⁴e adorou o Dragão por ter entregue a autoridade à Besta. E adorou a Besta dizendo: “Quem é comparável à Besta” e quem pode lutar contra ela?”⁵ Foi-lhe dada uma boca para proferir palavras insolentes e blasfêmias, e também poder para agir durante quarenta e dois meses. ⁶Ela abriu então sua boca em blasfêmias contra Deus, blasfemando contra seu nome, sua tenda e os que habitam no céu. ⁷Deram-lhe permissão para guerrear contra os</p>

¹⁷⁷ NESTLE, E. & ALAND, K.(eds) **Novum Testamentum Graece** (28th ed.) Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft. 2012.

¹⁷⁸ Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus. 2004.

ἐπὶ πᾶσαι φυλὴν καὶ λαὸν καὶ γλῶσσαν καὶ ἔθνος. ⁸ καὶ προσκυνήσουσιν αὐτὸν πάντες οἱ κατοικοῦντες ἐπὶ τῆς γῆς, οὗ οὐ γέγραπται τὸ ὄνομα αὐτοῦ ἐν τῷ βιβλίῳ τῆς ζωῆς τοῦ ἀρνίου τοῦ ἐσφαγμένου ἀπὸ καταβολῆς κόσμου. ⁹ Εἴ τις ἔχει οὖς ἀκουσάτω. ¹⁰ εἴ τις εἰς αἰχμαλωσίαν, εἰς αἰχμαλωσίαν ὑπάγει· εἴ τις ἐν μαχαίρῃ ἀποκτανθῆναι αὐτὸν ἐν μαχαίρῃ ἀποκτανθῆναι. Ὡδέ ἐστὶν ἡ ὑπομονὴ καὶ ἡ πίστις τῶν ἁγίων. ¹¹ Καὶ εἶδον ἄλλο θηρίον ἀναβαῖνον ἐκ τῆς γῆς, καὶ εἶχεν κέρατα δύο ὅμοια ἀρνίῳ καὶ ἐλάλει ὡς δράκων. ¹² καὶ τὴν ἐξουσίαν τοῦ πρώτου θηρίου πᾶσαι ποιεῖ ἐνώπιον αὐτοῦ, καὶ ποιεῖ τὴν γῆν καὶ τοὺς ἐν αὐτῇ κατοικοῦντας ἵνα προσκυνήσουσιν τὸ θηρίον τὸ πρῶτον, οὗ ἐθεραπεύθη ἡ πληγὴ τοῦ θανάτου αὐτοῦ. ¹³ καὶ ποιεῖ σημεῖα μεγάλα, ἵνα καὶ πῦρ ποιῇ ἐκ τοῦ οὐρανοῦ καταβαίνειν εἰς τὴν γῆν ἐνώπιον τῶν ἀνθρώπων, ¹⁴ καὶ πλατῆ τοὺς κατοικοῦντας ἐπὶ τῆς γῆς διὰ τὰ σημεῖα ἃ ἐδόθη αὐτῷ ποιῆσαι ἐνώπιον τοῦ θηρίου, λέγων τοῖς κατοικοῦσιν ἐπὶ τῆς γῆς ποιῆσαι εἰκόνα τῷ θηρίῳ, ὃς ἔχει τὴν πληγὴν τῆς μαχαίρης καὶ ζῆσεν. ¹⁵ Καὶ ἐδόθη αὐτῷ δοῦναι πνεῦμα τῇ εἰκόνι τοῦ θηρίου, ἵνα καὶ λαλήσῃ ἢ εἰκὼν τοῦ θηρίου καὶ ποιῆσῃ [ἵνα] ὅσοι ἐὰν μὴ προσκυνήσωσιν τῇ εἰκόνι τοῦ θηρίου ἀποκτανθῶσιν. ¹⁶ καὶ ποιεῖ πάντα, τοὺς μικροὺς καὶ τοὺς μεγάλους, καὶ τοὺς πλουσίους καὶ τοὺς πτωχοὺς, καὶ τοὺς ἐλευθέρους καὶ τοὺς δούλους, ἵνα δώσιν αὐτοῖς χάραγμα ἐπὶ τῆς χειρὸς αὐτῶν τῆς δεξιᾶς ἢ ἐπὶ τὸ μέτωπον αὐτῶν ¹⁷ καὶ ἵνα μὴ τις δύνηται ἀγοράσαι ἢ πωλῆσαι εἰ μὴ ὁ ἔχων τὸ χάραγμα τὸ ὄνομα τοῦ θηρίου ἢ τὸν ἀριθμὸν τοῦ ὀνόματος αὐτοῦ. ¹⁸ Ὡδε ἡ σοφία ἐστίν. ὁ ἔχων νοῦν ψηφισάτω τὸν ἀριθμὸν τοῦ θηρίου, ἀριθμὸς γὰρ ἀνθρώπου ἐστίν, καὶ ὁ ἀριθμὸς αὐτοῦ ἑξακόσιοι ἐξήκοντα ἕξ.

santos e vencê-los; e foi-lhe dada autoridade sobre toda tribo, povo, língua e nação. ⁸Adoraram-na, então, todos os habitantes da terra cujo nome não está escrito desde a fundação do mundo no livro da vida do Cordeiro imolado. ⁹Se alguém tem ouvidos, ouça: ¹⁰ “Se alguém está destinado à prisão, irá para a prisão; se alguém deve morrer pela espada, é preciso que morra pela espada”. Nisto repousa a perseverança e a fé dos santos. ¹¹Vi depois outra Besta sair da terra: tinha dois chifres como um Cordeiro, mas falava como um dragão. ¹²Toda a autoridade da primeira Besta, ela a exerce diante desta. E ela faz com que a terra e seus habitantes adorem a primeira Besta, cuja ferida mortal tinha sido curada. ¹³Ela opera grandes maravilhas: até mesmo a de fazer descer fogo do céu sobre a terra, à vista dos homens. ¹⁴Graças às maravilhas que lhe foi concedido realizar em presença da Besta, ela seduz os habitantes da terra, incitando-os a fazerem uma imagem em honra da Besta que tinha sido ferida pela espada, mas voltou à vida. ¹⁵Foi-lhe dado até mesmo infundir espírito à imagem da Besta, de modo que a imagem pudesse falar e fazer com que morressem todos os que não adorassem a imagem da Besta. ¹⁶Faz também com que todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos recebam uma marca na mão direita ou na frente, ¹⁷para que ninguém possa comprar ou vender se não tiver a marca, o nome da Besta ou o número do seu nome. ¹⁸Aqui é

	preciso discernimento! Quem é inteligente calcule o número da Besta, pois é um número de homem: seu número é 666!
--	---

3.2 CRÍTICA TEXTUAL

A 28. edição crítica de Nestle-Aland apresenta 59 alterações verificáveis nos manuscritos gregos relativos ao texto: 23 substituições simples, 17 substituições maiores, 9 omissões simples, 6 omissões maiores, 4 acréscimos, além de uma transposição de palavra. Boa parte delas são tentativas simples de corrigir estilística ou gramaticalmente o texto. Poucas delas são relevantes para a interpretação do texto ou possuem peso para que se possa cogitar uma alteração do texto grego proposto pelos editores como originais. A mais interessante delas tem a ver com a enigmática referência ao número da besta (v. 18): o manuscrito \aleph reproduz o número 666 em sua forma feminina; o manuscrito C e o papiro 115 trazem o número 616; o manuscrito minúsculo 2344 traz o número 615. A questão deverá ser retomada na exegese do texto, pois é controversa a decisão em favor de alguma das versões.

3.3 ANÁLISE LITERÁRIA

A Análise Literária nos possibilitará perceber a construção do texto dentro do contexto do livro, bem como uma possível estrutura, viabilizando um comentário ao texto em estudo.

3.3.1 Delimitação do texto

Apocalipse 13 representa uma perícopé bem delimitada, na medida em que toda ela se concentra no tema da besta. Esse assunto já havia sido aludido em Ap 11,7 e voltará a ser referido em todos os capítulos seguintes. Mas é nesse segmento que o tema recebe atenção maior. Depois de descrever o dragão no capítulo anterior, que perde a batalha no céu e é lançado à terra, onde passa a perseguir a mulher, o capítulo 13 se ocupa com o tema da besta, que recebe o seu poder do dragão. O primeiro trecho se refere a uma besta que emerge do mar (v.1-10). Ela é caracterizada, sua atuação é descrita, assim como as consequências para os

santos. O segundo trecho se refere a uma segunda besta, que emerge da terra. Ela está a serviço da primeira. Também ela é caracterizada, suas ações são descritas, com as consequências para os habitantes da terra. O versículo 18 volta à primeira besta e encerra o texto, fornecendo um número enigmático que permitiria identificá-la. Vemos assim que a perícopes forma um conjunto temático bem delimitado. Segundo alguns autores, esse capítulo constitui o centro do livro.¹⁷⁹

3.3.2 Uma estrutura do livro

Fazer opção por uma estrutura é abrir um leque de possibilidades, pelo fato de que cada autor possui sua própria opção e justificativa. A opção adotada em nosso trabalho tem a função de nos ajudar a perceber a centralidade do texto no conjunto do livro e perceber a sua estruturação interna. José Adriano Filho assim se expressa: “Com relação à sua estrutura, várias propostas têm sido apresentadas, procurando explicar como as diversas tradições teológicas utilizadas na sua composição formam um conjunto coerente e organizado”.¹⁸⁰ Dessa forma, não temos outra pretensão, a não ser trazer duas dessas propostas de estruturas que são comentadas por especialistas, e, assim, apresentar também a opção de estrutura que fizemos para o nosso texto em estudo Ap 13.

Ao comentar as estruturas, ele destaca que

Todas estas propostas de estrutura acentuam aspectos importantes, seja ao indicar as técnicas de composição ou o conteúdo de cada uma das partes do livro. Entretanto, permanecem algumas dificuldades que elas não explicam. É necessário lembrar que não é só esta parte do Apocalipse que está preocupada com a situação das comunidades. A interpretação da situação das comunidades começa nas cartas, continua com o quinto selo e as passagens que respondem às orações dos santos envolvem a destruição dos inimigos, culminando no galardão celestial.¹⁸¹

Em sua proposta, ele comenta que existe um desenvolvimento progressivo na narrativa do Apocalipse apresentada pelo autor do Apocalipse, culminando “no julgamento da Babilônia e no surgimento da nova Jerusalém”.¹⁸²

Transcrevemos a seguir uma proposta de estrutura global do livro do Apocalipse apresentada por Pablo Richard, em forma concêntrica:

¹⁷⁹ RICHARD. 1999, p. 68; OSBORNE. 2014, p.55; CORSINI, Eugênio. *O Apocalipse de São João*. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 221.

¹⁸⁰ FILHO. 1999. v. 34, p. 8.

¹⁸¹ FILHO 1999, p. 11. 34 v.

¹⁸² FILHO 1999, p. 11. 34 v.

Prólogo e saudação (tempo presente): 1,1-8
 A) 1,9 – 3,22: visão apocalíptica da Igreja
 B) 4,1 – 8,1: visão profética da história
 C) 8,2 – 11,19: as 7 trombetas (releituras do Êxodo)
 Centro: 12,1 – 15,4: a comunidade cristã entre as Bestas
 C) 15,5 – 16,21: as 7 taças (releituras do Êxodo)
 B) 17,1 – 19, 10: visão profética da história
 A) 19,11 – 22,5: visão apocalíptica do futuro
 Epílogo (tempo presente): 22,6-21.¹⁸³

Essa proposta está baseada na correspondência entre as partes, como podemos observar na identificação pelas letras: A, B, C, centro, C', B', A', iniciando com o prólogo e no final o epílogo.

Mesters e Orofino oferecem uma outra estrutura, construída a partir de rupturas, repetições e inserções que se percebem nos textos. Segundo eles, o livro foi escrito em momentos diferentes: “A parte mais antiga é formada pelos capítulos 4 – 11. Foram escritos durante a perseguição de Nero (64), ou, mais provavelmente, na época da destruição de Jerusalém (70)”.¹⁸⁴ Após 70 e 95, a situação já não era a mesma, e isso exigiu uma releitura dos fatos e dos escritos. Surgindo assim, a segunda parte 12 – 22.

Com base nessas informações os autores propõem uma estruturação para o livro da seguinte forma:

1, 1-3: Prólogo.

1,4-20: Saudação inicial e visão inaugural.

2 – 3: as sete cartas para as sete comunidades.

4 – 11: o roteiro do Êxodo (aqui são apresentados os temas que estão no Êxodo do povo de Israel).

12 – 22,5: o roteiro do julgamento e da condenação, aqui é como se essa parte fosse um alargamento da sétima praga, no sentido de um novo comentário, devido a uma nova conjuntura da qual a realidade é descrita.

22,6-21: conclusão.

O prólogo e a conclusão são as partes finais do livro, escrito segundo os autores, depois da morte de João por um discípulo seu que editou o livro, ao juntar todo o material existente.¹⁸⁵

Com mais essa proposta de estrutura, percebemos que o texto de estudo, está localizado no contexto menor entre de 13,1 – 14,5, que descreve o presente

¹⁸³ RICHARD, 1999, p. 67.

¹⁸⁴ MESTERS; OROFINO, 2003, p. 82.

¹⁸⁵ MESTERS; OROFINO, 2003, p. 85-87.

das comunidades e do próprio João. Pablo Ricahrd, embora modificando esse contexto menor, 12,1 – 15,4, também o apresenta como o centro do Apocalipse e como centro da história, “[...] É o agora da comunidade e de Deus, é o tempo de conversão e de ação”.¹⁸⁶

Feitas essas devidas observações, apresentaremos nossa opção de estrutura para fins de localização de nosso texto, pois o que podemos observar é que essas estruturas nos mostram que o nosso texto está dentro da estrutura maior de Ap 12 – 15.

Ao apresentar alguns comentários de estruturas, fazemos a seguinte opção de uma estrutura do livro do Apocalipse:

1, 1-3:	Prólogo;
1, 4 – 3, 22	Carta às Comunidades;
4, 1 – 11, 19	Visão histórica;
12, 1 – 22,5	Visão apocalíptica;
22, 6-20	Epílogo.

Essa estrutura, de certa forma, já foi comentada. Carlos Mesters, ao referir-se aos capítulos 4 -11, diz que “Depois do recado das sete cartas, João leva o povo das comunidades para dentro do céu”.¹⁸⁷ É de lá que as testemunhas do Cordeiro vão olhar o que vai acontecer aqui embaixo, na terra. Richard, por sua vez, ao optar pela estrutura concêntrica, divide esse bloco em 4, 1 – 8,1 visão profética; 8, 2 – 11, 19 as sete trombetas e continua em 15, 5 – 16, 21 sendo as sete taças.¹⁸⁸

A segunda parte da estrutura pode ser justificada levando em conta o que Mesters comenta, que na primeira parte João levou o povo para o céu, agora, ele desce para terra e fica com o povo que sofre. A terra vai ser o lugar da morada de Deus e das pessoas.¹⁸⁹ Para Lesbaupin, nesses capítulos encontra-se o pleno drama das perseguições.¹⁹⁰

¹⁸⁶ RICAHRD, 1999, p. 169.

¹⁸⁷ MESTERS, 2015, p. 48.

¹⁸⁸ RICHARD, 1999, p. 115-167.

¹⁸⁹ MESTERS, 2015, p. 60.

¹⁹⁰ LESBAUPIN, Ivo. **A Bem Aventurança da Perseguição**: a vida dos cristãos no Império Romano. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 72.

3.3.3 Uma estrutura de Apocalipse 13

V.1-3a – Nessa unidade é dada a descrição da besta (θηρίον) que sobe do mar (θαλάσσης). O primeiro versículo descreve os seus atributos, ou seja, o que ela possui. O segundo versículo acrescenta a aparência monstruosa dela, pois agrega a aparência de outros animais ferozes, tornando-se ainda mais monstruosa e feroz. Esse versículo é finalizado com a descrição de que o Dragão dá poder, trono e grande autoridade à besta. Em seguida é dito que uma de suas cabeças ferida foi curada.

V.3b-4 – Esta segunda unidade é aberta com a admiração da terra pela cabeça curada da besta. A cura foi motivo de adoração ao Dragão e em seguida à própria Besta, como forma de exaltação. Isso é descrito em forma de pergunta: quem é comparável à Besta e quem pode lutar contra ela? Percebe-se aqui uma espécie de ironia com o nome do anjo que aparece no capítulo 12, Miguel (=quem é como Deus?).

V.5-8 – A terceira unidade descreve as ações da besta, o que ela é capaz de fazer em um determinado tempo (quarenta e dois meses) contra Deus, sobretudo proferir blasfêmia contra Deus e as coisas que lhe pertencem. Também descreve seu poder de pelejar contra os santos e persegui-los. O poder da Besta é estendido a toda tribo, povo, língua e nação. As consequências desses atos são descritas no v. 8: a adoração dos que não seguem o Cordeiro.

V.9 -10 – Esta quarta unidade traz uma estrutura marcada pela conjunção “se” (εἴ), que se repete três vezes no trecho e pelo pronome indefinido “alguém” (τίς), repetido igualmente duas vezes no v. 10. Essas duas expressões fazem referência a quem se mantiver no seguimento do Cordeiro e firme no seu testemunho, lembrando das consequências da fidelidade a ele.

V.11-15 – Nesta unidade temos a descrição da segunda besta (θηρίον), que sai da terra (γῆ), ou seja, de um novo cenário ou lugar geográfico. Sua aparência não é monstruosa como a primeira besta, ao contrário, tem aparência de cordeiro. Mas a imagem de cordeiro serve para causar confusão ou tentar enganar os que são fiéis ao Cordeiro Verdadeiro que foi morto, mas voltou a viver.

Essa segunda besta é logo denunciada pela voz, pois ela fala como um dragão, mostrando assim a quem ela está servindo. Nos versículos 12-15, é descrita

a ação da segunda besta que está voltada ao serviço da primeira, da qual provém o seu poder.

V.16-17 – Esta unidade apresenta os feitos da segunda besta em relação aos seres humanos: todas as classes estão identificados com uma marca (χάραγμα), para poderem comprar ou vender.

V.18 – Esse versículo fecha o capítulo ao apresentar o número da besta (666), que permite a sua identificação. A expressão inicial soa como um sinal de alerta ou advertência: “Aqui é preciso discernimento” (Ἦδε ἡ σοφία ἐστίν.), (Ap. 13,18^a).

3.3.4 Comentário ao texto: A besta que emerge do mar (v.1-10)

Teceremos nessa parte um comentário mais detalhado ao texto em estudo, o que nos dará uma compreensão mais aproximada da riqueza que ele tem a oferecer.

O cenário do capítulo 13,1-18 passa a ser o mar, de onde provém a primeira besta, e a terra, de onde provém a segunda, que está a serviço da primeira.

A nefasta influência exercida por Satanás nas duas direções, do mar e da terra, é simbolizada pelo fato de ele se colocar em posição, por assim dizer, estratégica, ‘a beira-mar’, ou seja, na linha de demarcação entre os dois elementos, como João noôlo descreve na conclusão do capítulo 12 (cf. 12,18).¹⁹¹

Observa-se nas imagens uma progressão na apresentação das bestas. A descrição da aparência delas estabelece uma nítida correspondência com o dragão, que ao ser derrotado e expulso do céu (Ap 12) busca exercer seu poder no pouco tempo que lhe resta contra os descendentes da mulher na terra.

A posição de Pohl é que “estamos diante de uma das grandes passagens do NT acerca do Anticristo”, já que as bestas são descritas como um antítipo de Cristo. O prefixo *anti* pode significar tanto a oposição hostil e violenta contra Cristo, como também possuir o sentido de “em lugar de Cristo”.¹⁹² Já Corsini afirma que,

[...] o aparecimento das duas bestas, sobretudo da primeira, constitui a recuperação de Satanás daquela ferida aparentemente mortal, o que deixa

¹⁹¹ CORSINI, 1984, p. 238.

¹⁹² POHL, 2001, p. 165.

os homens tão admirados a ponto de serem levados a confundi-lo com a suprema divindade.¹⁹³

Nesse cenário temos uma disputa de poder e força e o desenvolvimento de atos para mostrar quem vai vencer: por um lado, Cristo e seus seguidores, e por outro, a besta e seus aliados. Mas João tranquiliza suas comunidades, pois a exemplo do Dragão, a primeira Besta, embora possa até matar os seguidores de Cristo e possuir um grande poder, tem um tempo limitado para exercê-lo.

O dragão, a antiga serpente e todos os seus sinônimos apresentados em Ap 12.9 estão na praia do mar (Ap 12,18). O monstro que foi expulso do céu vai perseguir os descendentes da mulher. Ele está à espera dos aliados para continuar o seu projeto de morte, que será executado na terra com o auxílio das bestas do mar e da terra, descritas em Ap 13.

[...]. Se o cap. 12 enaltece a vitória de Deus e do Cordeiro e a queda definitiva de Satanás, este vai falar da guerra desesperada de Satanás contra a descendência da mulher (cf 12,17), por intermédio de seus instrumentos, “a besta que emerge do mar (13,1) e a besta que sobe da terra” (v. 11).¹⁹⁴

Em Ap 13,1 o vidente descreve a visão de uma besta que subia do mar. Ela tinha dez chifres e sete cabeças; sobre os chifres havia dez diademas, e sobre as cabeças um nome blasfemo. Assim inicia o capítulo que vai introduzir os aliados do Dragão na luta contra Deus e seu projeto de vida, que são as duas Bestas: a que emerge do mar e a que emerge da terra. De início temos a descrição da besta que sobe do mar. Em sua aparência ela traz alguns dos atributos do próprio Dragão, tornando-se sua extensão na perseguição dos que são fiéis a Cristo.

Para Osborne, a Besta do mar do capítulo 13, ao possuir a mesma imagem e autoridade do Dragão, é apresentada como um “filho” deste, sendo uma paródia de Cristo, o Filho de Deus. Para ele, “[...] parece óbvio que a imagem da besta aqui é elaborada sobre a temática do Anticristo no NT”.¹⁹⁵ Já para Corsini, a besta do mar é um ser monstruoso e “representa uma continuação, um prolongamento do dragão, uma manifestação sua. Então podemos ver as características do novo monstro uma cópia das do dragão”.¹⁹⁶

¹⁹³ CORSINI, 1984, p. 238.

¹⁹⁴ ARENS; MATEOS, 2004, p. 218.

¹⁹⁵ OSBORNE. Grant R. **Apocalipse**. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 548.

¹⁹⁶ CORSINI, 1984, p. 240.

Vi então uma besta que subia do mar. O mar, em diversos textos bíblicos como Jó 3,8; 41,1; Sl 104,26; Is 27,1; Dn 7,3, é associado ao mal. É o lugar onde mora o Leviatã, ou seja, o monstro marinho (Sl 74,13-15). Por ser o mar o lugar de onde provém o mal, ele não vai fazer parte da nova criação em Ap 21,1. A esse respeito, Prigent nos diz que “[...] o mar deve ser entendido como o lugar por excelência em que se abrigam e se fortificam as potências anti-Deus”¹⁹⁷.

O mar como morada de monstros não é uma imagem exclusiva da cultura judaica, mas também de outros povos do Oriente Médio:

Por todo o Oriente Médio antigo, o monstro do mar simbolizava a guerra entre o bem e o mal, entre os deuses e o caos. [...], essa ideia se desenvolve com base no fato de que para as nações em volta da Bacia do Mediterrâneo, o mar significava profundezas imperscrutáveis e o caos da morte.¹⁹⁸

A cultura mesopotâmica apresenta em suas tradições escritas textos míticos que falam da ascensão do deus Marduk como o principal no panteão religioso, no poema Enuma Elish:

O poema começa falando de um tempo antes da existência dos deuses quando as águas primordiais, Apsu e Tiámat, constituíam uma massa indiferenciada, e nem céus, terra e deuses existiam. Então nasceram os deuses: os casais Lahmu e Lahamu, Ánshar e Kíshar; depois, este último casal gera o deus Ánu, que gera o deus Ea (= Nudímmud).¹⁹⁹

As águas do mar expressam sinais de caos e de morte. Por isso precisam ser dominadas.

[...] O que se expressa em Gn 1,2, dentro de uma linguagem mítica, reaparece em vários lugares da própria Bíblia; o suposto caos original deve ser constantemente dominado (Sl 74, 13-17; 77, 17-20; Sl 96, 11; 98, 7-8).²⁰⁰

Dn 7,3ss também descreve feras que saem do mar. Essa imagem está em paralelo com Apocalipse 13.²⁰¹ Nesse sentido, podemos dizer que “[...] as quatro bestas de Daniel 7 representam o império da Babilônia, o reino dos medos, o império dos persas aquemênidas e o império de Alexandre Magno e de seus

¹⁹⁷ PRIGENT, Pierre. **O Apocalipse**. São Paulo: Loyola, 1993. p. 236.

¹⁹⁸ OSBORNE, 2014, p. 516.

¹⁹⁹ AYRTON'S Biblical Page. **Poema Enuma Elish**. Disponível em: <<https://airtonjo.com/site1/cosmogonias.htm>>. Acesso em 20 ago. 2020.

²⁰⁰ REIMER, Haroldo. **Água na experiência do povo do Antigo Israel**. Estudos Bíblicos, n. 80. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 20.

²⁰¹ ARENS; MATEOS, 2004, p. 219; PRIGENT, 1993, p. 236.

sucessores. [...]”.²⁰² A representação da besta não é uma realidade em si, mas uma representação do poder opressor, do simbolismo de reis que dominaram um período da história²⁰³ e continua no presente do autor. Nessa linha de pensamento, no Apocalipse atualiza-se o poder opressor do Império Romano com a besta que sobe do mar. “[...] A quase totalidade dos comentadores veem nesta primeira besta o Império Romano. [...]”.²⁰⁴ Ela é filha do Dragão, o pai da mentira.²⁰⁵ Elisabeth Fiorenza assim se expressa: “A praia do mar imaginada aqui é provavelmente a do Mar Mediterrâneo, com Roma localizada geograficamente na costa oposta”.²⁰⁶ (tradução nossa).

Ao descrever a besta, o vidente diz que ela tinha dez chifres e sete cabeças, igual ao Dragão (Ap 12.3), ou seja, sua aparência expressa todo mal que este representa. Osborne diz: “[...] Assim como o dragão que convoca essa criatura das profundezas, a primeira besta é inimiga de Deus e de seu povo”.²⁰⁷ Os dez chifres e as sete cabeças, mesmo que mencionados de forma inversa, descrevem a íntima relação que existe entre o Dragão e a besta.

Em Ap 11,7, ela já era apresentada como aquela que combaterá contra as duas testemunhas proféticas, as vencerá e matará. Nesse versículo, ela sobe do abismo, que é sinônimo de mar, como lugar do mal. Ela reaparecerá em 17,8.

Ao ser associada com o cap. 17 de Apocalipse, aproxima-se mais ainda sua identificação com o Império Romano. “[...] declara-se aí que os chifres simbolizam dez reis (17,12)”.²⁰⁸ Por isso, as sete cabeças e os dez chifres provavelmente se referem aos imperadores romanos que vão desde Augusto (29 a.C.-14 d.C) até Nerva (96-98 d.C.).²⁰⁹

Corsini²¹⁰ vê a diferença dos diademas, que estão nos chifres, e não na cabeça como no dragão, o significado do poder político exercido pelos reis. Esses são vassallos do dragão, pois exercem o poder opressor em nome dele. São a face concreta do mal, enquanto este é força do mal em oposição a Deus.

²⁰² Dicionário Enciclopédico da Bíblia, 2013, p. 233.

²⁰³ BORTOLINI, José. **Como ler o Apocalipse: Resistir e denunciar**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 111.

²⁰⁴ **Revista de Cultura Bíblica**. São Paulo: Loyola, 1999. p. 112.

²⁰⁵ BORTOLINI, 1994, p. 110.

²⁰⁶ FIORENZA, p. 83. (The seashore envisioned here is probably that of the Mediterranean Sea with Rome geographically located on its opposite shore).

²⁰⁷ OSBORNE, 2014, p. 550.

²⁰⁸ ARENS; MATEOS, 2004, p. 219.

²⁰⁹ Dicionário Enciclopédico da Bíblia, 2013, p. 234.

²¹⁰ CORSINI, 1984, p. 241.

Nas cabeças da besta é dito que elas têm um nome blasfemo ou nomes blasfemos. A esse respeito, Corsini nos diz que:

Os 'nomes blasfemos' que cobrem os chifres da besta do mar representam a pretensão do estado de se colocar como valor supremo e absoluto. Isso por um lado acarreta a rebelião contra Deus e a tentativa de negá-lo (blasfêmia) e por outro lado implica a submissão e aniquilação do homem.²¹¹

Na opinião de Pohl,

A blasfêmia ocorre em Ap sempre nos lábios de Satanás e seus auxiliares [...] e significa a repulsa consciente do senhorio do Cordeiro, bem como a tentativa de roubar-lhe sua dignidade, isto é, seu 'nome', e atribuí-lo a si mesmo.²¹²

Nesse sentido, podemos dizer que “[...] suas reivindicações blasfemas de divindade e sua exigência de ser adorada no lugar de Deus e de Cristo forma o cerne de sua obra medonha”.²¹³

O **v. 2** diz que a besta vista pelo vidente parecia uma pantera: seus pés, contudo, eram como os de um urso e sua boca como a mandíbula de um leão. Nesse versículo, a imagem da besta é associada às quatro bestas de Dn 7.²¹⁴ Porém aqui o autor concentra tudo em uma só besta, tornando-a ainda mais feroz e monstruosa. É como se o Império atual concentrasse todas as forças e poderes de ação.

O propósito da imagem é retratar uma besta que é assombrosamente medonha e absolutamente amedrontadora, pois é a incorporação de todo o mal. [...] essa besta é a combinação de todas as bestas ou impérios ao longo da história humana que têm se levantado contra Deus e contra seu povo.²¹⁵

A mensagem que João deseja enviar aos seus ouvintes é de que no presente, como no passado, a presença de Deus e a esperança não vão decepcionar, apesar das tribulações que o povo de Deus experimenta.

Em seguida o versículo 2 afirma que o dragão entregou o poder, trono e autoridade à besta, “[...] o que vem a confirmar a função de representante exercida pela besta do mar (poder político) em relação ao dragão (Satanás)”.²¹⁶

²¹¹ CORSINI, 1984, p. 243.

²¹² POHL, 2001, p. 167.

²¹³ OSBORNE, 2014, p. 551.

²¹⁴ RICHARD, 1999, p. 185.

²¹⁵ OSBORNE, 2014, p. 552.

²¹⁶ CORSINI, 1984, p. 241.

Na descrição da besta feita por João, é perceptível que ela é produto, criação e instrumento do dragão²¹⁷, ou seja, o que ela tem vem de outro, há uma total dependência de sua existência e ação. O dragão entregou todas as possibilidades que possuía para a besta poder agir e dominar.

Essa prerrogativa de dar ou conceder é de Deus, vem de sua faculdade benevolente, e é mencionada em outros textos do livro do Apocalipse (6, 2.4.8.11; 7, 2; 8,2; 9, 1; 11, 1.2; 12, 14; 13, 5; 16, 8; 19, 8; 20, 4). Ap 2, 28 nos informa que é Cristo quem dá ou concede a autoridade que recebeu do Pai. “Essa usurpação da autoridade divina é uma característica básica do dragão e da besta nesses capítulos”.²¹⁸ É uma alusão ao Império Romano com sua ostentação de poder e arrogância. Assim ele “[...] é visto como de inspiração demoníaca, e o imperador como vassalo de Satanás”.²¹⁹

Podemos então perceber que o poder dado ao Império Romano pelo dragão é uma perversão do poder que o ser humano pode possuir, pois foi criado à imagem e semelhança de Deus. Por isso cabe a ele guiar toda a criação ao louvor a Deus como criador. Satanás, ao transmitir seu poder de dominação à besta, comete uma perversão, que pode ser percebida na maldade que existe no mundo, visibilizada em ações que o ser humano pode cometer. Percebe-se, portanto, que continuam a,

[...] sugerir ao homem [que] obtenha com as suas próprias forças e com a violência aquela semelhança com a divindade que, entretanto, faz parte da promessa feita por Deus ao homem [...] o que o pérfido Satanás transmite ao poder político não é tanto a autoridade e o domínio sobre a terra, quanto a ambição de submeter tudo ao próprio serviço, à própria natureza, prepotência e violenta subjugação da criação e de outros homens, e é uma monstruosa caricatura daquela realeza prometida ao homem no momento de sua criação.²²⁰

Essa realidade quebra a relação de vivência harmoniosa entre o ser humano, a criação, e Deus como criador, gerando uma perversão e domínio ilegítimo.

No **v. 3**, uma de suas cabeças parecia mortalmente ferida, mas a ferida mortal foi curada. Cheia de admiração, a terra inteira seguiu a besta. (repetição) Essa observação de João se relaciona com a informação que nos é apresentada

²¹⁷ ARENS; MATEOS, 2004, p. 219.

²¹⁸ OSBORNE, 2014, p. 552-553.

²¹⁹ PIRGENT, 1993, p. 238.

²²⁰ CORSINI, 1984, p. 252.

sobre o Cordeiro em Ap 5,6. Ali também o leitor foi informado que “Jesus, o Cordeiro, tinha uma ferida de morte e estava vivo”.²²¹

A Bíblia de Jerusalém, numa de suas notas de rodapé, dá a seguinte explicação sobre a cura da cabeça da besta: “Alusão a alguma restauração do Império momentaneamente abalado (morte de César? Confusões que sucederam a morte de Nero?). A besta ferida e curada é paródia de Cristo morto e ressuscitado”.²²² Essa é mais uma das imitações diabólicas do Cristo morto e ressuscitado. Na interpretação de Mesters e Orofino: “Mata-se um imperador, mas logo vem um outro no lugar dele. O sistema se reproduz, é mais forte que os seus funcionários”.²²³

Esse detalhe do texto também é visto por alguns intérpretes como uma referência ao imperador Nero, que se suicidou no ano de 68: circulava sobre ele a lenda de que ele voltaria para reivindicar o trono que tinha lhes sido tirado. Por isso,

[...] Depois da morte de Nero (suicídio, 68) e as várias tentativas de golpe de estado (68-69), surgiu a lenda: ‘Nero vai voltar!’ Na época de Domício, o povo dizia: ‘Ele é Nero que voltou a viver!’ A propaganda do Império fazia o povo crer que o imperador era um deus.²²⁴

Foi nesse período da sucessão ao trono de Nero que as bases do Império balançaram. Porém, a sustentação do império subsistiu aos abalos.

[...] Ora, sabemos de fonte segura, por volta dos anos 100 se falava aqui e acolá de Nero, 1º) identificando-o com o Anticristo; 2º) afirmando ou que ele havia escapado milagrosamente à morte que havia procurado em 68, ou até que havia sido arrebatado do mundo e mantido sobrenaturalmente em vida; 3º) esperando a sua volta vingadora.²²⁵

A consequência, segundo o autor do Apocalipse, é que a besta, em sua falsificação da pessoa de Cristo, o Cordeiro, começa a ganhar seguidores, que chegarão ao ponto de adorá-la como a um deus. Essa atitude será fortemente reprovada em todo o livro. O poder do mal sempre busca uma forma de continuar seu projeto de destruição e morte.

O **v. 4** nos diz que a terra inteira adorou o dragão por ter entregado a autoridade à besta: “E adoravam a besta dizendo: ‘Quem é comparável à besta’ e

²²¹ MESTERS; OROFINO, 2003, p. 260.

²²² Bíblia de Jerusalém, nota de roda pé “g”, p. 2155.

²²³ MESTERS; Carlos; OROFINO, Francisco. *Apocalipse de João: Esperança, Coragem e Alegria*. CEBI; São Paulo: Paulus, 2002. p. 167.

²²⁴ MESTERS; OROFINO, 2003, p. 260.

²²⁵ PRIGENT, 1993, p. 239.

‘quem pode lutar contra ela’”? Este versículo descreve o desfecho do ato de seguir a Besta, que vai ser a adoração: “[...] adorar a besta (ou o imperador) era adorar o poder satânico por trás dela, pois as forças demoníacas sempre estão por trás da adoração aos ídolos”.²²⁶

Temos aqui a descrição das consequências desse ato e o que ele provocou na terra inteira: “[...] a adoração de satanás (o Monstro), porque este deu sua autoridade (*exousia*) à besta”.²²⁷ Ou seja, muitas pessoas foram seduzidas por essa propaganda veiculada pelo império para continuar mantendo a população sob suas garras. Ao imperador cria-se a imagem de um deus²²⁸. “[...] A adoração do Império consiste, assim, em sua total absolutização, que produz total submissão [...]”²²⁹. Em seguida, a besta passa a receber admiração, adoração. Por isso ela pode ser caracterizada como um anticristo.

Isso é uma paródia de declarações similares ditas a respeito de Deus, salientando o grande poder e a autoridade do anticristo sobre o mundo, por meio do controle e influência de Satanás (ver Isa. 40:18,25; 46:5; Sal. 113:5; Miq. 7:18; Jer. 49:19). Por isso é que com razão é dito, na segunda epístola aos Tessalonicenses, que o homem da iniquidade se elevará a si mesmo acima e contra tudo quanto se chama “Deus”, situando-se no próprio santuário de Deus, como se fora o próprio Deus, e se exibirá como o mais elevado do universo.²³⁰

Manifesta-se, nesse sentido, o poder satânico do império em requerer adoração. O poder dominador do império fica evidente nesse versículo.

[...] O problema básico é, pois, de poder. Por isso, diante do desafio implícito no nome do vencedor, Miguel, nome que significa ‘quem como Deus?’, descobrimos a blasfêmia do mundo todo enganado que exclama: ‘quem é comparável à besta, e quem poderá combater contra ela’ (v.4).²³¹

Ao descrever essa realidade, João desmascara de forma clara o poder satânico do Império e sua prática de morte. Nesse versículo, há uma pergunta da parte dos adoradores da besta, que é feita como uma retórica: “quem é comparável à besta?”. Ao fazê-la é querer afirmar que não tem ninguém que tenha poder maior que a besta e, dessa forma, a besta é digna de receber honras que são devidas somente a Deus. Ap 12, 7 declara que Miguel e seus aliados lutaram contra o dragão e seus anjos e venceram. Miguel, que significa “quem é como Deus?”, já nos

²²⁶ OSBORNE, 2014, p. 558.

²²⁷ RICHARD, 1999, p. 186.

²²⁸ MESTERS; OROFINO, 2002, p. 167.

²²⁹ RICHARD, 1999, p. 187.

²³⁰ CHAMPLIN, 1980, p. 550.

²³¹ ARENS; MATEOS, 2004, p. 220.

traz em seu nome essa pergunta: quem é como Deus? Temos, portanto, da parte dos adoradores da besta uma ação idolátrica, atitude esta que já encontra crítica anti-idólatra em textos no Antigo Testamento, como em Êx 15,11-13; Dt 3,24; Is 44,6-7; Is 40,12-31. “Em todos esses textos trata-se de uma crítica anti-idólatra, que os cristãos usam justamente para opor-se à idolatrização do Império Romano”.²³²

O v. 5 informa que foi dada à besta uma boca para proferir arrogâncias e blasfêmias e autoridade para agir quarenta e dois meses. Para Mesters, quarenta e dois meses (cf. 11,2) é igual a 1.260 dias (12,2), ou à expressão “tempo, tempos, meio tempo” (12,14): Trata-se da metade de 7 anos (3 anos e meio). Indica um tempo limitado e imperfeito. Deus limita o tempo do perseguidor. “A perseguição só vai durar 42 meses (13,5). É a metade de sete anos. Número simbólico para indicar a imperfeição”.²³³

Chama a atenção nesse versículo o verbo ἐδόθη/ foi dado.²³⁴ A forma passiva do verbo denota que tudo que a besta possui não lhe é próprio. Ela não subsiste por si mesma. O que ela possui vem do dragão, porém, “[...] na realidade, Deus é a verdadeira fonte dela”, afirma Osborne.²³⁵ Também Richard sustenta que a forma passiva aponta para Deus: “[...] A ideia é que todo o poder da Besta está sob o controle de Deus”.²³⁶ Pierre Prigent acompanha a mesma ideia.²³⁷ Champlin diz: “[...] Essa possessão, pois, é o segredo de seus tremendos poderes”.²³⁸ Da mesma forma como foi lhe dado, podemos também deduzir que também lhe poderá ser tirado.

A boca é justamente o elemento da besta que profere arrogâncias e blasfêmias (v.6). Blasfêmias, para Osborne, “significam literalmente, ‘insulto’, ou ‘maldição’ ao nome de Deus e indicam a pretensão da besta de se autonear deus e exigir que as nações a adorem no lugar de Deus (13,6)”.²³⁹ Arrogâncias e blasfêmias, para Prigent, são quase sinônimas. Podem tratar-se

[...] das pretensões régias de derrubar completamente o culto prestado a Deus no seu templo [...]. A besta apresenta-se, portanto, como a

²³² RICHARD, 1999, p. 187.

²³³ MESTERS, 2015, p. 66.

²³⁴ CHAMPLIN, 1980, p. 551; OSBORNE, 2014, p. 559.

²³⁵ OSBORNE, 2014, p. 560.

²³⁶ RICHARD, 1999, p. 188.

²³⁷ PRIGENT, 1993, p. 240.

²³⁸ CHAMPLIN, 1980, p. 551.

²³⁹ OSBORNE, 2014, p. 559.

descendência da quarta besta de Dn, opõe-se, como ela, violentamente ao próprio Deus, cujo lugar soberano pretende ocupar.²⁴⁰

Com essas duas palavras (arrogância e blasfêmia) são descritas ações contra Deus por parte de poderes exercidos por governantes que ao longo da história buscaram reconhecimentos que não lhes são próprios, como por exemplo honras ou submissão de pessoas. O próprio Deus tratou e trata o seu povo com carinho e cuidado. Corsini compara essa passagem do Apocalipse com Daniel, onde “[...] os animais de Daniel são a representação dos quatro impérios mundiais que se sucedem ao longo da história humana [...]”. Para o autor do Apocalipse, porém, a ênfase está na denúncia do “[...] caráter demoníaco da dominação política, enquanto consequência do pecado e da violência, expressão da autoglorificação do homem”.²⁴¹ O poder exercido pelo ser humano, nesse sentido, é um voltar-se contra Deus e um não reconhecimento d’Ele como Senhor da vida e da história.

O v. 6 nos mostra que a besta abriu, então, sua boca em blasfêmias contra Deus, blasfemando contra seu nome, sua tenda e os que habitam no céu. Enquanto no versículo anterior se diz que ela apenas recebeu uma boca de blasfêmia, aqui, de fato, se descreve ação de proferir as blasfêmias.²⁴² Podemos perceber nesse versículo que as blasfêmias são dirigidas contra o nome de Deus, contra o lugar de sua habitação (o tabernáculo) e contra o lugar em que ele reina soberano (o céu). Essa ideia pode nos levar a entender que esse texto fala da realidade celeste apenas. A essa possibilidade de reflexão que pode soar como única, para Prigent pode ter outra opção. Para ele,

[...] Deve-se, portanto, entender que designa simultaneamente os fiéis que, na terra, adoram o verdadeiro Deus e as cortes angélicas que, no céu diante de Deus, lhe prestam um culto correspondente em todos os pontos ao dos homens.²⁴³

Nesse sentido, podemos entender que a ação dos seguidores e seguidoras de Cristo acontece no testemunho perene que dão de Deus através de suas ações. Assim, a experiência da vida futura já acontece aqui na terra. O ato de blasfemar é como se a besta quisesse impedir a comunhão dos homens e mulheres com Deus. Essa comunhão foi realizada de forma definitiva em Cristo, o Cordeiro.

Para Richard,

²⁴⁰ PRIGENT, 1993, p. 241.

²⁴¹ CORSINI, 1984, p. 245.

²⁴² KRAYBILL, 2004, p. 84.

²⁴³ PRIGENT, 1993, p. 241.

[...] falar com grandezas é falar com insolência, com arrogância, com prepotência, o que sempre leva a um discurso blasfemo e idólatra. Blasfemar é uma palavra grega que significa maldizer, dizer mal de alguém, destruir com a língua. É próprio dos opressores e dos tiranos ter um discurso grandiloquente, prepotente, e, finalmente, blasfemo.²⁴⁴

A blasfêmia contra Deus é, antes de tudo, querer usurpar o que é próprio de Deus e somente a Ele deve ser dirigido, que é a adoração. Para Beale, que se refere a um demônio escatológico como blasfemador, “[...] o fato de que ‘ele blasfema a Deus’ implica difamar a Deus por meio da autodeificação”.²⁴⁵ É difamar a Deus e seu nome, fazendo o contrário do que o próprio Jesus já havia ensinado na oração do Pai Nosso, quando pediu que o nome de Deus seja santificado (Mt 6,9). Isso é um flagrante contraste com seu ensinamento.

No v. 7 foi dado também à besta a permissão para guerrear contra os santos e vencê-los; e foi-lhe dada autoridade sobre toda tribo, povo, língua e nação. Nas duas vezes o verbo se encontra novamente na voz passiva (ἐδόθη).

As testemunhas ou santos, ou seja, “os que foram martirizados e agora estão no céu”²⁴⁶, são apenas temporariamente vencidos, porque a guerra tem um tempo limitado (42 meses, conforme Ap 13,5) e Deus é quem está no controle do tempo e da história.

Nesse versículo nos é apresentado um paralelo com Dn 7,21, onde se relata que o primeiro chifre faz guerra aos santos e os vence. A nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém²⁴⁷ diz que o texto de Daniel é uma referência a Antíoco IV Epífanes, que tem um instante de sucesso ao derrotar seus concorrentes. Ou seja, tanto em Dn 7,21 como aqui os santos são vencidos.

Tanto essa arrogância blasfema como o ato de fazer guerra e vencer tem uma grande abrangência, porque uma autoridade (ἐξουσία) foi entregue à besta, que se estende sobre toda tribo, povo, língua e nação. Ap 13,2 já se referiu a essa autoridade como um dos atributos dados pelo dragão à besta. Percebe-se, porém, que essa autoridade que o dragão passa adiante, a rigor, não é sua. Ele não tem o controle que imagina ter. É um poder abrangente, mas não é absoluto ou ilimitado, pois está dentro de um tempo limite e determinado. Por isso, as testemunhas de

²⁴⁴ RICHARD, 1999, p. 188.

²⁴⁵ BEALE, 2014, p. 1373.

²⁴⁶ MESTERS; OROFINO, 2002, p. 167.

²⁴⁷ Bíblia de Jerusalém, “Antíoco IV Epífanes (175-163), que só adquiriu preeminência ao se desembaraçar de certo número de seus concorrentes”. (nota de roda pé g), p. 1567.

Jesus, mesmo passando por momentos difíceis que poderão levar à morte, serão vitoriosos.

A vitória se dá pela morte sofrida pelas testemunhas, pois assim como o Cordeiro imolado é vitorioso, assim também as suas testemunhas o serão.

[...] Até mesmo no próprio ato em que a besta acredita ter vencido os santos, isto é, no martírio deles, 12,11 nos diz que, na verdade, são eles que 'a venceram' 'pela palavra do seu testemunho e [porque], mesmo diante da morte, não amaram a própria vida'.²⁴⁸

Mesmo onde a besta acha que foi vitoriosa, na verdade, ela já foi vencida, pois o Dragão já foi vencido e o será definitivamente. O prazo de sua ação já foi determinado. Sua prepotência e soberania estão controladas por Deus, que tem a última palavra. Trata-se, pois, de uma vitória aparente.

Percebemos que o Apocalipse vai dessa forma, mostrando uma constante ação violenta contra os seguidores e seguidoras do Cordeiro. Em 11,7 já informava que a besta que sobe do mar vai vencer as duas testemunhas e as vencerá. Essa saga de perseguição continuará em 12,17 contra os descendentes da mulher por parte do Dragão, porém, é possível vencê-lo novamente, pois ele já é um derrotado.

O **v. 8** diz que os habitantes da terra adoraram a besta, ou seja, todos os habitantes cujos nomes não estão escritos desde a fundação do mundo, no livro da vida do Cordeiro imolado. Esse versículo informa que a besta vai ter sucesso, porque uma parte da humanidade não se deixou guiar pela opção oferecida pelo Cordeiro. Assim, excluíram seus nomes do livro da vida, optando pelo projeto baseado na idolatria que se concretiza na adoração da besta, que “tenta usurpar a autoridade messiânica e divina”.²⁴⁹

O que vai possibilitar a vitória dos santos não vai ser a força, a violência, a guerra ou a morte, mas o sangue do Cordeiro, como nos é informado em 12,11. De forma positiva, os que têm o nome escrito no livro da vida.

O autor nos ajuda a entender que em Cristo Deus tem o domínio do mundo, mesmo que por ora o projeto do maligno pareça vencer ao matar o Cordeiro, que, por sua vez, ao ressuscitar frustra os planos do mal. Os que são fiéis ao Cordeiro imolado também vencerão. “Isso porque toda nossa esperança de salvação vem do Cristo, de sua vida, de sua morte, de sua ressurreição. Se acreditamos nele, se

²⁴⁸ OSBORNE, 2014, p. 562

²⁴⁹ BEALE, 2014, p. 1374.

estamos inscritos entre os seus escolhidos, isso não é mérito nosso. É dádiva de Deus”.²⁵⁰

Acerca dessa ideia, Corsini faz a seguinte observação:

Certamente, João está convencido de que a imolação do Cordeiro, a única e verdadeira, irrepetível e insubstituível, consumou-se com a morte de Cristo na cruz. Mas ela sintetizou em si e resgatou na sua vitória todas as mortes violentas, todas as opressões padecidas por amor à verdade e à justiça.²⁵¹

No **v. 9** diz que, se alguém tem ouvidos, ouça. Esse versículo apresenta uma chamada de atenção ou advertência em forma de exortação para a resistência e a fé aos ouvintes da mensagem para o que vem a seguir.

O **v. 10** informa que, “se alguém está destinado à prisão, irá para a prisão; se alguém deve morrer pela espada, é preciso que morra pela espada”. Nisto repousa a perseverança (ὕπομονή) e a fé (πίστις) dos santos. Para Richard, esse versículo tem inspiração em Jr 15,2 e 43,11.²⁵² Embora esse versículo possa ser interpretado como um desejo de vingança (os representantes do império, no final das contas, vão provar de seu próprio veneno)²⁵³, preferimos interpretá-lo como um alerta contra uma resistência armada, no sentido de que é na perseverança que se vence o ciclo de violência. “A perseverança cristã consiste em uma participação no martírio de Cristo, e a fé sabe discernir nestas provações mortais os sinais da verdadeira vitória”.²⁵⁴

Vencer ao ser vencido, esta, nos parece ser a lógica oferecida pelo Apocalipse, a mesma lógica que se vê na morte de Cristo na cruz. Por isso,

[...] A importância que o Apocalipse dá à morte de Cristo como acontecimento central de sua revelação messiânica é já de per si uma condenação radical da violência e dos poderes que a exercem. [...] Tudo isso não deixou de ter sua importância para a difusão do cristianismo nos primeiros séculos. Seja como for, é só partindo de uma certeza como a que anima o Apocalipse que podemos entender um fenômeno como o do martírio. Que não é, ao menos na maioria dos casos, desprezo do mundo, nem fanatismo, nem impaciente espera escatológica, mas a serena certeza de uma vitória já alcançada, de um julgamento em ato.²⁵⁵

²⁵⁰ CAVALCA, 2018, p. 109.

²⁵¹ MESTERS; OROFINO, 2003, p. 262; CORSINI, 1984, p. 256.

²⁵² RICHARD, 1999, p. 189.

²⁵³ CORSINI, 1984, p. 257.

²⁵⁴ PRIGENT, 1993, p. 244.

²⁵⁵ CORSINI, 1984, p. 257.

Embora esse versículo possa ser interpretado como se João estivesse motivando seus ouvintes a aceitar passiva e pacientemente o seu destino e sofrimento²⁵⁶, ele também pode representar um convite para não desanimar. Como diz Richard: “A resistência, baseada na fé, é a chave em todo o Apocalipse: cf. 1,9; 2,2.3.19; 3,10 e o texto paralelo 14,12. [...] É falso dizer que no Apocalipse há passividade e ausência de práxis”.²⁵⁷

Aqui vale o que diz Pohl,

Os cristãos não devem suportar para dentro do vazio, mas para dentro do futuro de Jesus. O que João recomenda a uma igreja que quer persistir é a perseverança penetrante e implacável. [...] Ademais, João nunca esquece de incutir a fidelidade de testemunha. [...] Para ele, suportar calado não significa simplesmente ficar quieto. Aqui está (‘é necessária’) a perseverança e a fidelidade dos santos.²⁵⁸

Se a perseverança e a fé são o que anima e fortalece os seguidores e seguidoras de Cristo, não há que temer o martírio ou a morte. Não se trata, pois, de uma visão fatalista da realidade.

3.3.5 A besta que sai da terra (v. 11-18)

Entra em cena agora a segunda besta, aquela que vem da terra e está a serviço da primeira. Ela “[...] representa o efeito da corrupção causada por esta”.²⁵⁹ É necessário identificá-la e descobrir seu papel dentro da realidade em que os seguidores e seguidoras de Cristo estão.

O v. 11 afirma que essa segunda besta emerge da terra, assim como a primeira emergiu do mar. Como ela emerge do submundo, possui a mesma origem demoníaca que a primeira. Ela faz parte do próprio ambiente e busca enfraquecer as bases de resistência de quem busca combater as forças da morte. Enquanto a primeira besta agia de forma medonha, era monstruosa e feroz, essa é dissimulada e enganadora, disfarçada de bondosa, pois sua aparência é de cordeiro, referência que no Apocalipse é imagem corrente para Cristo. Temos novamente aí o motivo da imitação. Ou seja, a segunda besta é tão perigosa quanto a primeira. É um falso

²⁵⁶ OSBORNE, 2014, p. 567.

²⁵⁷ RICHARD, 1999, p. 190.

²⁵⁸ POHL, 2001, p. 163.

²⁵⁹ CORSINI, 1984, p. 257.

profeta, que se parece com um cordeiro, mas fala como dragão. Quando abre sua boca, o que sai dela é só mentira e falsidade.²⁶⁰

Kraybill chama a atenção que, ao introduzir a segunda besta, João não destaca tanto a aparência dela como fez com a primeira, mas sim o que ela faz, a sua ação.²⁶¹ Sua descrição não é tão monstruosa como a primeira. Ao ser apresentada com dois chifres e com aparência de cordeiro, ela pode cumprir mais facilmente seu papel de enganadora na sociedade.

Para Corsini, “a besta da terra, efetivamente, como todos os comentadores constataram, representa a corrupção de um poder de natureza espiritual religiosa”.²⁶² Com efeito, “[...] simbolizando todos os falsos profetas e suas ideologias (cf. Mt 24,24), a segunda besta leva um grande número de pessoas a se colocar a serviço da fera-império”.²⁶³

Corsini acrescenta:

Enquanto a ação da Besta do mar é descrita por João, sobretudo, como caracterizada pelo uso da força bruta e da violência, a da besta da terra parece ao invés recorrer a uma dominação de outra espécie, mais sutil e refinada, estribada, sobretudo na possibilidade de erro própria da mente humana (falsos prodígios: cf. 13,13s) e no apego natural do homem à vida e às suas comodidades (cf. 13,17). Enfim, na besta da terra podemos ver esboçadas as que hoje são chamadas técnicas da manutenção e dilatação do poder, a propaganda, a organização do consenso.²⁶⁴

No v. 12 é dito que a autoridade da primeira besta é derivada da primeira e é exercida em sua presença. Ela faz com que a terra e seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal tinha sido curada. As indicações apontam “para o culto imperial”.²⁶⁵ Suas reais intenções estão expressas em sua designação como falso profeta, nome que a identificará mais adiante (Ap 16,13; 19,20; 20,10). Como o profeta fala em nome de Deus o que Ele ordena a falar, o falso profeta promove a adoração de ídolos.

O v. 13 afirma que a segunda besta opera grandes maravilhas, como fazer descer fogo do céu sobre a terra à vista dos seres humanos. Em 1 Rs 18, 38-39, Elias faz descer fogo do céu, e em Dn 4,37 Deus é louvado por fazer sinais e maravilhas. Ao utilizar meios prodigiosos feitos por representantes de Deus, a

²⁶⁰ CAVALCA, 2018, p. 111.

²⁶¹ KRAYBILL, 2004, p. 90.

²⁶² CORSINI, 1984, p. 238.

²⁶³ VV. AA. **Uma leitura do Apocalipse**. 3. ed. Coleção Cadernos Bíblicos, n. 22. São Paulo, Edições Paulinas, 1986. p. 42.

²⁶⁴ CORSINI, 1984, p. 258.

²⁶⁵ PRIGENT, 1993, p. 246.

segunda besta realiza ações pseudoproféticas. Ela é, portanto, uma caricatura dos profetas.²⁶⁶ O que importa a esta besta com aparência de cordeiro é atingir seu objetivo de ganhar seguidores e adoradores da primeira besta e do dragão.

O **v.14** diz que graças às maravilhas que lhe foram concedidas realizar na presença da primeira besta, a segunda besta seduz os habitantes da terra, incitando-os a fazerem uma imagem em honra da primeira besta, aquela que tinha sido ferida pela espada, mas voltou à vida. Esse é seu papel: levar as pessoas a fazer uma imagem da primeira besta para adorá-la. Essa é a sua vocação em relação aos habitantes da terra, qual seja, promover idolatria. Práticas denunciadas séculos antes no período da dominação helenista (Dn 3,1-6 e 1Mc1,54) voltam a acontecer nas estatuas idólatras em honra aos imperadores romanos. “Éfeso, por exemplo, tinha templos em homenagem a Júlio César, Augusto, Domiciano e, posteriormente, Adriano”.²⁶⁷

O **v. 15** nos informa que à besta foi dado até mesmo infundir espírito à imagem dela, de modo que a imagem pudesse falar e fazer com que morressem todos os que não a adorassem. Esse versículo descreve a ação prodigiosa da segunda besta como algo espetaculoso, mas que não passe de truques realizados por pessoas espertas na arte da enganação e da mágica. Para Prigent, “este versículo cessa de ser um enigma quando situado no seu contexto religioso e cultural. O fenômeno ao qual faz alusão, a animação de uma estátua, está longe de ser inaudito ou mesmo raro no mundo helenístico daquela época”.²⁶⁸ Corsini, por seu turno, diz que “[...] isso não é a descrição de uma mágica de circo, mas uma maneira de expressar que a violência bruta e cega do poder político é manipulada e orientada por uma força que se esconde por trás de sua sombra”.²⁶⁹ Esse poder de dar fôlego às imagens é um poder atribuído ao falso profeta, segundo Champlin.²⁷⁰

De qualquer modo, João não quer dizer que a besta tenha de fato essa capacidade divina de dar a vida a um objeto inanimado, como se ela tivesse um poder sobrenatural semelhante a Deus, que sopra o seu espírito de vida. Esse versículo é apenas uma descrição das ações pretensiosas da besta. De qualquer

²⁶⁶ BEALE, 2014, p. 1374.

²⁶⁷ OSBORNE, 2014, p. 577.

²⁶⁸ PRIGENT, 1993, p. 248-249.

²⁶⁹ CORSINI, 1984, p. 260.

²⁷⁰ CHAMPLIN, 1980, p. 559.

forma, quem não participa dessas cerimônias cultuais ao poder romano precisa pagar com a própria vida.

O **v. 16** afirma que outra ação da segunda besta é fazer com que todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos recebam uma marca na mão direita ou na frente. “A ‘testa’ representa um compromisso ideológico, e a ‘mão’ as consequências práticas desse compromisso”.²⁷¹ Vemos, portanto, que é bem estratégica a dominação por parte do Império através de seus apoiadores. Uma pessoa dominada em seu pensar e agir é uma pessoa impedida de tomar suas próprias decisões, condenada a viver toda sua vida dependente de quem a domina.

O **v. 17** acrescenta que a marca habilita as pessoas a comprar e vender, de modo que ninguém possa comprar ou vender se não tiver a marca, o nome da besta ou o número do seu nome. A palavra *marca* ou o *sinal* (χάρραγμα/*cháragma*), segundo o dicionário grego, tem o significado de “incisão, escultura: At 17,29; marca, sinal, selo: Ap 13,16”.²⁷² A marca designa o que toda pessoa que vive segundo as regras do Império deve ter. Ela é um sinal de pertença e submissão ao Império. Para Prigent, a palavra faz alusão “a uma prática religiosa do paganismo, dá a entender realmente que ela se realiza dentro do culto dirigido ao imperador”.²⁷³ Ou seja, ela é feita dentro do espaço espiritual e é um sinal que adormece as mentes das pessoas, tornando mais fácil o controle e a aceitação das imposições imperiais.

Em Ap 7, 2-8, ao referir-se aos que pertencem a Deus, João usou outra expressão: σφραγίς/*sphragis*.²⁷⁴ Podemos deduzir que há uma diferença em pertencer a Deus, ser protegido de todo mal e viver em liberdade, e ser marcado com o sinal de pertença e domínio ao império, podendo ser escravizado e até morto em caso de recusa. A qualidade de pertencer a Deus é bem diferente de pertencer à besta e ao Império. O primeiro conduz à vida, o outro, à morte.

V. 18: “Aqui é preciso discernimento! Quem é inteligente calcule o número da Besta, pois é um número de homem: seu número é 666”. Em relação ao número 666, ainda continua em questão algo que os estudiosos debatem até hoje. Nesse sentido, podemos trazer algumas hipóteses mais conhecidas.

²⁷¹ BAELE, 2014, p. 1375.

²⁷² RUSCONI, 2003, p. 491.

²⁷³ PRIGENT, 1993, p. 251.

²⁷⁴ RUSCONI, 2003, p. 447.

Embora se possa pensar em termos espirituais, “[...] no entanto, um indivíduo poderia ser a encarnação do mal em algum período da história, e os cristãos precisariam ter sabedoria espiritual para discernir o perigo que tal pessoa representa”.²⁷⁵

Corsini insiste mais em defender a ideia de que o número 666 se refere mais ao Império Romano do que a uma pessoa específica, ou seja, identificá-la a um imperador. Assim diz Corsini,

[...] Por isso, parece mais plausível a interpretação do Irineu: lendo teitan no número seiscentos e sessenta e seis, ele via na ‘besta’ a expressão de uma forma histórica e humana (o império romano) que, movida por um orgulho ilimitado e sob influência de um outro orgulho ainda maior (o dragão), ataca a divindade.²⁷⁶

Embora se busque respostas exatas na decifração do número com a descrição do nome, ficam ainda considerações de dúvidas. Nesse sentido, Prigent nos lembra,

[...] contudo, não se deve esquecer 1º) que elas permanecem hipotéticas e 2º) certamente tiveram apenas um caráter secundário aos olhos do nosso autor. Muito mais importante deve ter-lhe parecido marcar, pelo simbolismo insistente do número 6, três vezes repetido, o caráter satânico da besta imperial.²⁷⁷

O mais importante é perceber a expressão máxima do mal e suas consequências para a humanidade.

Vejamos algumas posições em torno do número 666. De acordo com Arens e Diez, consideração mais próxima à de Prigent, “João recorreu à gematria, método recorrente na Antiguidade, que consistia em decifrar um nome oculto em um número e vice-versa”.²⁷⁸ Isso, pelo fato das letras em hebraico, grego e latim terem correspondentes em valor numérico. Nesse sentido, era possível esconder a identidade de uma pessoa sem revelar seu nome, expressando-a por um valor de número. Essa é uma das hipóteses que está por trás da identidade do número 666 atribuída ao imperador Cesar Nero.²⁷⁹

²⁷⁵ BEALE, 2014, p. 1376.

²⁷⁶ CORSINI, 1984, p. 249.

²⁷⁷ PRIGENT, 1993, p. 255.

²⁷⁸ ARENS; DIEZ, 2004, p. 224.

²⁷⁹ FÉRET, 1968, p. 123.

Essa hipótese foi também defendida por Friedrich Engels em um artigo que ele comenta o livro do Apocalipse, no qual ele afirma decifrar o nome Neron Kaiser, Assim ele se expressa,

Neron Kesar, o imperador Neron, grego Néron Kaiser. Agora, se em vez da grafia grega, transferirmos o latim Nero Caesar para caracteres hebraicos, o *nun* no final de *Neron* desaparece e, com ela, o valor de 50. Isso nos leva à outra leitura antiga de 616 e, portanto, a prova é a mais perfeita possível.²⁸⁰

Em outro comentário essa ideia é apoiada ao afirmar que, “o enigma mais célebre é a do número designando um homem: 666 (uma variante escreve: 616); interpreta-se geralmente com a soma das letras de ‘Nero César’”.²⁸¹ É a mais clássica interpretação do simbolismo desse número.

Para Osborne, Irineu apresenta três possibilidades que são “‘Euanthas’ (desconhecido), ‘Teitan’ (os titãs da mitologia, ou talvez, Tito, que destruiu Jerusalém em 70 d. C. e se tornou imperador posteriormente), ‘Lateinos’ (o Império Romano)”.²⁸² Essa possibilidade é apresentada também por Pohl, onde ele declara “tratar-se de uma grandeza supra-pessoal, ou seja, de uma instituição ou um coletivo”.²⁸³

Ele também apresenta outra possibilidade de interpretação que segue a linha de um personagem histórico, ou seja, um indivíduo concreto. Para ele o número da besta poderia significar Cesar Nero, tendo em vista o apoio da veiculação da lenda do Nero redivivo. Isso porque o nome transliterado para o hebraico corresponderia ao número 666. Tendo-se em consideração a alteração que a forma latina apresenta do nome corresponde a 616.²⁸⁴

Pohl também sugere outra possibilidade de o número representar Domiciano. Amparado em um comentarista, afirma ele que “o nome oficial de imperador de Domiciano, como de fato se comprova em achados antigos, era: *Autokrátor Kaísar Dometianos Sebástos Germanikós*. Por meio desse título ele é emoldurado como o único soberano divino e imperador Domiciano”.²⁸⁵ Também este

²⁸⁰ ENGELS, Friedrich. **O Livro de apocalipse**. Trad. Lucas Parreira Álvares. Rev. Gabriel Perdigão. Notas Lucas Parreira Álvares e Gabriel Perdigão. Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas, Rio das Ostras, v. 26, n. 2, pp. 299-304, jul./dez. 2020.

²⁸¹ VV. AA, 1986, p. 42.

²⁸² OSBORNE, 2014, p. 583.

²⁸³ POHL, 2001, p. 178.

²⁸⁴ OSBORNE, 2014, p. 583.

²⁸⁵ POHL, 2001, p. 178.

imperador que editou uma lei que obrigava ser chamado de senhor e deus, é um nome que pode estar escondido por trás do número 666.

Vimos que duas hipóteses dominam nos comentários identificando o número da besta como uma grandeza supra-pessoal, como uma instituição ou um coletivo, ou então como sendo uma pessoa concreta, a saber, Cesar Nero ou Domiciano. Podemos dizer que talvez essas duas hipóteses nem sejam excludentes: para as comunidades da Ásia, talvez se deva pensar que o número seja referência a um nome concreto. Em termos hermenêuticos, pode ser interessante pensar numa grandeza supra-pessoal, que sempre de novo pode manifestar-se na história.

Na tentativa de identificar a segunda besta, há um consenso²⁸⁶ em identificá-la como membro da falsa trindade em oposição à Santíssima Trindade: Pai e Filho e Espírito Santo. Para Pohl,

Este personagem, portanto, é uma criação direta de Satanás, assim como foi a primeira besta. Dessa forma essas três figuras se reúnem numa trindade satânica, para um simulacro da Trindade divina. O dragão é o antideus, a besta vinda do mar é o anticristo e a besta vinda da terra é o anti-espírito.²⁸⁷

Essa segunda besta com toda a sua aparência disfarçada de cordeiro com dois chifres, tem comportamento satânico e em Ap 16, 13; 19,20; 20, 10 é identificada como o falso profeta. “É o poder ideológico de sustentação do Império Romano”.²⁸⁸

O poder do falso profeta e de cunho religioso realiza milagres enganosos que encantam muitos que adorem o dragão e a primeira besta²⁸⁹. Podemos entender que essa segunda besta, chamada de falso profeta, se identifica com os agentes do culto imperial, uma das bases ideológicas de sustentação do Império Romano.

O que se percebe a partir dos comentários é que o ser humano tende a associar Deus ao poder e, assim, corre o perigo de, em nome de Deus, justificar mecanismos de dominação, manipulação e exploração do próprio semelhante e tudo que o rodeia. O número 666, já é mencionado no primeiro livro dos Reis ao fazer referência ao peso do ouro que Salomão recolhia por meio da exploração (1Rs 10,14). Essas tentações de associação poder e manipulação da imagem de Deus,

²⁸⁶ OSBORNE, 2014, p. 573; RICHARD, 1999, p. 190.

²⁸⁷ POHL, 2001, p. 173.

²⁸⁸ RICHARD, 1999, p. 196.

²⁸⁹ OSBORNE, 2014, p. 572.

são de ontem e continuam em nossos dias, onde a humanidade continua criando seus impérios, sendo alimentados com sacrifícios de vidas humanas e da natureza. É a contínua tentação de ser como Deus.

Podemos perceber, portanto, que o entendimento para o qual João chama atenção é que seus ouvintes saibam compreender que por trás da imagem da besta se escondem as forças de sustentação do Império, através do culto imperial que seus apoiadores ofereciam ao povo. Os seguidores do Cordeiro deveriam estar atentos e conscientes para não se deixarem cegar por essa nuvem de enganação.

Nas palavras de Richard, “o que o autor quer é que seus ouvintes tenham entendimento (*nous*) para captar o sentido, o que significa o número da besta que todos conhecem”.²⁹⁰ Além de ser um número imperfeito, pois sete é um número que “indica plenitude, perfeição e totalidade”,²⁹¹ a besta expressa essa imperfeição, completa carência. “Repete-se três vezes porque se trata de um número assintótico, sempre é imperfeito até o infinito (666666666666...). [...] Todo o sistema de dominação da Besta é imperfeito e não é tão poderoso como parece ser”.²⁹²

Manter hoje o discernimento sobre as forças malignas, também nos pede discernimento e muita fé no Deus da vida.

²⁹⁰ RICHARD, 1999, p. 192.

²⁹¹ CRB, 1996, p. 140. 7 v.

²⁹² RICHARD, 1999, p. 193

4 AS FACES DAS BESTAS IMPERIAIS DE HOJE

Vimos nas seções anteriores que o livro do Apocalipse nasceu em uma realidade de perseguição e de denúncia por práticas religiosas diferentes às do Império Romano, em situação de “caos, de exclusão e opressão constante”.²⁹³ Esse nascedouro do livro nos ajuda a abrir os olhos para outros tempos e contextos em que ações contra a vida voltam à tona, principalmente contra minorias como as pequenas comunidades do final do primeiro século. A história nos confronta com outras realidades violentas contra a vida, sejam elas de natureza religiosa, econômica ou discriminatória. Por essa razão, fazer uma leitura do livro do Apocalipse com os olhos e os pés na realidade atual oferece luzes ao leitor e leitora, ao e à intérprete para sua própria caminhada de fé e testemunho de Jesus Cristo. Lutar e defender a vida contra qualquer violência é estar em sintonia com a mensagem que o livro do Apocalipse apresenta. O chão da realidade marcou a vida das comunidades do final de primeiro século, assim como o chão de hoje também marca a realidade dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo.

Em relação ao nosso tempo e contexto, é necessário rever a opção da igreja pelos empobrecidos, no sentido de verificar se ela de fato está no centro, quer em suas próprias práticas ou nas práticas da sociedade. Como a cultura dominante na sociedade penetra todos os campos da vida social, até mesmo o campo religioso, é normal que as religiões e igrejas queiram mostrar-se importantes por meio da exposição pública ou da ostentação de riquezas.²⁹⁴ Enquanto isso, a injustiça social vai perpassando e corroendo todos os setores e segmentos da sociedade e das religiões. Como escreve Sung, “[...] a grande injustiça social hoje são a exclusão social e a profunda desigualdade social que marcam a globalização”.²⁹⁵ A realidade atual agrava mais ainda essa desigualdade, aumentando vertiginosamente a distância entre a classe rica e a empobrecida. Essa realidade é apresentada no Texto Base da Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2021.²⁹⁶ Artigo recente nos informa em seu título esse distanciamento entre pobres e ricos, que se agravou em meio à

²⁹³ RICHARD, 1999, p. 18.

²⁹⁴ SUNG, Jung Mo. **Idolatria do dinheiro e direitos humanos**. Uma crítica teológica do novo mito do capitalismo. São Paulo: Paulus, 2018. p. 7.

²⁹⁵ SUNG, 2018, p. 13.

²⁹⁶ CONIC/CNBB. **Texto Base da Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021**. Brasília: CNBB, 2020. p. 28-40.

pandemia do corona vírus que assola a humanidade: “Fortuna dos mais ricos salta 31% na pandemia. Veja quem mais ganhou e quem mais perdeu”.²⁹⁷

Sung afirma o que se constata, o que se verifica em tal contexto: “hoje, com a hegemonia da cultura neoliberal, a noção de justiça de mercado sobrepujou e deslegitimou a noção de justiça social”.²⁹⁸ O sistema faz com que, quanto mais a situação se agrave, sofram menos os que tem mais dinheiro. Ao contrário, esses ganham mais, enquanto o resto da população afunda na pobreza, aumentando mais ainda o muro da desigualdade.²⁹⁹ Por isso Sung arremata que é necessário recolocar de novo no centro a dignidade das pessoas em toda sua inteireza: “Imaginar um mundo assim, em que todas as pessoas possam realizar a vocação de se humanizar e de viver com dignidade na sua comunidade, tornou-se uma ousadia e, pior, até uma heresia”.³⁰⁰ Porém, é um passo que a humanidade precisa dar, e um testemunho dos cristãos, se de fato esses quiserem ser coerentes com a mensagem de Jesus, o Cordeiro imolado, mas que ressuscitou. É preciso enxergar mais além do que o poder do lucro impõe:

É porque fomos capazes de enxergar para além da visão de mundo que vemos o mundo de forma diferente. Em outras palavras, é porque fomos capazes de ver/imaginar um mundo diferente, no qual todas as pessoas são tratadas como seres de dignidade fundamental, que descobrimos que o mundo atual, não é justo, muito menos divino. Por isso, conseguimos ver que o caráter absoluto pretendido pelo sistema não é verdadeiro, não provém de Deus, mas de um ídolo.³⁰¹

Pode-se dizer que as bestas dos impérios de hoje continuam nos cegando, para que não vejamos a realidade de dor e sofrimento de nossos irmãos e irmãs ou, caso a vejamos, nos sintamos impotentes diante de uma estrutura tão bem arquitetada pelos ídolos da morte que não conseguimos enxergar ou enfrentar. Essa estrutura gera uma sensação de impotência, em relação à qual parece que a única

²⁹⁷ GLOBO.COM. **Fortuna dos mais ricos salta 31% na pandemia**, Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/fortuna-dos-mais-ricos-salta-31-na-pandemia-veja-quem-mais-ganhou-quem-mais-perdeu-24820323>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

²⁹⁸ SUNG, 2018, p. 14.

²⁹⁹ OXFAM BRASIL. **O vírus da desigualdade**. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/justica-social-e-economica/forum-economico-de-davos/o-virus-da-desigualdade/?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=search_davos2021_grants&utm_content=ads2&gclid=Cj0KCQiA-OeBBhDiARIsADyBcE6UvOG80ChMIGhULC_odBKH1ADuZZ0Lja3TI8ep3uyg5jgIL5TJhvAaAg18EALw_wcB>. Acesso em: 27 fev.2021.

³⁰⁰ SUNG, 2018, p. 23.

³⁰¹ SUNG, 2018, p. 24-25.

saída seria desistir de acreditar e de lutar por um mundo melhor, em que a vida pudesse estar no centro de todo e qualquer valor.

A realidade que vemos nos mostra que o modelo de sociedade em que vivemos se orienta e se organiza em função das pessoas mais ricas e poderosas. Assim “[...] a busca da riqueza passou a ser o mais importante objetivo na vida da maioria das pessoas, particularmente os integrados no mercado. A mercadoria tornou-se ‘o’ objeto de desejo”.³⁰² Na busca desenfreada por realização, entra-se na lógica do vale tudo. Por isso, “a lógica do mercado baseia-se não só na produção e no consumo dos produtos, mas também no amor à riqueza”.³⁰³

4.1 A ECONOMIA, SEM CORAÇÃO, SE TORNA BESTIAL

Sung faz uma constatação importante que nos remete à reflexão do papel das bestas do capítulo 13 do Apocalipse, com incidência na questão econômica:

Desvelar o caráter idolátrico do sistema capitalista global de hoje é fundamental para que possamos resgatar a noção de dignidade e direitos humanos e, com isso, a justiça social. [...] Sem a crítica da religião idolátrica do capitalismo, todas as lutas sociais em favor dos mais pobres perdem a pedra fundamental que as sustenta: a noção de dignidade humana e de direitos fundamentais.³⁰⁴

A questão da economia, como se percebe, permeia sempre a nossa realidade. Como pergunta Célia Cruz:

[...] como podemos enfrentar as crises que ameaçam diariamente a nossa sobrevivência, como, por exemplo, a escassez de alimentos, a falta de dinheiro, falta de terra/casa, falta de emprego, morte de membros na família, a idade avançada e a falta de produtividade dos corpos já cansados por tanto sofrimento?”³⁰⁵

Que anúncio deve ser proclamado em uma sociedade excludente e concentradora de riqueza que é gerada pelos diversos meios e serviços? “Um anúncio que, ancorado nas nossas práticas, seja capaz de semear a fé e a

³⁰² SUNG, Jung Mo. **Desejo, mercado e religião**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 10.

³⁰³ REIMER, Richter Ivone. A lógica do mercado e a transgressão de mulheres: Uma visão teológico-cultural a partir dos evangelhos. In: **Economia no mundo bíblico**. Enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI/Sinodal. 2006, p. 158.

³⁰⁴ SUNG, 2018, p. 25.

³⁰⁵ CRUZ, Lília D. M. L. Planejar, agir, perpetuar: Excertos de Rute sobre a sobrevivência em tempos de crise. In: **Economia no mundo bíblico**: Enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006. p. 33.

esperança no Deus da Vida que se revelou em Jesus a todas as vítimas do mundo”.³⁰⁶

Em um noticiário do dia 06 de abril de 2021, o jornal Correio Brasileiro noticiou como que “Em 2021, o Brasil ganhou 11 novos integrantes na lista de bilionários da revista Forbes, divulgada nesta terça-feira (6/4) ...”.³⁰⁷

Isso nos mostra por onde o sistema caminha e quem ele vai favorecendo e ao mesmo tempo desfavorecendo. A perversidade aumenta mais, quando vemos que o país e o mundo atravessam uma crise com tamanha proporção. A crise, portanto, não afeta a todos. A lógica é de que, quem tem mais, ganha muito mais e quem não tem, não ganha. É o lucro acima da vida, o ter acima do ser, essa equação desigual nos mostra de fato que as forças bestiais do sistema destroem vidas acima de tudo.

Também no dia 06 de abril de 2021, o jornal Brasil de Fato apresentou a seguinte manchete: “Enquanto fome avança, número de bilionários cresce no Brasil, e seu patrimônio dobra”. A matéria desenvolve o tema e apresenta os números que atestam essa desigualdade.

Número de super ricos no país saltou 44% – de 45, em 2020, para 65, em 2021. Juntos, eles detêm 219,1 bilhões de dólares. [...] Esse aumento de acúmulo de riqueza contrasta com o avanço da fome em um país que se recusa a implementar um auxílio emergencial pujante.³⁰⁸

Percebe-se por onde caminha um projeto que valoriza a economia em detrimento da vida das pessoas. Em um momento gritante, a economia não sofre nenhum abalo, ao contrário, permanece sólida favorecendo os mais ricos.

A proposta do Reino da vida que o vidente João está apresentando não passa pela adoração dos ídolos e sacrifícios de vidas humanas ou pelas próprias mãos do ser humano. Ela “[...] é fruto da graça e da misericórdia de Deus”³⁰⁹. Mas isso não significa cair num conformismo, e sim, compreender que acreditar no Reino de Deus é continuar dia a dia na luta contra os sistemas de morte propagandeados e

³⁰⁶ SUNG, 1998, p. 17.

³⁰⁷ CORREIO BRAZILIENSE. **Em plena pandemia, Brasil ganha 11 novos bilionários na lista da Forbes**. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2021/04/4916557-em-plena-pandemia-brasil-ganha-11-novos-bilionarios-na-lista-da-forbes.html>>. Acesso em: 07 abr. 2021.

³⁰⁸ ROCHA, Lucas. Revista Fórum. Enquanto fome avança, número de bilionários cresce no Brasil, e seu patrimônio dobra. 06 de Abril de 2021 às 20:36. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/04/06/enquanto-fome-avanca-numero-de-bilionarios-cresce-no-brasil-e-seu-patrimonio-dobra>>. Acesso em: 07 abr. 2021.

³⁰⁹ SUNG, 1998, p. 42.

defendidos pelas bestas de hoje. Acreditar no Reino passa também, nas palavras de Ivone Reimer, por uma

[...] diaconia que deve testemunhar e revelar a lógica da economia de Deus, que inverte os valores criados e mantidos para legitimar o status quo de uma minoria que se mantém às custas de uma maioria que sofre, empobrece, perde a dignidade e morre.³¹⁰

Foi essa alternativa que João apresentou aos seus companheiros e companheiras de tribulação, ao testemunhar que, no mundo de cima, a luta contra o Dragão e seus aliados já foi vencida. Se lá em cima a luta já está vencida, aqui embaixo, na terra, também é possível vencer. É isso o que João pretende inculcar na mente das comunidades cristãs da Ásia. Essa vitória se concretiza na fé em Jesus, o Cordeiro que foi morto e voltou a viver.

A fé na ressurreição de Jesus, vencido, mas que é vencedor, nos permite

[...] descobrir a verdadeira imagem de Deus e do ser humano. Ao descobirmos a verdadeira face de Deus e a dignidade humana de todos os seres humanos, sentimo-nos interpelados pelos 'clamores dos pobres' e chamados a construir uma sociedade mais humana e justa.³¹¹

Ao mesmo tempo, nos permite reconhecer que

[...] confessar que Jesus é o Cristo é perceber que ele é o Messias não pelas suas vitórias, mas sim pela sua fidelidade plena à missão recebida de Deus de anunciar a dignidade radical de todos os seres humanos e em nome dessa verdade enfrentar até à morte as forças idolátricas dos impérios.³¹²

Necessita-se de desmascarar o sistema de que a ideia de sacrifícios seja necessária, para que esse mesmo sistema seja visto de fato como ele é, assassino e criminoso. "O problema é que os sacrifícios não se devem transformar em crimes. Por isso é preciso continuar e destruir até o fim o mundo inteiro".³¹³

O sistema criou o que se chamou de, "[...] política do mercado total, transforma-se no wild west' do mundo de hoje",³¹⁴ esse mundo selvagem que continua a devorar vidas em nome do deus lucro acima de tudo e todos. A grande ideologia do mercado é não permitir que seus crimes sejam descobertos, aí está o

³¹⁰ REIMER, Richter Ivone. Economia de Deus e diaconia: Estratégias de esperança para o mundo (Mt 25,31-46). In: **Economia no mundo bíblico**. Enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI/Sinodal. 2006. p. 192.

³¹¹ SUNG, 1998, p. 39.

³¹² SUNG, 1998, p. 41.

³¹³ HINKELAMMERT, Franz J. **Sacrifícios humanos e sociedade ocidental**: Lúcifer a besta. São Paulo: Paulus, 1995. p. 46.

³¹⁴ HINKELAMMERT, 1995, p. 44.

perigo que Apocalipse representa, pois é capaz de revelar as verdades por detrás da cortina da ideologia.

Em uma sociedade idolátrica, o modelo que se tem em mente é o modelo de alguém que tem sucesso e que oprime. Assim, esse se torna o modelo ou paradigma a ser imitado. A opressão passa a ser assim naturalizada, e todos oprimem para sair da opressão. Essa passa a ser a cartilha a ser seguida.

O modelo apresentado pelo falso profeta (a segunda besta), que está a serviço da besta que deve ser idolatrada e tudo o que a ela é associado, passa a ser o modelo a ser seguido, às custas da opressão, da exclusão, da fome e da miséria. Nessa visão, os falsos profetas dizem que para obter vida plena são necessários sacrifícios. Não há problemas, portanto, se pessoas tenham que morrer. Nesse sentido, “[...] desaparece a noção de limite para as ações humanas e surge a ideia de que ‘querer é poder’”.³¹⁵ Dessa forma, o modelo que os cristãos e cristãs apresentam, firmado no Cordeiro imolado e ressuscitado, já não tem muito sentido ou não serve para esse sistema de exclusão e opressão.

O vidente João, ao apresentar Jesus como o Cordeiro, aquele que foi morto e ressuscitado, quer levar irmãos e irmãs a reconhecer o que está acontecendo e pode continuar a acontecer nos tempos seguintes.

Privar os que não são marcados com a marca da Besta da possibilidade de comprar ou vender é acima de tudo revelar uma imagem falsa de um deus que não se aproxima do Deus em quem as comunidades firmavam sua fé. Um deus que priva ou que aprova a morte não é Deus, mas sim um ídolo, e a um ídolo, a pessoa cristã não se curva e nem adora. Essa economia baseada na servidão, que exclui e concentra renda, é contrária ao projeto de justiça que gera vida a todos e todas. Portanto,

O dinheiro transformou-se, aos olhos do autor do Apocalipse e dos cristãos, na marca da Besta, em sua imagem e no motivo do extermínio dos que não adoram essa imagem. É uma imagem viva, eficaz e destruidora. Todos igualmente têm de adorá-la, porque ninguém mais pode viver sem comprar e vender. É o falso profeta, que parece cordeiro, mas fala como a serpente. É claro que, como serpente, diz: Quem como Deus?³¹⁶

A besta do Apocalipse tinha um papel bem definido: apresentar o Império Romano e o imperador como a salvação que todos esperavam. Fora dessa

³¹⁵ SUNG, 1998, p. 23.

³¹⁶ HINKELAMMERT, 1995, p. 119-120.

realidade, não haveria outra possibilidade de vida. João, ao enviar seu escrito, afirma o contrário: não é o sistema imperial que garante a realização plena de vida, e o imperador não é nenhum deus que possa tornar isso uma possibilidade.

A referência para os cristãos e cristãs é Jesus Cristo que foi morto por um sistema que negava a vida digna a todos e todas. A realização da vida plena vem a partir da perseverança e do testemunho (Ap 13,10) que os seguidores e seguidoras vão realizando no dia a dia, enquanto a dignidade vai ganhando mais espaço na vida das pessoas. O valor da pessoa humana nos leva a perceber por onde uma sociedade anda ou baliza seus projetos e pelo que ela anseia. Assim nos perguntamos: a vida tem primazia ou ela fica balizada por interesses de valor comercial? Quem é mais eficiente tem mais valor e quem é considerado ineficiente fica descartado. Dessa maneira, “[...] se a sociedade se rege primeiramente pelos critérios da liberdade de mercado e da eficiência, não haverá lugar para tais pessoas e a fraternidade não passará de uma palavra romântica”.³¹⁷ Com essa regra, a prática de quem mais produz para a sociedade continua ditando as regras.

Assim, “[...] para que uma sociedade tenha futuro, é preciso que tenha amadurecido um vivo respeito pela verdade da dignidade humana, a qual nos submetemos”.³¹⁸ Entende-se nesse sentido que a dignidade humana se torna a máxima inegociável que deve ser sempre respeitada e defendida dentro de qualquer sociedade. É um valor inviolável, pois é onde se encontra a chamada presença de Deus, que é amor e quer que o amor determine as relações humanas. Esse é um valor que contrasta diretamente com aquele outro valor, que busca no lucro toda forma de realização da vida ou de um sistema social. Pois ele parte daquilo que é nocivo e colocado acima da vida, pautando todas as coisas, enquanto a vida passa a ser um meio para sustentar os privilégios de uma minoria dominante.

Trata-se de uma lógica criada pelos teóricos defensores do sistema neoliberal, que valoriza o lucro acima de tudo. Essa lógica do capitalismo “está fundada numa lógica mítico-religiosa perversa”.³¹⁹ Dessa forma, somos desafiados e desafiadas a orientar-nos por outra lógica, a da economia de Deus e da diaconia que

³¹⁷ FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica: Fratelli Tutti**. Sobre a fraternidade social. São Paulo: Paulinas. 2020. p. 78.

³¹⁸ FRANCISCO, 2020, p. 149.

³¹⁹ SUNG, 1998, p. 33.

nos desafia “a desenvolver estratégias de reconstrução da dignidade e de esperança a partir das pessoas empobrecidas”.³²⁰

Com seu escrito, João quer ajudar seus irmãos e irmãs, companheiros e companheiras na tribulação, a perceber que o imperador não tem nada de sagrado, não é Deus, e que essa religião do Império “não passa de uma perversão, de uma idolatria”.³²¹ Ele quer mostrar que a história está ancorada em Jesus o Cordeiro morto e ressuscitado.

Desafiar esse sistema de morte é afirmar a fé na ressurreição daquele que foi vítima do poder do Império e da elite do seu tempo. Por isso,

[...] os discípulos de Jesus não eram presos por anunciarem que há vida após a morte, mas sim por ‘anunciar, em Jesus, a ressurreição dos mortos’ (At 4, 4). A grande novidade ‘revolucionária’ não consiste em afirmar a ressurreição nos vitoriosos e poderosos, mas sim de alguém política e religiosamente derrotado, que para os olhos de Deus era o ‘Santo e o Justo’ (At 3, 14).³²²

Um artigo publicado recentemente (*Big Business Brumadinho: as mortes que geram lucro*)³²³ mostra as garras da besta do Império que coloca o lucro acima da vida. A autora, Andréa Zhouri, analisa as relações entre a empresa mineradora Vale, responsável pelo desastre ambiental na cidade de Brumadinho e o representante maior do Estado, os quais fecham um acordo de indenização das vítimas sem a presença das comissões das pessoas vitimadas. De um lado, o acordo favorecerá a empresa com lucros de bilhões; por outro lado, as vítimas continuarão sofrendo as consequências e a dor da perda.

São várias as denúncias que a mineradora Vale vem acumulando pelo fato de colocar a economia do lucro acima da vida. Assim é dito em outro artigo: “Tragédia de Brumadinho é exemplo da 'economia que coloca o lucro acima da vida', diz bispo”.³²⁴ É uma mostra da realidade que temos presenciado na sociedade

³²⁰ REIMER, 2006, p. 192.

³²¹ SUNG, 1998, p. 36.

³²² SUNG, 1998, p. 38.

³²³ ZHOURI, Andréa. **Big Business Brumadinho: as mortes que geram lucro**. Publicado: 11 Fevereiro 2021. Disponível em: <<https://cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/geral/5522-big-business-brumadinho-as-mortes-que-geram-lucro?fbclid=IwAR2fIP2fLDR5dS3VtHdOlU0Eize9JdogfkrmrKWPDQMEM1IJGSb2LuJyEE.>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

³²⁴ VENTURA, Thiago. **Tragédia de Brumadinho é exemplo da 'economia que coloca o lucro acima da vida', diz bispo**. Disponível em: <<https://domtotal.com/noticia/1495295/2021/01/tragedia-de-brumadinho-e-exemplo-da-economia-que-coloca-o-lucro-acima-da-vida-diz->

brasileira nos últimos anos. Para os ricos e para os pobres as medidas são bem diferentes.

Cruel com os trabalhadores, o governo Bolsonaro é extremamente bondoso com bancos, agronegócio e grandes empresas multinacionais. Só como exemplo da sua opção pelos ricos, deixa de arrecadar por ano em impostos o equivalente a uma reforma da Previdência. É o que mostra estudo da Rede de Justiça Fiscal (Tax Justice Network), divulgado em novembro último.³²⁵

O mesmo artigo enfatiza que, por outro lado, o socorro aos pobres se dá de maneira diferente. Para eles, há uma maior dificuldade em ter acesso aos benefícios do estado como, por exemplo, o aumento de anos e vida para se aposentar.

Mas se com a reforma da Previdência Bolsonaro economizou aumentando para 40 anos de contribuição e no mínimo 65 anos de idade o tempo exigido para ter direito à aposentaria, inviabilizando, na prática o cidadão de se aposentar, não cobra o pagamento dos grandes devedores da Previdência Social. Até março, o estoque total da dívida previdenciária era de R\$ 491,2 bilhões. Os grandes devedores da Previdência são pessoas jurídicas, empresas privadas, em sua maioria, e uma pequena parcela de órgãos públicos.³²⁶

A marca da besta dos impérios do passado e do presente continua a proteger os seus. Aqueles que não se enquadram nesse esquema são excluídos de condições de vida digna. Nesse sistema, nem é possível tê-las.

Percebe-se que no sistema que se baseia em valores contrários à vida, em muitos casos, há uma relação entre ele e a religião. Religião esta que se torna instrumento de sustentação dessa realidade desigual.

4.2 RELIGIÃO E FÉ COMO INSTRUMENTOS DA BESTA

Um dos espaços que estamos vendo que manipula a religião e usa a serviço de seus interesses é o da política de governo.

bispo/?fbclid=IwAR10RrIMxLSfJGjFzuqxHIX5Nr6XSRaG1mSF3NdagInD92gXwIhPa4sjZWQ.>. Acesso em: 25 fev. 2021.

³²⁵ CONTENTE, Olyntho. Imprensa SeebRio. **Bolsonaro deixa de cobrar dos ricos uma reforma da Previdência por ano**. Terça, 12 Janeiro 2021 15:52.. Disponível em: <<https://www.bancariosrio.org.br/index.php/noticias/item/5663-bolsonaro-deixa-de-cobrar-dos-ricos-uma-reforma-da-previdencia-por-ano>>. Acesso em: 01 abr.2021.

³²⁶ CONTENTE, Olyntho. Imprensa SeebRio. **Bolsonaro deixa de cobrar dos ricos uma reforma da Previdência por ano**. Terça, 12 Janeiro 2021 15:52.. Disponível em: <<https://www.bancariosrio.org.br/index.php/noticias/item/5663-bolsonaro-deixa-de-cobrar-dos-ricos-uma-reforma-da-previdencia-por-ano>>. Acesso em: 01 abr.2021.

Se antes havia um paradigma histórico de que a religião não se misturava com política, essa configuração mudou. A compreensão da teologia da negação desse mundo passou para a teologia do engajamento político. Agora, a compreensão é de que o pensamento teológico de engajamento no mundo é o de que “politicamente essa teologia dá embasamento ao engajamento partidário e eleitoral e o alinhamento aos pressupostos econômicos neoliberais”.³²⁷

O que há de novo neste contexto é a atitude de diversos grupos ligados a várias igrejas, que assumem uma diferente postura diante da política partidária, configurando um ativismo político que impacta de modo significativo o cenário político brasileiro, com crescente influência e agendas bem definidas.³²⁸

Percebemos, portanto, o uso da religião, que na atual conjuntura brasileira está configurada para fins de obtenção de poder. Os votos dos eleitores evangélicos, também o fundamentalismo cristofacista católico foram decisivos para que o atual governo ocupasse a cadeira da atual presidência brasileira.³²⁹

Isso significa uma agenda conservadora pautada mais em questões morais, que em questões sociais e humanas. Isso, de certa forma, implica diretamente um grande distanciamento de valores que resguardam a vida em sentido mais amplo, como a questão da inclusão social. Também implica uma reflexão de cunho religioso de questões como pobreza e riqueza, como sendo merecimento ou castigo.

Isso acarreta um discurso desonesto e perigoso, pois justifica a desigualdade e a violência como se fossem produtos de vontade divina. Por outro lado, isenta uma reflexão da forma crítica de como o poder é exercido e a quem ele está servindo no país, no caso, o presidente brasileiro. “Mobilizados pelas pautas dos costumes, pelo medo da ameaça comunista e pelo apelo à honestidade das pessoas de bem, muitos evangélicos votaram nele”.³³⁰

³²⁷ CARRANZA, Brenda. Evangélicos: o novo ator político. In: **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Org. José Luis Pérez Guadalupe e Brenda Carranza. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p.183.

³²⁸ CZYMMECK, Anja. **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Org. José Luis Pérez Guadalupe e Brenda Carranza. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p. 7

³²⁹ DE ALMEIDA, Ronaldo. Players evangélicos na crise brasileira (2013-2018). In: **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Organização José Luis Pérez Guadalupe e Brenda Carranza. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p. 233.

³³⁰ DE ALMEIDA, 2020, p. 234.

Quer seja ontem, como hoje, a instrumentalização da política pela classe governante continua manipulando e usando a religião e a fé em proveito próprio. Exemplo disso é

Um projeto aprovado pelo Congresso Nacional [que] pode anular dívidas tributárias de igrejas acumuladas após fiscalizações e multas aplicadas pela Receita Federal. Segundo apuraram o jornal O Estado de S. Paulo e o Broadcast (sistema de notícias em tempo real do Grupo Estado), o valor do "perdão" seria de quase R\$ 1 bilhão.³³¹

Esse projeto de perdão das dívidas fica aguardando a posição do presidente, o qual tem na bancada evangélica um forte aliado. Portanto, para as igrejas, de maneira geral, há uma relação muito próxima com o chefe do Executivo, principalmente os setores considerados mais conservadores.

Percebemos o quanto é prejudicial essa relação sem um devido distanciamento ou respeito em relação à religião, quando esta é instrumentalizada pelas pessoas que estão no poder. É uma verdadeira manipulação da religião em favor de interesses pessoais. Vemos isso em diversas partes do mundo e em nossa própria realidade e de maneira mais explícita pelas autoridades brasileiras. Em um artigo publicado na DW Brasil, assim se expressa a pastora R. Bencke: ela “afirma que o presidente ‘nunca representou e nem representa’ os anseios cristãos. ‘Ele é hábil em manipular a fé’, ressalta a pastora”.³³² É uma realidade que nos cerca a cada momento, exigindo de nossa parte um discernimento constante.

Percebe-se também que “não há justiça social que possa ser baseada na iniquidade, o que pressupõe a concentração da riqueza”.³³³ Assim se expressou o Papa Francisco por ocasião do Primeiro Encontro virtual dos Juízes membros do Comitê para os Direitos Sociais da África e do continente americano.

³³¹ TOMAZELLI, Idiana. **Congresso perdoa R\$ 1 bi em dívidas de igrejas**. Brasília. 07/09/2020 12h17. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/09/07/congresso-perdoa-r-1-bi-em-dividas-de-igrejas-bolsonaro-precisa-sancionar.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 01 abr. 2021.

³³² VEIGA, Edison, publicada por Deutsche Welle. 29-01-2021. **“Bolsonaro sabe jogar muito bem com a religião”**. Entrevista com a pastora Romi Bencke Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/606498-bolsonaro-sabe-jogar-muito-bem-com-a-religiao-entrevista-com-a-pastora-romi-bencke?fbclid=IwAR0vE8vVJucBrPh8FZ7aXGazGNaCLqm194M7P38MYZjsnEBd_61fViBJLRk>. Acesso em: 25 fev. 2021.

³³³ NOGARA, Jane. Vatican News. **O Papa: uma revisão da ideia de “Justiça Social”**. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-11/papa-francisco-comite-direitos-sociais-africa-america.html>>. Acesso em: 25 fev.2021.

Um artigo publicado recentemente na revista Carta Capital, intitulado “Crise? Bilionários da área da saúde ficam ainda mais ricos na pandemia”³³⁴, nos mostra que a realidade que estamos vivendo não tem nada a ver com a falta de recursos para viabilizar a vida do povo, mas sim com o aumento da desigualdade que vai se agravando mais ainda no atual cenário econômico nacional e internacional. O artigo termina com a constatação: “no geral, a média das fortunas dos 53 membros brasileiros da lista dos mais ricos do mundo saltou de 2,28 bilhões para 3,53 bilhões de dólares, uma valorização de 54,82% em menos de um ano”. Isso nos mostra que a ganância e busca pelo lucro é como um animal feroz, que busca vítimas, não importando as circunstâncias.

A organização da sociedade mostra a maneira como vamos vivendo e nos organizando, fundamentada no dinheiro ou na riqueza, uma combinação que é o motor das relações entre as pessoas. Se a pessoa não tem dinheiro, ela se encontra fora dessa relação. A sociedade atual se caracteriza mais do que nunca pela concentração de riqueza, que passa a ser a força que movimenta as relações sociais.

[...] Quando a acumulação da riqueza se torna o sentido absoluto da vida e do sistema sociorreligioso – servir ao dinheiro no culto prático da vida cotidiana –, o resultado prático é a vida dos pobres. Por isso, na Bíblia, a oposição entre Deus e o ídolo é sempre entendida como oposição entre o Deus da vida e os deuses da morte (dos pobres) [...]³³⁵

De acordo com a fé cristã, é Deus quem dá a vida. Se outra força ocupa o seu lugar, ela se torna um ídolo e um ídolo não é compatível com o ser de Deus. Um ídolo vai exigir sacrifícios, uma prática de adoração, e esses sacrifícios são as vidas humanas. O culto que daí resulta é idolatria, é “[...] servir ao dinheiro, fazer da acumulação de riqueza o sentido último e absoluto da vida pessoal e do sistema social gera instabilidade nas pessoas e na sociedade perante o sofrimento dos pobres, produzido por essa lógica de acumulação”.³³⁶ Dentro da visão do mercado, o ídolo dinheiro é um sacrifício necessário, sem importar se vidas estão perecendo.

³³⁴ CARTA CAPITAL. **Crise? Bilionários da área da saúde ficam ainda mais ricos na pandemia.** 5 de fevereiro de 2021 - 15:20. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/economia/crise-bilionarios-da-area-da-saude-ficam-ainda-mais-ricos-na-pandemia/?fbclid=IwAR2jQYEhKmPy5sV3Tnabsa689oaVyuyFodkBXjTsZ_6DGOGCYjtnDq3IEJ8> . Acesso em: 27 fev.2021.

³³⁵ SUNG, 2018, p. 21.

³³⁶ SUNG, 2018, p. 22.

Em relação à maioria da população ao redor do mundo, refém desse sistema, a realidade grita diante de tanto descaso com a vida e do aumento da pobreza, em contrapartida, o aumento de lucros por parte das grandes empresas. “[...] Para os principais bancos de investimento globais, os 12 meses que o mundo lembrará pela pandemia e pelos lockdowns entrarão para a história pelos resultados recordes que garantiram aos seus cofres”.³³⁷ Percebemos que o sistema econômico não vê o ser humano da mesma forma, mas sim, a partir da economia e do poder de intervir no mercado.

O sistema socioeconômico que temos se mostra tão bestial e monstruoso que, quanto mais a situação se agrava em geração de pobreza para a maioria da população, tanto mais a classe mais rica do Brasil³³⁸ e de outros países enriquece. É o que nos mostra o artigo do site Brasil de Fato, que diz que nesse tempo mais difícil que atravessa a humanidade os mais ricos se enriquecem mais ainda.³³⁹

Uma classe da sociedade continua, portanto, cultuando o ídolo dinheiro através dos rituais que o sistema vai ditando para gerar lucros cada vez maiores. R. Bencke, em artigo recente, traz algumas questões em relação à realidade atual na questão da saúde pública, em que haveria um triunfo dos fundamentalismos. Para ela,

[...] Trata-se de um cristianismo fundamentalista onde Deus é mero instrumento do mercado como ideal de Reino. Em obediência e reverência a este reino, valem todos os sacrifícios. Este é o triunfo dos fundamentalismos.³⁴⁰

³³⁷ BOTTARELLI, Mauro, publicada por Business Insider. 07-01-2021. A tradução é de Moisés Sbardelotto. **Bancos de investimento brindam à pandemia: em 2020, embolsaram 124,5 bilhões de dólares em comissões..** Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/605983-bancos-de-investimento-brindam-a-pandemia-em-2020-embolsaram-124-5-bilhoes-de-dolares-em-comissoes?fbclid=IwAR0d1FRbZYkRetxaeYRAaNZmR01RFUUCChGOsR79N3SjvOvQr6CRUd96xz1c>>. Acesso em: 03 mar. 2021.

³³⁸ GLOBO.COM **Patrimônio dos super-ricos brasileiros cresce US\$ 34 bilhões durante a pandemia, diz Oxfam.** 27/07/2020, 06h02. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/07/27/patrimonio-dos-super-ricos-brasileiros-cresce-us-34-bilhoes-durante-a-pandemia-diz-oxfam.ghtml?fbclid=IwAR0T6BvuB_7pO6mTArRtfCmeabJmAKWdB6G-c8liY5PgSgyqqfv7XWzuU0I>. Acesso em: 03 mar.2021.

³³⁹ CHAGAS, Rodrigo. Brasil de Fato, São Paulo (SP). **Famílias mais ricas do mundo aumentaram suas fortunas durante a pandemia.** 05 de Agosto de 2020 às 15:36. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/08/05/familias-mais-ricas-do-mundo-aumentaram-suas-fortunas-durante-a-pandemia?fbclid=IwAR0d1FRbZYkRetxaeYRAaNZmR01RFUUCChGOsR79N3SjvOvQr6CRUd96xz1c>. Acesso em: 03 mar. 2021.

³⁴⁰ BENCKE, Romi. **Novo coronavírus e o triunfo dos fundamentalismos.** 15 de junho de 2020. Disponível em: <https://cebi.org.br/noticias/novo-coronavirus-e-o-triunfo-dos>

Assim o testemunho cristão já não tem incidência na vida das pessoas, perdeu o seu sentido de ser sal e luz (Mt 6, 13-16), como nos lembra Jesus em seu ensinamento. Pois é na fé e na perseverança que se afirmam os testemunhos dos seguidores e seguidoras de Jesus (Ap 13, 10).

Portanto, acreditar no lucro como uma bênção de Deus e que o mercado movido pelo dinheiro seja mais importante que a vida do ser humano é, de fato, cultuar um ídolo que gera morte. É oferecer sacrifícios de vidas humanas às bestas do sistema que só se saciam com mais morte.

Estamos revivendo hoje a realidade que os irmãos e irmãs de João viveram no final do primeiro século, denunciada no Apocalipse. A proposta de superar o projeto apresentado pelas bestas que oferecem um projeto inspirado na violência, exclusão e morte, está em acreditar na força transformadora da fé e perseverança no Cordeiro. O Cordeiro é aquele que recebe diversos nomes no Apocalipse (Ap 1, 4-8), mostrando assim, a grandeza da força de Deus. Já o projeto da besta e de seus propagadores, como a segunda besta, é excludente e de morte, pois se fundamenta no reconhecimento e adoração do imperador e na prestação de cultos aos deuses do Império. Essa imposição pode também se dar hoje de forma disfarçada.

Ildo Bohn Gass afirma:

Em nossos dias, poderíamos dizer que um dos principais objetivos do Apocalipse seria fortalecer a resistência contra os valores que o império do capital globalizado nos quer impor, tais como o individualismo, a competição, o acúmulo de bens materiais, o endeusamento das riquezas, a corrupção etc., quer motivar também nossa esperança em estabelecer uma economia solidária, novas relações com base na justiça e na partilha.³⁴¹

Percebemos, portanto, que a mensagem do Apocalipse nunca foi e não deve ser interpretada com a intenção de amedrontar, causar medo, pois isso seria completamente contrário à proposta do próprio livro, qual seja, estimular a resistência e revelar razões para a esperança.

fundamentalismos/?fbclid=IwAR2gsqEWpD83trRfLtTMUY76gFXGx52Z3Kne_2ZSM-FoRdCVuZIk-Ae9Mko. Acesso em: 03 mar. 2021.

³⁴¹ BOHN GASS, Ildo. *Uma introdução à Bíblia: As comunidades cristãs a partir da segunda geração*. v. 8. CEBI/Paulus, 2005. p. 101.

5 CONCLUSÃO

A literatura apocalíptica, da qual o livro do Apocalipse é parte, sempre despertou curiosidade entre as pessoas pela sua linguagem e estilo. Isso, por outro lado, trouxe propostas inadequadas e descontextualizadas de leitura e interpretação desse tipo de literatura. Ao fazer esse tipo de leitura, corre-se o risco de passar de largo pela mensagem que ela pretendeu oferecer: uma mensagem de esperança e resistência diante das imposições que os impérios impuseram ao longo dos séculos, o Império Romano no caso do Apocalipse de João.

Ao adentrar na pesquisa, percebeu-se que essa literatura e, de maneira particular, o Apocalipse oferece chaves de interpretação que iluminam a realidade na qual vivemos. Manter a esperança de que a vida é mais importante diante dos sinais de morte, a exemplo do que o Império Romano causou em seu projeto de conquista, é uma luz que o livro do Apocalipse oferece.

Na pesquisa aqui apresentada estudou-se o capítulo 13 do livro do Apocalipse, destacando a imagem das duas bestas e o que elas representavam para as comunidades do séc. I, bem como o que elas podem representar para a realidade de hoje. A primeira besta que surge do mar representa o Império Romano, que vem pelas águas para dominar a região da Ásia Menor. A segunda besta é da terra, que está a serviço da primeira, com o intuito de fazer com que o povo siga o projeto que o Império apresenta.

As duas bestas estão a serviço de um projeto de morte, de um projeto maligno, que ao longo da história sempre se colocou como adversário do projeto da vida que Deus apresenta ao seu povo. Esses sinais de morte foram expressos na aparência monstruosa da primeira besta que desafia o próprio Deus, querendo usurpar aquilo que lhe pertence, que é a divindade, respeito, obediência e adoração. Com a pretensão de querer ser como Deus, a besta quer reivindicar para si essas atribuições, gerando idolatria.

A segunda besta se apresenta com uma imagem enganadora de cordeiro, para, assim, defender o projeto de morte da primeira besta. Ela fala como monstro e não como gente, ao contrário, é agente do mal, posto que ela exige sacrifícios de vidas humanas. Essa característica da besta se expressa de maneira específica na

marca que ela exige das pessoas que lhe são fiéis. Essa marca dá condição e sentido de pertença ao Império e dele pode receber benefícios.

Os seguidores e seguidoras de Jesus, o Cordeiro imolado, mas que ressuscitou, não seguem a proposta e o projeto das bestas. Ao reagirem contra esse projeto, seguem excluídos da vida social em todos os sentidos, com poucas condições de sobreviver, pois não podem comprar e nem vender. São sacrificadas em nome de um sistema de morte que o império impôs.

Não compactuar com esse sistema de exclusão e morte é resistir em nome do projeto de vida de Jesus Cristo, a Testemunha fiel. Esse foi o compromisso das comunidades para as quais o livro do Apocalipse foi endereçado.

Tendo como luz a mensagem do Apocalipse, percebe-se que o sistema que organiza a sociedade atualmente, apresenta semelhanças com o sistema do Império Romano, ao defender uma economia que gera lucro absurdo para os mais ricos, deixando a grande parte do povo sem o mínimo necessário para viver. Esse sistema exige sacrifícios de vidas, para concentrar riqueza nas mãos de poucas pessoas privilegiadas.

A presente pesquisa, que se propôs a fazer uma leitura contextualizada do livro do Apocalipse, considerando o contexto do Império Romano no final do primeiro século, quando Domiciano estava no poder e apresentava-se como deus, ilumina a caminhada hoje dos seguidores e seguidoras de Jesus na defesa de projetos que favoreçam a vida para todos e todas. A pesquisa nos mostrou que o livro do Apocalipse nunca quis oferecer mensagem de medo, mas sim, manter a fé e a esperança de que o novo céu e a nova terra são os projetos que Deus oferece a seu povo.

Não há necessidade de sacrifícios de vidas humanas ou da própria natureza para garantir riquezas para algumas pessoas em detrimento de outras. Não há necessidade de colocar a economia e o lucro acima da vida. Não há necessidade de criar ídolos da morte para justificar a opressão ou domínio de uns sobre outros. O livro do Apocalipse, portanto, tira o véu da opressão e mostra o verdadeiro caminho proposto por Jesus Cristo, testemunhado pelas pequenas comunidades do final do primeiro século da era cristã. A mensagem do livro de Apocalipse anima a resistir aos projetos bestiais que visam sacrificar vidas em benefícios de lucros. Apocalipse 13 representa uma mensagem de resistência às duas bestas, compreendidas como

um projeto idolátrico de morte, encarnado nos sistemas sociais e econômicos de ontem e de hoje. Ele pode ser vencido com fé e perseverança, da mesma forma como Jesus, o Cordeiro morto e ressuscitado, venceu. É esse convite e a mensagem que o livro do Apocalipse fez ontem e continua a fazer hoje aos seguidores e seguidoras do Cordeiro.

REFERÊNCIAS

AYRTON'S Biblical Page. **Poema Enuma Elish**. Disponível em: <<https://airtonjo.com/site1/cosmogonias.htm>>. Acesso em 20 ago. 2020.

ALBA, André. **História Universal**: Roma. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1964.

ALMEIDA, Ronaldo de. **Players evangélicos na crise brasileira (2013-2018)**. In: Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI. Organização:

ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de. **Eis que faço nova todas as coisas**: Teologia apocalíptica. São Paulo: Paulinas, 2012.

ARENS, Eduardo. **A Bíblia sem mitos**: Uma introdução crítica. São Paulo: Paulus, 2007.

ARENS, Eduardo. **Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João**: Aspectos sociais e econômicos para compreensão do Novo Testamento. São Paulo: Paulus. 1998.

ARENS; Eduardo; MATEOS, Manuel Díaz. **O Apocalipse**: A força da esperança: estudo, leitura e comentário. São Paulo: Loyola. 2004.

BALCH, David. **O Novo Testamento em seu ambiente social**. São Paulo: Paulus. 2ª edição, 2008.

BEALE, G. K.; CARSON, D. A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. Vida Nova, São Paulo, 2014.

BENCKE, Romi. **Novo coronavírus e o triunfo dos fundamentalismos**. 15 de junho de 2020. Disponível em: https://cebi.org.br/noticias/novo-coronavirus-e-o-triunfo-dos-fundamentalismos/?fbclid=IwAR2gsqEWpD83trRfLtTMUY76gFXGx52Z3Kne_2ZSM-FoRdCVuZIk-Ae9Mko. Acesso em: 03 mar. 2021.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus. 2004.

BOHN GASS, Ildo. **Uma introdução à Bíblia**: Período grego e vida de Jesus. Vol. 6. CEBI/Paulus, 2005.

BOHN GASS, Ildo. **Uma introdução à Bíblia**: As comunidades cristãs a partir da segunda geração. V. 8. CEBI/Paulus, 2005.

BORING, M. Eugene. **Introdução ao Novo Testamento**: história, literatura, teologia. Cartas Católicas, Sinótico e Escritos Joaninos. São Paulo: Academia Cristã/Paulus. 2015.

BORTOLINI, José. **Como ler o Apocalipse: Resistir e denunciar**. São Paulo: Paulus. 1994.

BOTTARELLI, Mauro, publicada por Business Insider. 07-01-2021. A tradução é de Moisés Sbardelotto. **Bancos de investimento brindam à pandemia: em 2020, embolsaram 124,5 bilhões de dólares em comissões**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/605983-bancos-de-investimento-brindam-a-pandemia-em-2020-embolsaram-124-5-bilhoes-de-dolares-em-comissoes?fbclid=IwAR0d1FRbZYkRetxaeYRAaNZmR01RFUUCHGOsR79N3SjvOvQr6CRUd96xz1c>>. Acesso em: 03 mar. 2021.

BRAKEMEIER, Gottfried. **O mundo do Novo Testamento**. São Leopoldo: Comissão de Publicações Faculdade de Teologia. 1984.

BROWN. Raymond E. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas. 2014.

CARLO, Rusconi. **Dicionário do grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003.

CARRANZA, Brenda. In: **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Organização José Luis Pérez Guadalupe e Brenda Carranza. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

CARTA CAPITAL. **Crise? Bilionários da área da saúde ficam ainda mais ricos na pandemia**. 5 de fevereiro de 2021 - 15:20. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/economia/crise-bilionarios-da-area-da-saude-ficam-ainda-mais-ricos-na-pandemia/?fbclid=IwAR2jQYEhKmPy5sV3Tnabsa689oaVyuyFodkBXjTsZ_6DGOGC YjtnDq3lEJ8>. Acesso em: 27 fev.2021.

CASTRO, CAVALCA, Pe. Flávio de, C.Ss.R. **Apocalipse hoje: Pequeno comentário ao livro do Apocalipse**. São Paulo: Santuário, 5ª reimpressão, 2018.

CERESKO, Anthony R. **Introdução ao Antigo Testamento numa perspectiva libertadora**. 2. ed, São Paulo: Paulus, 2011.

CHAGAS, Rodrigo. Brasil de Fato, São Paulo (SP). **Famílias mais ricas do mundo aumentaram suas fortunas durante a pandemia**. 05 de Agosto de 2020 às 15:36. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/08/05/familias-mais-ricas-do-mundo-aumentaram-suas-fortunas-durante-a-pandemia?fbclid=IwAR0d1FRbZYkRetxaeYRAaNZmR01RFUUCHGOsR79N3SjvOvQr6CRUd96xz1c>. Acesso em: 03 mar. 2021.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Milenium Distribuidora Cultural Ltda, 1ª edição, 1980.

COLLINS, John J. **A imaginação apocalíptica: Uma introdução à literatura judaica**. São Paulo: Paulus, 2010.

COLLINS, John J., editor. **SEMEIA 14**. Apocalypse: The Morphology of Genre. The Society of Biblical Literature. 1979.

COMBY, Jean e LEMENON, Jean Pierre. **Roma em face a Jerusalém** – Visão de autores gregos e latinos. Documentos do Mundo da Bíblia, nº 4. São Paulo: Paulinas, 1987.

CONIC/CNBB. **Texto Base da Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021**. Brasília: CNBB, 2020.

CONTENTE, Olyntho. Imprensa SeebRio. **Bolsonaro deixa de cobrar dos ricos uma reforma da Previdência por ano**. Terça, 12 Janeiro 2021 15:52.. Disponível em: <<https://www.bancariosrio.org.br/index.php/noticias/item/5663-bolsonaro-deixa-de-cobrar-dos-ricos-uma-reforma-da-previdencia-por-ano>>. Acesso em: 01 abr.2021.

CORREIO BRAZILIENSE. **Em plena pandemia, Brasil ganha 11 novos bilionários na lista da Forbes**. Disponível em: <<https://www.correio braziliense.com.br/economia/2021/04/4916557-em-plena-pandemia-brasil-ganha-11-novos-bilionarios-na-lista-da-forbes.html>>. Acesso em: 07 abr. 2021.

CORSINI, Eugênio. **O Apocalipse de São João**. São Paulo: Paulinas, 1984.

CRB. **O sonho do povo de Deus** – as comunidades e os movimentos apocalípticos. Coleção Tua Palavra é Vida, vol. 7. São Paulo: Loyola, 1996.

CRB. **Viver e Anunciar a Palavra de Deus** – as primeiras Comunidades. Coleção Tua Palavra é Vida, vol. 6. São Paulo: Loyola, 1995.

CROATTO, J. Severino. **Apocalíptica e esperança dos oprimidos** - Contexto sociopolítico e cultural do gênero apocalíptico. In: Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. nº 7. Petrópolis: Vozes, 1990.

CROSSAN, John Dominic; REED, Joathan L. **Em busca de Paulo**: Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano. São Paulo: Paulinas, 3ª edição, 2015.

CROSSAN, John Dominica; REED, Jonathan L. **Em busca de Jesus**: Debaixo das pedras, atrás dos textos. São Paulo: Paulinas, 1ª reimpressão, 2012.

CRUZ, Lília D. M. L. **Planejar, agir, perpetuar**: Excertos de Rute sobre a sobrevivência em tempos de crise. In: Economia no mundo bíblico. Enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006.

CZYMMECK, Anja. **Novo ativismo político no Brasil**: os evangélicos do século XXI. Organização José Luis Pérez Guadalupe e Brenda Carranza. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

DICIONÁRIO Enciclopédico da Bíblia. São Paulo: Loyola; Paulinas; Paulus; Academia Cristã, 2013.

ENGEL, Jean-Marie; PALANQUE, Jean-Rémy. **O Império Romano**. São Paulo: Editora Atlas S. A., 1978.

ENGELS, Friedrich. **O Livro de apocalipse**. Trad. Lucas Parreira Álvares. Rev. Gabriel Perdigão. Notas Lucas Parreira Álvares e Gabriel Perdigão. Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas, Rio das Ostras, v. 26, n. 2, pp. 299-304, jul./dez. 2020.

FILHO, José Adriano. **Apocalipse de João como relato de uma experiência visionária**. Anotações em torno da estrutura do livro. In: Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. v. 34. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1999.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **Revelation: Vision of a just world**. Fortress Press, Minneapolis, 1981.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica: Fratelli Tutti**. Sobre a fraternidade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

GIORDANI, Mário Curtis. **Antiguidade Clássica II: História de Roma**. Petrópolis: Vozes, 6ª edição, 1981.

GLOBO.COM. **Fortuna dos mais ricos salta 31% na pandemia**, Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/fortuna-dos-mais-ricos-salta-31-na-pandemia-veja-quem-mais-ganhou-quem-mais-perdeu-24820323>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

GLOBO.COM **Patrimônio dos super-ricos brasileiros cresce US\$ 34 bilhões durante a pandemia, diz Oxfam**. 27/07/2020, 06h02. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/07/27/patrimonio-dos-super-ricos-brasileiros-cresce-us-34-bilhoes-durante-a-pandemia-diz-oxfam.ghtml?fbclid=IwAR0T6BvuB_7pO6mTArRtfCmeabJmAKWdB6G-c8liY5PgSgyqqfv7XWzuU0I>. Acesso em: 03 mar.2021.

GORGULHO, Frei Gilbert S.; ANDERSON, Ana Flora. **Não tenham medo! Apocalipse**. 6ª edição, São Paulo: Paulus, 1977.

HINKELAMMERT, Franz J. **Sacrifícios humanos e sociedade ocidental: Lúcifer a besta**. São Paulo: Paulus, 1995.

HOORNAERT, Eduardo. **O movimento de Jesus**. Coleção Uma História do Cristianismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

KIPPENBERG, Hans G. **Religião e formação de classes na antiga Judéia**. Coleção Bíblia e Sociologia, vol. 4. São Paulo: Paulinas, 1988.

KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**. História e Literatura do Cristianismo Primitivo. V. 1. São Paulo: Paulus, 2005.

KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**. História e Literatura do Cristianismo Primitivo. V. 2. São Paulo: Paulus, 2005.

KRAYBILL, J. Nelson. **Culto e comércio imperiais no apocalipse de João**. São Paulo: Paulinas, 2002.

KÜMMEL, Werner Georg. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulus. 4ª edição, 2009.

LESBAUPIN, Ivo. **A Bem Aventurança da Perseguição: a vida dos cristãos no Império Romano**. Petrópolis: Vozes, 1975.

LOHSE, Eduard. **Contexto e ambiente do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2ª ed. 2004.

MANNUCI, Valério. **Bíblia Palavra de Deus**. Curso de introdução à Sagrada Escritura. São Paulo: Paulus, 4ª edição 2008.

MEEKES, Wayne A. **Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo**. Coleção Bíblia e Sociologia, vol. 8. São Paulo: Paulinas, 1992.

MESTERS, Carlos. **Esperança de um povo que luta**. Apocalipse de João: uma chave de Leitura. São Paulo: Paulus. 20ª reimpressão, 2015.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. **Apocalipse de João: A teimosia da fé dos pequenos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MESTERS; Carlos; OROFINO, Francisco. **Apocalipse de João: Esperança, Coragem e Alegria**. CEBI; São Paulo: Paulus, 2002.

MONDONI, SJ, Danilo. **O Cristianismo na Antiguidade**. São Paulo: Loyola, 2014.

MORIN, Émile. **Jesus e as estruturas de se tempo**. São Paulo: Paulus. 2016.

NESTLE, E. & ALAND, K.(eds) **Novum Testamentum Graece (28th ed.)** Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

NOGARA, Jane. Vatican News. **O Papa: uma revisão da ideia de “Justiça Social”**. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-11/papa-francisco-comite-direitos-sociais-africa-america.html>>. Acesso em: 25 fev.2021.

OSBORNE. Grant R. **Apocalipse**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

OXFAM BRASIL. **O vírus da desigualdade**. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/justica-social-e-economica/forum-economico-de-davos/o-virus-da-desigualdade/?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=search_davos2021_grants&utm_content=ads2&gclid=Cj0KCQiA-OeBBhDiARIsADyBcE6UvOG80ChMIGhULC_odBKH1ADuZZ0Lja3TI8ep3uyg5jgIL5TJhvAaAg18EALw_wcB>. Acesso em: 27 fev.2021.

PAGOLA, José Antonio. **Jesus: aproximação histórica**. Petrópolis: Vozes, 2014.

PIXLEY, Jorge. **A história de Israel a partir dos pobres**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

POHL, Adolf. **Apocalipse de João: Comentário e esperança**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001.

Pontifícia Comissão Bíblica. **Interpretação da Bíblia na Igreja**. 9 ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

PRIGENT, Pierre. **O Apocalipse**. São Paulo: Loyola, 1993.

REICKE, Bo. **História do Novo Testamento: o mundo bíblico de 500 a.C. até 100 d.C.** São Paulo: Paulus, 1996.

REIMER, Haroldo. **Água na experiência do povo do Antigo Israel**. Estudos Bíblicos, no. 80. Petrópolis: Vozes, 2003.

REIMER, Richter Ivone. A lógica do mercado e a transgressão de mulheres: Uma visão teológico-cultural a partir dos evangelhos. In: **Economia no mundo bíblico**. Enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006.

REIMER, Richter Ivone. Economia de Deus e diaconia: Estratégias de esperança para o mundo (Mt 25,31-46). In: **Economia no mundo bíblico**. Enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006.

REVISTA de Cultura Bíblica. São Paulo: Loyola, 1999.

RIBEIRO, Gilvaldo Mendes. **Culto imperial e Apocalipse de João: Uma análise exegética de Ap 13,1-18**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

RICHARD, Pablo. **Apocalipse: reconstrução da esperança**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

RICHARD, Pablo. O povo de Deus contra o Império: Daniel 7 e seu contexto literário e histórico. In: **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**. nº 7. Petrópolis: Vozes, 1990.

ROCHA, Lucas. Revista Fórum. **Enquanto fome avança, número de bilionários cresce no Brasil, e seu patrimônio dobra**. 06 de Abril de 2021 às 20:36. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/06/enquanto-fome-avanca-numero-de-bilionarios-cresce-no-brasil-e-seu-patrimonio-dobra>. Acessado no dia 07/04/2021.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003.

RUSSEL, D. S. **Desvelamento do divino: Uma introdução à apocalíptica judaica**. São Paulo: Paulus, 1977.

SAOÛT, Yves. **Atos dos Apóstolos**: Ação libertadora. Nova Coleção Bíblica. São Paulo: Paulinas, 1991.

SAULNIER, Cristiane; ROLLAND, Bernard. **A Palestina no tempo de Jesus**. Coleção Cadernos Bíblicos. São Paulo: Paulus 10ª reimpressão, 2014.

SCARDELAI, Donizete; VILLAC, Silvia. **Introdução ao Primeiro Testamento**: Deus e Israel constroem a história. São Paulo: Paulus, 2007.

SCHWANTES, Milton. **Projetos de esperança**: Meditações sobre Gênesis 1-11. Petrópolis: Vozes; SEDI; Editora Sinodal, 1989.

SILVA, Airton José da. Ayrton's Biblical Page. **Histórias de criação e dilúvio na antiga Mesopotâmia**. Disponível em: <https://airtonjo.com/site1/cosmogonias.htm>. Acessado no dia 20/08/2020.

SKA, Jean-Luis. Antigo Testamento. V. 1. Petrópolis: Vozes, 2018.

STAMBAUG, John; BALCH, David. **O Novo Testamento em seu ambiente social**. São Paulo: Paulus. 2ª edição, 2008.

SUNG, Jung Mo. **Desejo, mercado e religião**. Petrópolis: Vozes. 2ª edição. 1998

SUNG, Jung Mo. **Idolatria do dinheiro e direitos humanos**: Uma crítica teológica do novo mito do capitalismo. São Paulo: Paulus, 2018.

TOMAZELLI, Idiana. **Congresso perdoa R\$ 1 bi em dívidas de igrejas**. Brasília. 07/09/2020 12h17. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/09/07/congresso-perdoa-r-1-bi-em-dividas-de-igrejas-bolsonaro-precisa-sancionar.htm?cmpid=copiaecola>. Acessado no dia 01/04/2021.

VASCONCELLOS, Pedro L.; da SILVA, Valmor. **Caminhos da Bíblia**: Uma história do povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2003.

VEIGA, Edison, publicada por Deutsche Welle. 29-01-2021. **“Bolsonaro sabe jogar muito bem com a religião”**. Entrevista com a pastora Romi Bencke. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/606498-bolsonaro-sabe-jogar-muito-bem-com-a-religiao-entrevista-com-a-pastora-romi-bencke?fbclid=IwAR0vE8vVJucBrPh8FZ7aXGazGNaCLqm194M7P38MYZjsnEBd_61fViBJLRk. Acessado no dia 25/02/2021.

VENTURA, Thiago. **Tragédia de Brumadinho é exemplo da 'economia que coloca o lucro acima da vida', diz bispo**. Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1495295/2021/01/tragedia-de-brumadinho-e-exemplo-da-economia-que-coloca-o-lucro-acima-da-vida-diz-bispo/?fbclid=IwAR10RrIMxLSfJGjFzuqxHIX5Nr6XSRaG1mSF3NdagInD92gXwlhPa4sjZWQ>. Acessado no dia 25/02/2021.

VERMES, Geza. **Quem é quem na época de Jesus**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

VV. AA. VV. AA. **Uma leitura do Apocalipse**. 3ª ed. Coleção Cadernos Bíblicos, nº 22. São Paulo, Edições Paulinas, 1986.

WENGST, Klaus. **Pax Romana**: pretensão e realidade. Coleção Bíblia e Sociologia, vol. 7. São Paulo: Paulinas, 1991.

ZHOURI, Andréa. **Big Business Brumadinho**: as mortes que geram lucro.

Publicado: 11 Fevereiro 2021. Disponível em:

<[https://cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/geral/5522-big-business-brumadinho-as-mortes-que-geram-](https://cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/geral/5522-big-business-brumadinho-as-mortes-que-geram-lucro?fbclid=IwAR2fIP2fLDR5dS3VtHdOluU0Eize9JdogfkrmrKWPDQMEM1IJGSb2LuJyEE.>)

[lucro?fbclid=IwAR2fIP2fLDR5dS3VtHdOluU0Eize9JdogfkrmrKWPDQMEM1IJGSb2LuJyEE.>](https://cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/geral/5522-big-business-brumadinho-as-mortes-que-geram-lucro?fbclid=IwAR2fIP2fLDR5dS3VtHdOluU0Eize9JdogfkrmrKWPDQMEM1IJGSb2LuJyEE.>). Acesso em: 25 fev. 2021.